

Universidade Federal de Goiás
Instituto de Estudos socioambientais
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia

A IDENTIDADE SERTANEJA EM GOIÁS: UM ESTUDO A PARTIR DOS ELOS
ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS

Mestranda: Helaine da Costa Braga
Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Geralda de Almeida

Goiânia – 2009

Helaine da costa Braga

A IDENTIDADE SERTANEJA EM GOIÁS: UM ESTUDO A PARTIR DOS ELOS
ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção de grau de Mestre em Geografia. Programa de pesquisa e Pós-Graduação em geografia do Instituto de Estudos Socioambientais- IESA da Universidade federal de Goiás-UFG

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Geralda de Almeida

Goiânia - 2009

Banca Examinadora

DR^a Maria Geralda de Almeida
Prof^a do Instituto de Estudos Socioambientais IESA/UFG

Dr. Oswaldo Amorim Filho
Prof. PUC/MG

Dr. Eguimar Felício Chaveiro
Prof. Instituto de Estudos Socioambientais IESA/UFG

Data da defesa: 25 de Abril de 2009

Dedicatória

A todas as pessoas que valorizam a cultura sertaneja do cerrado goiano

Agradecimentos

À professora Maria Geralda de Almeida - Geografia Regional (2001), Planejamento regional (2003) e orientadora de Mestrado (2006-2009) - grata pelo aprendizado de geografia e pelo aprendizado de vida. Meu apreço pela docência exercida com destreza, sensibilidade e generosidade.

Ao professor Eguimar Felício Chaveiro – Geografia do Brasil (2001), orientador da Monografia de Bacharelado (2003), Teoria e Método (2007) componente da banca de qualificação (2007) – grata pela confiança, pela compreensão, pelo incentivo. Meu apreço pela docência exercida com criatividade, sensibilidade e alegria.

À professora Loçandra Borges – Teoria e Prática de Ensino de Geografia (2002) – grata pela amplitude das discussões sobre a prática de ensino de geografia, pelo cuidado no ano de 2002, pelas sugestões, pela contribuição e pelo incentivo em prestar a seleção do curso de mestrado.

À professora de Língua Portuguesa e Literatura, Carla Regina Braga, minha irmã, pelo apoio e pelos esclarecimentos sobre arte literária, um dos pilares da pesquisa.

Ao professor Valney Rigonato, pela amizade, pelo respeito e pela colaboração desde a graduação iniciada no ano de 1999, no curso de geografia. Meu apreço pela dedicação, pela inteligência e pela preocupação com o bioma cerrado e suas populações tradicionais.

Ao professor Tadeu Arrais pelas críticas apropriadas durante o exame de qualificação, pelo cuidado com a leitura do texto e pelas anotações feitas à punho.

À Joyce pela revisão das referências bibliográficas.

Ao Espedito pela configuração do texto.

Ao Charles, secretário executivo do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, pela presteza e pela responsabilidade no atendimento.

Ao grupo de estudos em Geografia Cultural, orientado pela professora Maria Geralda de Almeida, composto pelas pessoas agradáveis e competentes de Clarissa, Fábio, Idelma, Lídia, Luiza, Marcia e Mirne-Gleide. Grata pelas valiosas discussões e pelas colaborações à pesquisa.

Ao Silvestre e à Idelma pelo precioso acompanhamento na passagem pelos municípios de Corumbá de Goiás e Abadiânia. Em especial, às sugestões e contribuições da professora e pesquisadora Maria Idelma.

Aos sujeitos da pesquisa - homens e mulheres de origem sertaneja, moradores do campo e da cidade - pela receptividade, pela participação imprescindível à realização da pesquisa. Meu agradecimento especial à gentileza e à simpatia do seo João e da dona Júlia de Abadiânia de Goiás.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, no período de julho de 2007 a janeiro de 2008.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações	VIII
Resumo	IX
Abstract	X
Apresentação	1

Capítulo I

GEOGRAFIA E LITERATURA NA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO GOIANO

1 – Arte e realidade socioespacial	12
2 – O Sertão na Perspectiva das Ciências Sociais	22
2.1 – Os Olhares Sobre o Sertão	23
2.2 – Os Olhares Sobre o Sertão Goiano	26
2.3 – Tradição e Cultura	29
2.4 – Território, Natureza e Paisagem	34

Capítulo II

O SERTÃO GOIANO NA LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS

1 – Elementos do Sertão Para Uma Leitura Cultura em “ <i>Ermos e Gerais</i> ”, “ <i>Caminhos e Descaminhos</i> ” e “ <i>Veranico de Janeiro</i> ”	42
1.1 – Fazenda e Vivência Rural	44
1.2 – Homem e Húmus – Natureza e Vida	52
1.3 Arraial, a Rua da Fazenda	57
2 – A Cadência do Sertão Goiano	61
3 – Diálogo entre Solidariedade e Poder no Território Sertanejo	69

Capítulo III

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS E AS IDENTIDADES SERTENEJAS: DO SERTÃO REPRESENTADO POR BERNERDO ÉLIS AO SERTÃO CONTEMPORÂNEO

1 – Ruralidade e identidade cultural: o enlace do território com a paisagem	84
1.1 – O novo no território, o novo na paisagem	93
2 – Das raízes rurais aos signos urbanos: itinerários territoriais sertanejos	103
3 – Vida e Cultura: os sujeitos e os sertões dos lugares	118
3.1 – O sertão recriado	120
3.2 – Sertão da memória e o sertão simbólico	124
3.3 – O sertão da metrópole	127
À guisa de conclusão: Os sertões de Goiás	132
Referências	136

Lista de Ilustrações

Figura 01 - Localização dos municípios limítrofes do município de Corumbá de Goiás

Figura 02 - Província de Goiás: núcleos urbanos surgidos nos caminhos do ouro ao longo do século XVIII - Vila Boa, Meia Ponte, Santa Luzia, Flores de Goiás, São Domingos, Crixás, Corumbá de Goiás, Damianópolis.

Figura 03 - Província de Goiás - Século XX - localização dos municípios mais populosos da década de 1920: Catalão e Boa vista do Tocantins.

Figura 04 - Estado de Goiás: ingresso e extensão da estrada de ferro em Goiás – 1913 a 1950.

Resumo

Esta dissertação apresenta uma leitura da vivência sertaneja em Goiás, pela leitura cultural do passado. As reflexões resultam dos elos que unem Geografia e Literatura. A intenção da pesquisa foi de realçar os conteúdos culturais do espaço, de extrair do encontro da linguagem científica com a linguagem artística os elementos mais significativos da relação dos sujeitos com o território.

Estes elementos são valorizados pela corrente humanista da Geografia e estão presentes na literatura do escritor goiano Bernardo Élis. Da sua obra, escolheu-se, para uma interlocução com a Geografia, os livros de contos “Ermos e Gerais”, Caminhos e Descaminhos” e Veranico de Janeiro”.

A interpretação geográfica de contos como “Rosa”, “ A Enxada”, “ Moagem”, Como Ontem, Como Hoje, Como Depois, entre outros, levou em conta a interação dos sertanejos com a natureza do cerrado, as relações sociais de trabalho, as representações sociais , a valorização simbólica do território e as formações paisagísticas. Estas categorias de análise permitiram enviesar um percurso histórico da identidade cultural sertaneja: da sua construção em um contexto de ruralidade à sua ressignificação em um contexto de urbanidade.

Há uma modalidade de identidade cultural sertaneja na contemporaneidade. Ela é traduzida pelas leituras que as pessoas de origem rural realizam do espaço urbanizado. A comunicação entre símbolos e valores tradicionais e modernos, presentes na vivência e nas paisagens dos territórios, evidencia que a ressignificação da cultura convém ser refletida a partir das características basilares do espaço sertanejo. Os sentidos da atual vivência sertaneja puderam ser compreendidos porque, nos três capítulos que compõem o texto dissertativo, a literatura de Bernardo Élis cuidou de desvelar aspectos essenciais da complexidade do existir humano no cenário de uma cultura regional.

Palavras - Chave: Geografia – Literatura - Identidade Cultural - Sertão - Goiás

Abstract

This essay presents a reading of the country lifestyle in Goiás for the cultural rescue of the past. The reflections result from bonds between Geography and Literature. The intention of this research is to highlight the cultural space contents, extracting from the bond between scientific language and artistic language, the most significant elements in the relationship between subjects and territory.

Such elements are appreciated by the humanist chain of Geography and are present in the literature of the Goiano writer Bernardo Elis. From his work to an interlocution of Geography, the short-stories books “*Ermos e Gerais*”, “*Caminhos e Descaminhos*” and “*Veranico de Janeiro*” were chosen.

The geographic interpretation of short-stories such as *Rosa, A Enxada, Moagem, Ontem Como Hoje, Como Amanhã, Como Depois*, among others, takes into consideration the interaction between the countrymen and the nature of the Brazilian interior vegetation, the social and work relations, the social representations, the symbolic territorial appreciation and the landscape formations. These categories of analysis allowed a route crossing within the cultural backland identity: from its construction in a rural context to its recreation in an urban context.

Nowadays, there is a genre for the cultural backland identity. It is translated by readings that people from rural origin place within the urban space.

The communication between symbols, traditional and modern values present in life experience and territorial landscape points out that giving a new meaning to culture does not discard the essential characteristics of the backland.

The meanings of the current country lifestyle experience were able to be understood because, in the three chapters which compose the essay, Bernardo Elis' literature is about clarifying the complexity of the human being within the regional culture scenario.

Key-Words: Geography – Literature – Cultural Identity – Backland – Goiás.

Apresentação

A cultura qualifica o espaço geográfico. Pela cultura, na sua imbricação com a economia e com a política, o substrato físico-social onde a vida humana se desenrola se torna território. Esta premissa fundamenta as reflexões sobre a produção e a vivência territoriais na abordagem cultural da Geografia.

Os geógrafos culturais salientam que a apropriação dos territórios reflete as intenções humanas e que as paisagens culturalizadas são o registro de todas as realizações. Ao participarem de determinados territórios e de determinadas paisagens, os homens, coletivamente, constroem e portam identidades e informam como criam e vivenciam seu lugar no mundo. Importa estudar as identidades territoriais e culturais dos grupos humanos, para entender como, contemporaneamente, geografias diversas se formam, se comunicam e se complementam.

A presente pesquisa teve como objetivo principal, interpretar a vivência sertaneja no espaço contemporâneo de Goiás pela leitura cultural do passado. Além da motivação biográfica que alicerça o estudo, o interesse pela temática partiu das discussões acadêmicas orientadas por dois paradigmas caros à ciência geográfica nas últimas décadas: a valorização dos sujeitos e a dialética entre o tradicional e o moderno na produção espacial.

A valorização do sujeito do espaço é uma prática intelectual recomendada pela corrente humanista da Geografia. Gomes (2003, p.310), ao recordar as idéias essenciais da Geografia humanista, destaca a principal delas: “o homem é a medida de todas as coisas e não existe conhecimento objetivo sem a consideração deste pressuposto”. Nesta perspectiva, pensar o espaço geográfico e realizar uma leitura capaz de revelar os sentidos profundos da sua produção e da sua vivência, requer pensar os sujeitos nas suas formas de existir e de conceber o mundo – os sujeitos e sua cultura, portanto. Presentemente, o existir humano se situa entre os valores da tradição e os valores da modernidade.

Ressignificação é o termo corrente que designa a sobreposição do novo ao velho, nos conteúdos culturais. A atual vivência sertaneja denuncia, no nosso entender, a principal evidência da dialética espacial em Goiás: os novos significados incorporados à identidade territorial e cultural dos sujeitos contêm o fundamento da sua cultura de origem.

Por pensar assim, buscamos estudar a realização cultural do passado de Goiás e extrair dela elementos necessários à interpretação da realização cultural do presente. O recorte temporal da pesquisa compreende o século XX e a década corrente do século XXI.

Até a primeira metade do século XX, a ruralidade caracterizava o espaço goiano. A partir deste período, o projeto de modernização engendra as mudanças socioespaciais: a mecanização do campo e as migrações rurais – urbanas aceleram a urbanização do estado e conferem-lhe nova estruturação territorial e nova configuração paisagística. A década de 1970 marca o avanço da modernização e da modernidade em Goiás. A disseminação do fenômeno urbano recria o espaço e se faz refletir na vida social, nas práticas culturais e na dinamização da identidade territorial e cultural da população sertaneja.

Neste sentido, esta pesquisa problematiza o espaço goiano contemporâneo, assim: - Quais são os desdobramentos da transição do rural para o urbano na identidade territorial e cultural da população sertaneja goiana? – Como a paisagem goiana revela a combinação de elementos rurais e elementos urbanos? – Como pensar a dimensão cultural do rural e do urbano, em Goiás? Que influências a herança cultural sertaneja exerce na produção e na vivência atuais do espaço goiano?

Estes questionamentos direcionaram as reflexões para o processo de construção e ressignificação da identidade territorial e cultural sertaneja em Goiás. Para respondê-los, seria preciso lançar mão de uma via metodológica que pudesse permitir uma leitura significativa da cultura de Goiás na temporalidade que antecede o avanço das mudanças de maior repercussão: a primeira metade do século XX, quando o estado vivenciava um contexto de tradição e de ruralidade. Esta via metodológica deveria, também, servir de subsídio às reflexões sobre a vivência espacial contemporânea.

Decidimos pela conjugação entre Geografia e Literatura que orientou a monografia de bacharelado¹ defendida no ano de 2003. Os resultados daquele estudo foram significativos: percebemos que a linguagem literária potencializou o olhar sobre o espaço vivido pelos sujeitos goianos e, em especial, sobre as subjetividades destes sujeitos. Isto fez surgir a vontade de amadurecer a leitura geográfica sobre Goiás, pela junção da ciência com a literatura. Houve a intenção de ampliar a produção

¹ Geografia de Goiás: Jurubatuba e a Dinâmica das Paisagens do Sertão. Orientação: Dr. Eguimar Felício Chaveiro.

geográfica sobre Goiás, nesta linha de pesquisa. Tal intenção se fundamenta ainda no que Gomes (2003) escreveu a respeito do humanismo na Geografia:

Para chegar a uma verdadeira interpretação das culturas, em sua inscrição espacial, o geógrafo deve ser capaz de reunir o maior número de elementos possíveis que tratam dos valores, das significações, e das associações construídas por um grupo social. A arte é, em geral, considerada como o meio mais livre e mais espontâneo deste tipo de manifestação. Aquilo que a ciência não chega a reconhecer, devido aos limites impostos pelo método, a arte consegue por um meio não – racional. Assim, da mesma maneira que os românticos, que consideravam a poesia e a literatura como o berço da expressão dos valores humanos, os humanistas consideram a arte como elemento de mediação entre a vida e o universo das representações. Geralmente invoca-se arte, mas efetivamente a maior parte dos estudos centra-se na literatura. (2003, p.314).

Na Geografia produzida em Goiás há pelo menos duas pesquisas recentes envolvendo a literatura. Uma é da autoria de Olanda (2006). Ela estudou a representação das paisagens culturais em dois romances de Carmo Bernardes: *Memórias do Vento e Jurubatuba*. A outra é da autoria de Moreira (2008). Ela estudou a representação de Goiânia em fragmentos de *Viver é Devagar*, livro de crônicas de Brasigóis Felício.

Nesta pesquisa, optamos por contos de Bernardo Élis. Entendemos que seria rico acrescentar este autor goiano e este gênero narrativo aos estudos que unem geografia e literatura. A literatura de Bernardo Élis possui um caráter regionalista e realista. Nela, o escritor demonstra amplo conhecimento do sertão goiano. Este conhecimento é fruto do seu interesse pelo modo de vida rural que caracterizava a maioria da população durante a primeira metade do século XX. A ruralidade goiana - que importa para pensar a construção da identidade cultural sertaneja - está presente nos livros de contos *Ermos e Gerais (1944)*, *Caminhos e Descaminhos (1965)* e *Veranico de Janeiro (1966)*.

Romances, crônicas e contos possuem características que favorecem a intenção de ampliar o conhecimento da condição humana por meio da linguagem literária, e a partir daí, interpretar os sentidos do humano, na sua dimensão espacial. No caso específico dos contos, tais características dizem respeito à sua brevidade e à sua capacidade de reverberar uma dada realidade.

De acordo com Gotlib (2001,p.64) no conto sobressai “ a seleção do significativo”, pois, “ o contista condensa a matéria para apresentar os seus melhores

momentos”. Ela explica que pela brevidade do conto e pela “eliminação do supérfluo”, sua narrativa causa um espécie de “efeito único” no leitor, em especial porque ele pode realizar a leitura do conto sem interrupção. Assim, o fato narrado pode despertar a “epifania”, expressão que tem o mesmo sentido de iluminação, descoberta.

Cortázar (1974), renomado contista, discorre com propriedade sobre a apreensão do significativo numa dada realidade, ao fazer uma analogia entre conto e fotografia. Para ele, tanto no conto quanto na fotografia há

a necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (p.151-2)

A avaliar pelas palavras de Cortázar, a projeção da inteligência e da sensibilidade é o aspecto que mais beneficia o geógrafo quando escolhe a literatura como uma de suas fontes de pesquisa. Especificamente pela leitura de contos, o pesquisador pode apreender com mais profundidade os elementos da realidade descrita, pois lhe é oportunizado centrar-se sobre o dado mais significativo dessa realidade e refletir sobre seus desdobramentos.

Os contos de Bernardo Élis permitiram uma leitura relevante do espaço goiano. Sua contribuição ao pensamento geográfico se deu pela leitura integral dos livros supracitados (neste caso, a literatura serviu de inspiração, teve participação indireta no texto) e pela transcrição de fragmentos que consideramos ser aqueles que melhor ilustrariam a vivência espacial dos sujeitos e suas subjetividades (aqui, a literatura serviu de análise, teve participação direta no texto).

Para esta investigação, elegemos natureza, paisagem, território, cultura e poder como as principais categorias de análise. Elas permearam toda a dissertação que agora apresentamos distribuída em três capítulos:

Geografia e Literatura na Representação do Espaço Goiano

Neste capítulo realizamos uma discussão sobre a aproximação da Geografia com a Literatura. Chamamos a atenção para os pontos em que a linguagem científica e a linguagem literária se diferenciam e se complementam. Contamos com a explicação

de Ortega (1990) sobre a perspectiva realista nas manifestações artísticas, de modo geral. Ressaltamos a perspectiva social da literatura e sua relação com o espaço e com o tempo a partir das considerações de Candido (1975), Lucas (1978), Bosi (1986) e Santos (2004). Textos que combinam Geografia e Literatura foram apresentados e dialogados entre Wanderley (1998), Monteiro (2002), Correa (2003), Braga e Chaveiro (2003), Chaveiro (2005), Olanda (2006), Almeida (2007).

Apresentamos o espaço sertanejo na perspectiva das ciências sociais. Iniciamos com a exposição de diferentes concepções de sertão para depois focalizar o sertão goiano. As idéias mais globalizantes de sertão foram sintetizadas por autores como Abreu (1988), Souza (1998) Almeida (2001; 2003), Arruda (2001), Chaveiro (2001;2005); Moraes (2002;2003), Guillen (2002), Espíndola, (2004). As idéias restritas ao sertão goiano são da autoria de Bertran (1978), Palacin (1982) Chaul (1998), Estevam (1998), Borges (1998), Gomes e Teixeira Neto (2005) , Oliveira (2005), entre outros.

O Sertão Goiano na Literatura de Bernardo Élis

Neste capítulo buscamos elementos para uma leitura cultural do sertão em “*Ermos e Gerais*”, “*Caminhos e Descaminhos*” e “*Veranico de Janeiro*”. Estes livros reúnem contos em que Bernardo Élis ficciona o remoto universo rural de Goiás. Os enredos representam aspectos importantes da vivência espacial no contexto histórico-social da primeira metade do século XX. Por isso, contribuiram significativamente para a interpretação da construção da identidade territorial e cultural sertaneja.

Na leitura dos contos, procuramos selecionar as cenas mais características da ruralidade, aquelas em que a trama revelava a essência do modo de vida da população. Atemo-nos a todas as informações relevantes da base cultural do sertão, haja vista que, dessa leitura dependeria a análise seqüencial da ressignificação da cultura, da sua manifestação contemporânea.

As Transformações Socioespaciais e as Identidades Sertanejas: do sertão representado por Bernardo Élis ao sertão contemporâneo

Neste capítulo, refletimos sobre a ressignificação da identidade cultural sertaneja em Goiás. Consideramos o pressuposto de que a base geográfica

contemporânea combina feições da tradição e feições da modernidade, e que esta dialética orienta a vivência espacial da população de origem rural. Nosso esforço foi, então, refletir sobre esta vivência tanto no espaço rural quanto no espaço urbano de Goiás.

A leitura da dinâmica da identidade territorial e cultural sertaneja teve como fundamento a base cultural de Goiás. Assim, em toda a discussão realizada no terceiro capítulo houve o cuidado de remeter as idéias aos capítulos anteriores e de não perder de vista o propósito de ler a cultura sertaneja pela linguagem científica e pela linguagem literária. Desse modo, a literatura subsidiou o pensamento geográfico nas discussões sobre ruralidade e identidade cultural, sobre o enlace da paisagem com o território, sobre a ressignificação da identidade territorial e cultural sertaneja.

A interpretação da ressignificação exigiu o contato direto com os sujeitos da pesquisa: homens e mulheres de origem rural. Eles poderiam falar com propriedade a respeito da sua identificação com a cultura sertaneja nos dias atuais, no campo ou na cidade. Ocorreu a idéia de dialogar com pessoas mais idosas que nasceram e moraram parte significativa de suas vidas no campo de Goiás e ouvir delas as experiências territoriais vivenciadas no percurso das raízes rurais aos signos urbanos. Para tanto, escolhemos a região de Corumbá de Goiás por ser o espaço vivido de Bernardo Élis. Lá, poderíamos encontrar referências de sua vida, de sua obra, e, também, da vida de pessoas que serviram de inspiração para a criação das suas personagens. Corumbá de Goiás, cidade natal do autor, teve significado especial na sua vida e na sua produção literária. Frederico (2000) discorre sobre este significado, assim:

(...) Corumbá de Goiás à cidade de Goiás (...) É, pois, naquela região de cultura caipira e naqueles tempos, que devemos procurar pelos sinais que marcam Bernardo Élis (...) o seu engajamento no partido comunista ...mostra a sintonia do escritor com as lutas que se travavam a seu tempo (...) a militância nas fileiras do PCB deu-lhe mais que as balizas do hoje execrado Realismo Socialista. Deu-lhe, por exemplo, a possibilidade de melhor conhecer as pessoas simples - personagens de sua literatura - a sua linguagem e de aguçar o senso de justiça ... a construção de suas personagens, a paisagem rural e o contexto social em que desenrolam as ações, puderam fazer-se assentados em profundo conhecimento, o que não significa tratar-se de ' retratos da realidade, nos moldes naturalistas (2000, p. 9).

As palavras do autor remetem à paisagem pretérita de Corumbá de Goiás e facilita o entendimento de como Bernardo Élis apreendeu e interpretou aquela paisagem, durante a fase em que vivenciou o ambiente: de 1915 (ano de seu nascimento) à 1945

ano em que deixou a cidade para morar em Goiânia. Sobre o período, o literato, em entrevista concedida a Abdala (1982), relembra:

A cidade era uma fazenda com alguma comodidade urbana. Por ela passavam roceiros e índios – os Tapuios, como nós chamávamos. Minha família era muito antiga nessa região e pertencíamos à classe média. Meu pai era comerciante e poeta. Entretanto, quem me sensibilizou para a narrativa foi Rosa, uma empregada da minha casa (...) Conhecia profundamente a vida da roça apesar de lá ter vivido apenas doze anos. Não só o nome de plantas e de bichos mas também a literatura oral: “ A história de Joaozinho mais Maria”, do “ Veado mais Tatu - ela dizia mesmo assim (BERNARDO ÉLIS, apud ABDALA, 1982, p. 13).

Na explanação de Frederico e de Bernardo Élis está implícita a relação tempo-espaço e literatura discutida no primeiro capítulo. Da discussão é importante destacar a dialética entre texto e contexto e entre autor e obra. Esta dialética é entendida por Cândido (1975) como fundamental para caracterizar a obra literária. Isso acontece da seguinte forma: o contexto, em razão das condições sociais de uma época, deve apresentar os elementos essenciais de uma organização social; sobre estes elementos se fundamenta o texto. Também o contexto, em razão das condições técnicas e das informações culturais de uma época, influencia, motiva e orienta a criação artística. A visão de mundo do autor responde pelo conteúdo social da obra.

Na visita a Corumbá de Goiás, tivemos diálogos com pessoas que compartilharam o espaço vivido de Bernardo Élis. Algumas dessas pessoas estiveram muito próximas dele. Elas têm entre 52 e 91 anos de idade e moraram a maior parte de suas vidas em fazendas, umas na condição de agregadas, outras na condição de pequenos ou de grandes proprietários. Portanto, suas semelhanças com as personagens do autor não são meras coincidências. Retirando os elementos da arte que lustram ou exageram os acontecimentos da realidade, pode-se dizer que “Totinha”, “Dimas”, “Supriano”, “Jeromão”, “Elpídio Chaveiro”, “Rosa” etc. figuram nos contos como intérpretes de sujeitos que existiram e ainda existem no interior de Goiás.

Tendo em vista o caráter qualitativo da pesquisa, e, principalmente, o perfil sociocultural dos sujeitos, os depoimentos foram obtidos por meio de entrevistas abertas. Um roteiro serviu como guia, porém sem o critério de um direcionamento rígido ou mesmo seqüencial das perguntas feitas (Ele se encontra no apêndice).

A intenção foi propiciar uma situação de diálogo em que a fala dos interlocutores fluísse com a espontaneidade necessária a uma exposição honesta dos fatos. A ambientação - a própria residência dos entrevistados - beneficiou os resultados esperados: a receptividade cordial das pessoas, sua fala detalhada, ilustrada e exemplificada, assim como as atitudes, as emoções e os objetos observados, valorizaram a leitura cultural do espaço vivido.

Os relatos de memória propiciaram mais clareza das subjetividades valorizadas por Bernardo Élis na composição das suas personagens e na representação da cultura sertaneja em Goiás. Também, permitiram com que cotejássemos experiências reais de vida com aquelas ficcionadas nos contos. Este procedimento metodológico demonstrou como a literatura acrescenta significados à leitura da cultura sertaneja em Goiás, do seu passado à realidade contemporânea.

A FIG. I mostra o mapa com a localização dos municípios limítrofes de Corumbá de Goiás e as principais rodovias de acesso. Nele, estão inseridas algumas imagens da zona rural e da zona urbana. É possível observar aspectos da fazenda tradicional e da arquitetura colonial daquele município:

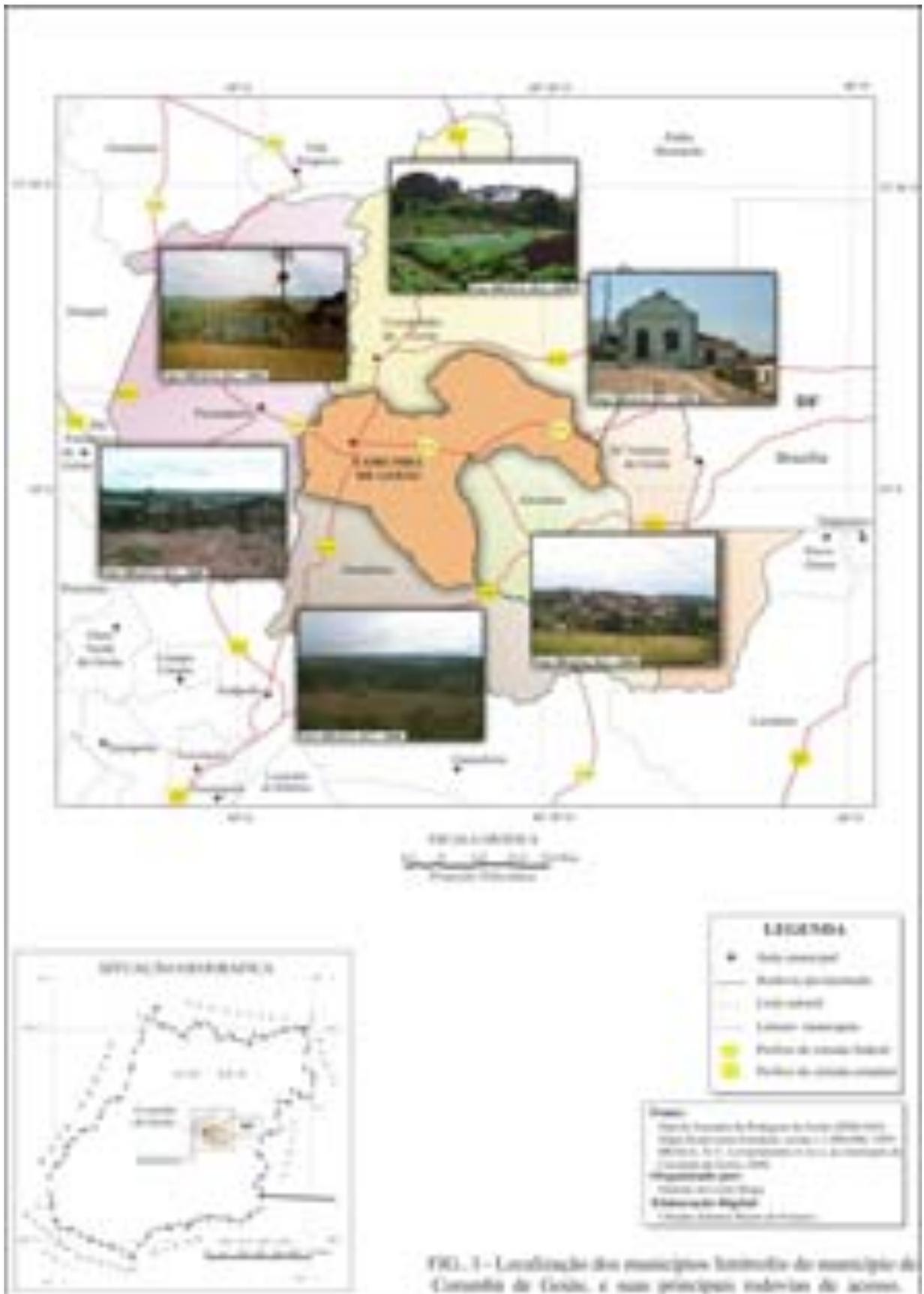


FIG. 1 - Localização dos municípios limítrofes do município de Coimbra de Goiás, e suas principais rodovias de acesso.

CAPÍTULO I

GEOGRAFIA E LITERATURA NA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO GOIANO

A aproximação entre ciência e arte já não é incomum em trabalhos acadêmicos de áreas diversas que buscam conhecer a realidade e apreender, com riqueza de significados, as dimensões do humano e do social. É assim quando as ciências sociais tomam por empréstimo, em suas análises, o conteúdo estético e subjetivo das artes. É assim, também, quando, em situação inversa, as artes, fundamentadas no conhecimento científico, aprofundam no universo real tornando - o, não raras as vezes, o recurso mais importante da sua criação imaginária. O resultado mais esperado desta conjugação é o entendimento mais aprofundado da relação estabelecida entre sujeito e mundo.

No encontro da linguagem científica com a linguagem artística, ao discursarem sobre o objeto real, observam-se visões distintas e ao mesmo tempo complementares em que a objetividade da ciência e a subjetividade da arte interagem e apresentam uma leitura enriquecida dos fenômenos estudados. Porém, não se trata de atribuir à ciência um caráter unicamente objetivo e à arte um caráter unicamente subjetivo. A consequência disso seria desconsiderar a capacidade imaginativa e a sensibilidade dos cientistas no processo de pesquisa, bem como negar a objetivação dos fatos reais, pelos artistas, no processo de criação. O que se deve reconhecer é que a objetividade é um atributo incontestável da ciência que, associado às demais exigências do pensamento científico, permite a confiabilidade das investigações. A subjetividade, por sua vez, é, por excelência, a substância da arte pois possibilita adentrar, pelo seu descompromisso funcional, na complexidade de motivações e emoções das relações humanas e sociais.

A relação entre Geografia e Literatura empregada nesta pesquisa sobre o espaço goiano, reforça a pertinência dos trabalhos que têm se utilizado desta via metodológica a fim de acrescentar aos métodos convencionais da pesquisa geográfica novas formas de interpretação da realidade. Pois, conforme afirma Chaveiro,

as análises geográficas centradas apenas na investigação das estruturas econômicas, políticas, demográficas, sociais, demarcando por meio de representações cartográficas, diferenciações de regiões, aumento da produtividade, inserção de capitais, informação e tecnologia, relação interregional, pautas de lucro e de rendas, inserção globalizada da economia não bastam para compreender a

complexidade espacial e o dilaceramento do sujeito
(...)(CHAVEIRO, 2005, p. 174)

Sob perspectivas variadas, no que diz respeito ao conteúdo geográfico apreendido em obras literárias, os estudos realizados no âmbito da Geografia - mundial e brasileira - associam sociedade e literatura, cidade e literatura, espaço vivido e literatura, sertão e literatura, entre outras.

Nesse tipo de abordagem relacional, Geografia-Literatura, os geógrafos, comumente, propõem-se a realizar uma “leitura geográfica” da obra ou das obras selecionadas. Para estes cientistas, ler uma obra literária numa perspectiva geográfica significa, em linhas gerais, elucidar o espaço social contido na obra. E isto só é possível porque reconhecem a premissa de que toda obra literária vincula-se a uma realidade espacial e temporal.

Neste capítulo adotamos o seguinte percurso analítico: uma discussão introdutória sobre arte e realidade socioespacial para distinguir as abordagens literária e científica e identificar os pontos de aproximação para uma leitura espacial; em seguida, apresentamos visões sobre o espaço sertanejo pelas ciências sociais, com o propósito de conhecer as representações sobre esse espaço; num terceiro momento, iniciamos a reflexão sobre o espaço goiano no contexto da tradição. Para finalizar, apresentamos, conceitualmente, as categorias geográficas que direcionarão a pesquisa: natureza, paisagem e território.

1 - ARTE E REALIDADE SOCIOESPACIAL

As maneiras de realizar a busca pela “geografia na literatura,” ao mesmo tempo em que são singulares na conduta de cada pesquisador - o que implica em métodos diferenciados de leitura e interpretação - coincidem na compreensão da obra literária como uma representação da realidade.

Almeida (2007) lembra que o interesse pela literatura é prática remota entre os geógrafos embora os textos desta natureza não sejam numerosos. Conforme levantamento realizado por Olanda (2006), os primeiros trabalhos datam da década de 1940. No Brasil, esta tendência tem como importantes referências os trabalhos de Wanderley (1998) e Monteiro (2002). Em Goiás, Corrêa (2003), Braga e Chaveiro (2004), Chaveiro (2005), Olanda (2006) e Almeida (2007) são alguns dos autores que atualmente inserem esta linha de pesquisa em seus estudos.

Uma breve análise destes trabalhos permite dizer que na trajetória desta incursão teórico-metodológica, a despeito das diferentes formas de abordagem, os geógrafos aprimoraram sua forma de conceber a relação entre geografia e literatura. Pelas afirmações de alguns deles, pode-se visualizar alguns procedimentos utilizados, seus pontos em comum e suas inclinações.

Wanderley explicita o elo existente entre espaço geográfico e literatura. O autor atribui esta relação à premissa do “concreto como substrato do real” mencionada no início deste texto. Nos seus escritos, lê-se:

as obras literárias, especialmente o romance, possibilitam ao leitor conhecer e visitar lugares, porque é da realidade concreta que o escritor retira elementos necessários à construção do universo ficcional num processo de recriação da vida, no qual se evidencia a relação entre espaço e literatura (WANDERLEY, 1998, p.23).

Monteiro, autor da coletânea *O mapa e a Trama*, que reúne ensaios de geografia e literatura, realiza uma auto-crítica sobre sua prática intelectual nesta área, e reconhece que

inicialmente o projeto visava à relação Geografia – Literatura pela vinculação de propósito entre espaço geográfico - restritamente focalizado em torno do “lugar” – e o espaço romanesco. A auto-crítica sobre o conjunto, segundo a seqüência de produção dos ensaios, atingiu a idéia de que assentaria melhor considerar o conjunto como uma relação entre “conteúdo” geográfico – lato sensu

– a “criação” romanesca.(...) Espero tenha ficado claro que desde o primeiro experimento (...) o conteúdo geográfico não se poderia restringir ao “lugar”. Isto porque o espaço está irremediavelmente unido ao tempo; porque a indissolúvel relacionalidade espacial embaralha “escalas;” o tempo pressupõe uma variação de “sentidos”; e a fatalidade gregária do Homem diversifica e amplia os contextos sociais, políticos e econômicos que, a partir do anseio individual, refletem-se em qualquer trama romanesca (MONTEIRO, 2002,p 17).

Nas entrelinhas deste excerto o autor apresenta o amadurecimento de suas reflexões. Sua formulação teórica corrobora a idéia de que a literatura, sob uma análise geográfica, pode contribuir muito com o desvelamento de uma dada realidade socioespacial, ou de aspectos desta realidade, desde que não se perca o sentido de totalidade do espaço. Este sentido de totalidade é expresso na argumentação de Corrêa. Para esta autora, a incorporação da literatura aos estudos geográficos pressupõe o seguinte:

por ser pródiga em mostrar diferentes organizações socioespaciais, modos de vida, a alma dos lugares, os sistemas produtivos, as experiências do cotidiano, a cultura e as tradições, entre outras motivações, a literatura não é um meio passivo e neutro de comunicação, mas uma construção sócio-cultural, um portal que se abre para os mundos concretos e imaginários dos seres humanos.(CORRÊA, 2003, p.237)

Ela acrescenta, ainda, que

valores, intenções, subjetividades, representações, identidades, enraizamento, experiência vivida, entre outras, são noções mobilizadas para recolocar o sujeito no centro das preocupações dos geógrafos em suas reflexões (IDEM, 2003, p.246).

É certo que a atenção dispensada ao sujeito do espaço é tarefa delicada ao se considerar, por exemplo, as variações de sujeitos e seus respectivos contextos espaciais. No entanto, trata-se, num primeiro momento, de valorizar o elemento humano que, muitas das vezes, aparece nas pesquisas traduzido por elaborações, descrições e estatísticas pouco eficazes em representar a complexidade da produção e da vivência espacial. Esse tipo de abordagem apresenta uma insuficiência metodológica quando o

que se deseja da Geografia é conhecer o espaço de vida da sociedade no contexto das transformações mundiais.

Este estudo, ao propor uma aproximação entre ciência e arte, tem como propósito adentrar na complexidade do espaço e fazer uma análise mais funda dos elementos essenciais que concorrem para a formação de uma cultura. A literatura, pela sua composição estética, realça estes elementos. No caso específico desta investigação, ela traz à luz os componentes fundamentais da produção da cultura sertaneja goiana, num contexto que aqui se chama de tradição.

Em estudo anterior, Braga (2004), realizou uma breve reflexão sobre Goiás a partir de sua caracterização em *Jurubatuba*, clássico do escritor goiano Carmo Bernardes. O texto, uma monografia de bacharelado², apresentou Goiás de maneira diferente da costumaz. Na abordagem, os sujeitos do espaço puderam se expressar porque as personagens de Carmo Bernardes representaram, realisticamente, os moradores do sertão.

Nessa mesma linha, Olanda (2006), em dissertação de mestrado, aprofundou a leitura de obras Carmobernadianas - *Jurubatuba e Memórias do Vento* - para representar Goiás e Goiânia, respectivamente. Sobre a aproximação entre Geografia e Literatura, a autora explicitou que

no contexto dessa abordagem, o geógrafo aplica a leitura e a interpretação de obras literárias como procedimento de investigação e desse modo, instrumentaliza a Literatura para conhecer o mundo dos homens. Nessa acepção reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de dado lugar. (OLANDA, 2006, p.21)

No mesmo direcionamento de Olanda, Almeida entende que

os geógrafos quando se interessam pela literatura, a grande maioria foi dominada por reflexões sobre a representação literária da realidade geográfica. Isto é do valor documental ou pedagógico do texto literário para a geografia, o valor fenomenológico pela transcrição da experiência dos lugares, ou o valor do reflexo das condições materiais de produção (ALMEIDA, 2007, p. 3).

Se uma determinada realidade pode ser documentada em obras literárias, o que este “documento” pode informar é a ordem socioespacial e o contexto histórico-cultural

² Nome e orientação já referidos na apresentação da dissertação.

de uma época. A alusão ao “ mundo dos homens” e ao reflexo das condições materiais de produção”, feita pelas autoras supracitadas, exemplifica isso.

Nas proposições de Olanda e Almeida fica implícita a referência a *fato e a ficção*, aclamada anteriormente, como os dois atributos da obra capazes de trazer à tona seu conteúdo geográfico: o fato como evidência da realidade concreta e, a ficção, como criação literária que privilegia esta realidade. Aliás, muitos críticos literários, como por exemplo, Eagleton (1983), fato e ficção são dois elementos que não se distinguem, não se opõem com total clareza.

A produção acadêmica dos autores referenciados até o momento compõe um importante aporte teórico relativo à relação geografia e literatura. Com base em suas experiências, pontos de vista, e posições teórico metodológicas, tratamos de encaminhar a investigação atentando para o que é próprio da ciência e para o que é próprio da arte.

Braga e Chaveiro defendem que há uma relação de complementaridade entre esses dois domínios do saber:

a ciência cumpre o papel de analisar a realidade pelas condutas que lhes são próprias: a objetividade, o rigor metódico, a sistematização e a teorização. Esses elementos conferem-lhe a função precípua de racionalizar os fatos, isolando-os da dimensão subjetiva que é intrínseca à sensibilidade artística. Esta, ao buscar uma explicação estética do mundo, atua sobre a realidade revelando a profundidade dos aspectos que a constituem e enriquecendo-lhe da evasão imaginativa da consciência criadora. Em síntese, busca-se na linguagem artística a subjetividade que a ciência não alcança (BRAGA E CHAVEIRO, 2004, p.12).

Pelas palavras dos autores, deduz-se que o grau de subjetividade de que a ciência carece é a intensidade de revelação do humano próprio das expressões artísticas. No ato da criação, o artista se mune de pelo menos dois elementos imprescindíveis ao conhecimento de realidades subjetivas: a sensibilidade e a intuição. E, com efeito, estes elementos capacitam-no a atingir esferas cada vez mais profundas destas realidades.

Ciência e arte são duas formas de explicar o mundo e o ser humano. Quando associadas é tão salutar diferenciar suas abordagens quanto identificar os pontos em que se aproximam. Ianni, em seu ensaio “Sociologia e Literatura”, também presta importante contribuição sobre a combinação entre ciência e arte. O autor assim se posiciona:

as narrativas artísticas e científicas são criações intelectuais impregnadas de figuras de linguagem, imagens, metáforas, alegorias,

aforismos, parábolas. Simultaneamente são duas linguagens radicalmente distintas, já que uma é literária e a outra científica (IANNI, 1998,p.10).

E prossegue destacando que,

a narrativa literária compreende imagens e figuras de linguagem, além do ritmo e da melodia. Compreende metonímias e metáforas, entre outras figuras, além de elaborar parábolas, alegorias e outras modalidades de cantar e de decantar, fabular e exorcizar.(...) a narrativa sociológica compreende principalmente descrições e interpretações, envolvendo conceitos, categorias, leis ou outras noções comprometidas com a fundamentação empírica e a consistência lógica.(...) nela predominam os nexos causais mais ou menos complexos ou as condições e possibilidades indicando tendências.(...) a despeito das diferenças evidentes e fundamentais, as narrativas sociológicas e literárias muitas vezes se aproximam (IDEM,1998, p.10-11).

A análise de Ianni, embora se dirija ao campo da Sociologia, permite uma analogia com a ciência geográfica. Na sua construção teórica, a geografia diferencia-se das demais ciências sociais pelo seu objeto de estudos: o espaço geográfico. A interpretação do espaço em obras literárias requer, então, por parte do geógrafo, a seleção de categorias e conceitos que podem informar o seu conteúdo propriamente espacial.

Isso significa que a leitura da obra deve ressaltar da realidade social representada, as relações mantidas entre a sociedade e seu espaço de vida, que é o mesmo que verificar o processo de produção, organização e vivência deste espaço. Aqui, sobressaem-se tanto as estruturas sociais quanto os atores destas estruturas. De forma que, uma leitura atenta aos detalhes da narrativa permitirá ao geógrafo perceber : a configuração espacial, pela situação e ordem social que a obra representa e pelas expressões paisagísticas que evoca; o lugar, em razão da atribuição de valores pelas personagens; as diferenças econômicas e sociais que repercutem em diferentes territorialidades; a relação da sociedade com a natureza - uso e representação - ; as práticas sociais; o tempo social; o ritmo... Enfim, a produção cultural de uma determinada sociedade e sua significação pelas diferentes classes sociais.

Para desvelar essa tessitura de acontecimentos e relações sociais é preciso por em evidência a tendência artística que atende aos objetivos dessa pesquisa, posto que, nem todas as correntes de pensamento que influenciam os artistas possibilitam uma leitura da realidade social capaz de acrescer significados a um estudo acadêmico. O viés

sociológico não é a preocupação principal de toda obra de arte. Buscá-lo, exige conhecer a intenção da obra e a visão de mundo do autor.

O foco do presente estudo é associar a ciência geográfica à arte literária na sua perspectiva social, e, por meio dela, potencializar o olhar sobre o elemento humano.

Não se trata, portanto, de considerar a Literatura como uma, ou, mais uma fonte documental. Trata de extrair de sua narrativa o modo de ser, os costumes e o perfil psicossocial das personagens. Pois, no drama, elas traduzirão aquilo que é essencial nos contextos socioespaciais e histórico-culturais.

A abordagem sociológica da literatura é amplamente discutida e praticada por historiadores da literatura, críticos literários e literatos. Alguns dos adeptos a essa linha sociológica são: Lucas (1978), Candido (1975), Bosi (1986) e Santos (2004). As proposições destes autores são fundamentais para as nossas reflexões. E, é justamente a justaposição do real com a ficção, do social com o estético - tratada em seus escritos - que aguça o olhar científico sobre uma obra e a torna relevante para uma investigação.

De acordo com a linha de pensamento dos autores citados, a compreensão da dimensão social da Literatura se dá, preferencialmente, pela assimilação da perspectiva realista nas manifestações artísticas. Sobre esta perspectiva Ortega é enfático ao afirmar que a arte realista caracteriza-se por ressaltar a condição humana. Nas palavras desse autor,

na obra de arte preferida pelo último século há sempre um núcleo da realidade vivida que vem a ser como que substância do corpo estético. Sobre ela opera a arte e sua operação se reduz a polir esse núcleo humano, a dar-lhe verniz, brilho, compostura ou reverberação. Para a maioria das pessoas tal estrutura da obra de arte é mais natural, é a única possível. A arte é reflexo da vida, é a natureza vista através de um temperamento, e a representação do humano etc (ORTEGA,1990, p.45)

É dos acontecimentos sociais que a arte realista se nutre para recriar e representar o mundo. A recriação do mundo pelos critérios estéticos da arte é revestida de um grau de sensibilidade que atinge a complexidade do universo existencial humano. Este universo, ao ser representado, abre-se à diversas possibilidades intelectivas.

No campo específico da Literatura, Lucas expõe os elementos que possibilitam a uma obra representar o humano numa perspectiva social. Ele, na posição de crítico literário, observa que,

a rigor, toda obra literária que fixasse uma personagem (imitação do homem real) poderia, em sentido amplo, ser considerada de caráter social inclusive Robinson Crusoe. Mas a nossa perspectiva é outra. (...) A perspectiva social será apanhada toda vez que um grupo tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o impulso das forças fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos. (...) Ficarão de fora, por exemplo, os romances que traduzem “crônicas de costumes”, isto é, um relato fragmentado e parcial da sociedade, desligado de sua estrutura fundamental. Desprezaremos igualmente os tipos psicológicos que exprimem apenas uma revolta ou inadaptação social a determinado estado de coisas, sem que o jogo conflitivo acerre elementos capazes de afetar todos os níveis de profundidade em que as relações homem/sociedade possam encontrar explicação numa ampla perspectiva de totalidade. (LUCAS,1970, p.49/50).

Esta perspectiva de totalidade encontra ressonância no pensamento daqueles autores citados há pouco: Candido (1975) Bosi (1986) e Santos (2004). Candido (1975) é o que acrescenta elementos mais apropriados à reflexão neste momento. Na mesma linha de Lucas (1970), este autor concebe que o que caracteriza a dimensão social de uma obra é justamente o fato de o texto, na sua construção, fundamentar-se em condições sociais capazes de revelar aspectos indubitavelmente essenciais da formação de uma sociedade. Lembra ainda que, de alguma maneira, todo livro apresenta “certas dimensões sociais”; só que, se estas dimensões não são fundamentais na composição da totalidade do livro, tornam-se insuficientes para “ definir o caráter sociológico de um estudo” (CANDIDO,1975,p.5-6).

Esta definição só pode ser feita “ fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”. Neste sentido, “ o *externo* (no caso o social) importa não como causa , nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto *interno*”(IDEM, 1975,p.4). Após exemplificar os propósitos desta fusão, que garante o caráter social de uma obra, ele esclarece mais adiante que,

quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada (IDEM 1975, p.7).

Candido explica que ao agir desta forma, tem-se

uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isso se dá ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno(...)(1975, p.7).

Outro fator importante é a relação que o próprio autor mantém com a obra e o público, visto que o processo de criação envolve o escritor como artista, mas também como ser social inserido numa realidade que motiva sua criação. Mais uma vez recorremos a Candido que comenta essa relação da seguinte maneira:

isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e o especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certa expectativa dos leitores ou auditores. A matéria e a forma de sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público (1975, p.74).

O artista depende das informações culturais e das condições técnicas do seu tempo para expressar sua criação. Além de integrar a sociedade que lhe oferece tais informações e condições, atua ainda como intérprete dos fatos sociais a partir da sua visão de mundo. E isso não é secundário na composição de qualquer obra, seja ela artística ou científica. Deste fator dependerão a intenção da obra e o alcance da sua dimensão social.

Por isso, ao unir geografia e literatura num estudo científico, é preciso ter claros os elementos textuais que poderão contribuir com a leitura dos contextos culturais selecionados, prevenindo-se de uma possível incoerência, em certas situações, entre o posicionamento político - ideológico do artista e o posicionamento político - ideológico do cientista, em relação aos contextos.

Ao realizar a leitura de contextos culturais a partir de um texto literário, o cientista deve cuidar para não descaracterizar a obra. Conforme lembra ECO (1986,34-49), todo tipo de texto, ao mesmo tempo em que solicita “cooperação entre emitente e destinatário”, relação que possibilita o alargamento da margem de interpretação, solicita os “limites da interpretação”, atitude ética que resguarda a essência da obra.

A essência de uma obra literária, no nosso entender, agrega a via da ideologia e a via da sensibilidade. Diz respeito, portanto, à leitura de mundo do autor e à leitura de alma que ele consegue realizar dos sujeitos e dos seus lugares sociais. Conhecer a essência de uma obra requer adentrar na relação de intimidade que o autor estabelece com sua obra.

Canetti (1990) vê o escritor como “um guardião de metamorfoses” pois,

em primeiro lugar ele se apropriará da herança literária da humanidade, que é rica em metamorfoses – o quão rica só hoje sabemos, quando os escritos de quase todas as culturas antigas já foram decifrados (...) (CANETTI, 1990, p.281).

Na opinião de Canetti

os poetas deveriam manter abertas as vias de acesso *entre* os homens. Deveriam ser capazes de se transformar em *qualquer um*, mesmo no mais ínfimo no mais ingênuo, no mais impotente. Seu desejo íntimo pela experiência de outros não poderia jamais se permitir ser determinado por aqueles objetivos que regem nossa vida normal, oficial, por assim dizer: teria de ser (...) uma paixão por si, a a paixão justamente pela metamorfose. (...) só pela metamorfose (...) seria possível sentir o que um homem é por trás de suas palavras: não haveria outra forma de aprender a verdadeira consciência daquilo que nele vive (CANETTI, 1990, p. 282).

As palavras de Canetti remetem a Bernardo Élis e sua obra. A literatura de Bernardo Élis revela dimensões profundas do humano. Consciente ou não da capacidade de se metamorfosear no outro, o escritor goiano conseguiu alcançar o íntimo do homem sertanejo e representar suas tramas no território vivido. Isso é perceptível no repertório de situações em que seus enredos expõem o perfil psicossocial das pessoas de origem rural. A explicação para o desvelamento da alma dos lugares vividos por aquelas pessoas deve estar na relação que Bernardo Élis manteve com a escrita. É ele quem diz:

Por que escrevo? (...) para explicar a mim mesmo certos aspectos que me pareciam estranhos nos homens e no mundo (...) Entendo que escrever é a minha janela para o mundo, a minha maneira de participar da vida geral. Não consigo fazer do ato de escrever uma distração ou um passatempo. É um trabalho, um exercício de conhecer as pessoas, as coisas, as situações do mundo (CURADO, 2000, P. 84 /129)

Neste estudo, atribuímos à literatura de Bernardo Élis o papel de contribuir com a leitura do passado de Goiás. Buscaremos nos seus contos os elementos mais significativos do sertão. O conhecimento destes elementos, nas suas dimensões objetiva e subjetiva, e do seu significado na formação da identidade cultural, permitirá interpretar a vivência sertaneja no espaço contemporâneo. No próximo item, as visões

do sertão brasileiro e as visões específicas do sertão goiano, pelas ciências sociais, contêm os aspectos que serão aprofundados, em seguida, na literatura.

2- O espaço sertanejo e o modo de vida rural na perspectiva das ciências sociais

O sertão é uma categoria importante para se pensar a formação socioespacial de Goiás e sua constituição cultural. Isto porque, ao longo da formação do território nacional, é concebido não só como um espaço físico com localização geográfica determinada, mas, também, como um espaço social portador de significados. Essa referência já foi feita por vários estudiosos das ciências sociais. O antropólogo Ribeiro, por exemplo, elenca em *Povo Brasileiro* (1996) as várias formações culturais do Brasil, identificando o sertão como uma delas.

Seja por sua natureza física, seja pela vida social, os espaços sertanejos compuseram o imaginário nacional ocupando, não raras as vezes, uma posição periférica calcada nas visões etnocêntricas elaboradas a partir do litoral, conforme argumentam autores como Sousa (1997), Guillen (2002) e Moraes (2002-2003). O peso dessas representações, no seu desdobramento político, fomentaram o ideal de unificação do país.

Estudos que datam ainda do século XIX privilegiaram o sertão nas suas abordagens com o intuito de entender e explicar o Brasil. As representações do Brasil sertanejo, daí decorrentes, tiveram importantes desdobramentos políticos e culturais. Sobre os elementos político e cultural se voltam as reflexões mais recentes dos estudiosos da temática do sertão.

O elemento político remete às intenções de organização e desenvolvimento dessa parte do território nacional. O elemento cultural refere-se ao conhecimento de modos de vida próprios dos espaços sertanejos. Na presente pesquisa, as duas perspectivas se entrecruzam para suscitar as especificidades do sertão goiano, parte das terras interioranas do Brasil, e sua contribuição na produção do espaço atual.

De acordo com o pensamento de Almeida (2001; 2003) e Chaveiro (2001; 2005), o sertão é um espaço criador de símbolos, identidades, valores e representações que alicerçaram a cultura goiana. Este espaço subsistiu como realidade física e social hegemônica, aquela pautada numa vida econômica e de relações orientada pela ruralidade, até a efetivação do projeto de modernização do território e sua urbanização.

A ruralidade, neste contexto, vincula-se ao modo de vida praticado em torno da pecuária e da agricultura processos de produção ausentes e ainda distantes da mecanização do campo. Este modo de vida rural desenvolveu-se em um espaço com

redes de cidades, comunicação, transporte e informação ainda incipientes quando a fase do capitalismo era pré-industrial.

Aquele contexto favoreceu o desenvolvimento e a sedimentação de determinadas realizações culturais. Este é o pressuposto que orienta a idéia de que a cultura desenvolvida no sertão, pelo seu arraigamento, exerce ainda hoje uma importante influência na produção e na vivência do espaço goiano. Cabe elucidar esta influência cultural à luz dos seus elementos rurais enraizadores e à luz da nova ruralidade³ discutida, por exemplo, por Graziano (1997), Carneiro (1998), Saraceno (2000).

Interpretar a contribuição da cultura sertaneja na constituição e na orientação da sociedade goiana atual, pelo prisma da sua relação com o espaço, exige uma busca cuidadosa, nos escritos sobre Goiás, dos elementos capazes de traduzir a realidade material e simbólica do sertão. Ou seja, exige refletir sobre Goiás no contexto de uma realidade predominantemente rural - em que o espaço urbano era organizado em função das fazendas - e extrair desta realidade sua dimensão cultural.

Antes de encaminhamos as reflexões sobre a dimensão cultural do sertão goiano é necessário estabelecermos um diálogo com autores que se dedicam à discussão mais geral sobre o conceito de sertão. Tratam - se de visões genéricas que auxiliam o entendimento de realidades locais.

2.1 Os olhares sobre o sertão

Uma pergunta que muito se sobressai no estudo dessa temática é a seguinte: - Onde fica o sertão? O que se observa na maioria das respostas dadas pelos estudiosos é uma tendência em considerar como elementos constituintes do espaço sertanejo tanto o seu substrato físico quanto a sua produção cultural.

Espíndola (2004, p.2) é uma estudiosa dos espaços sertanejos e para ela “não existem limites rígidos determinando onde começa e onde acaba o sertão, mas linhas que se movimentam conforme as circunstâncias. O sertão foi território que se expandiu e se contraiu”. Nesta mesma perspectiva, Moraes (2002-2003, p. 13) entende que “o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica:

³ A discussão da nova ruralidade será realizada no terceiro capítulo.

uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes (...). Ao encontro deste pensamento Almeida (2003, p. 4) já declarara o seu ponto de vista de que “a construção discursiva sobre o sertão espelha a maneira como ele é pensado e uma maneira específica de ver o mundo”.

Ou seja, o sertão, para além da classificação e localização se suas terras é, sobretudo, uma construção simbólica. Mesmo as classificações que levaram em conta as bases físicas e os domínios naturais do território nacional apresentam diferenças.

Uma dessas classificações é apresentada por Almeida. Ela informa que as terras do espaço sertanejo se estendem geograficamente dos “sertões nordestinos - desde o norte de Minas Gerais abrangendo os estados do Nordeste até o Piauí – e o sertão brasileiro considerando os estados de Minas Gerais, De Goiás, de Mato Grosso do Sul e parte de Mato Grosso” (2007,p.1).

Em Guillen, temos a explicação de que até as primeiras décadas do século XX a categoria sertão “era utilizada para se referir a todo o interior do Brasil, pois lugares como Mato Grosso, Amazônia, e até o Oeste Paulista, eram daquela forma denominados” (2002, p.110). Observe-se que aqui inclui-se tanto a Amazônia quanto o Oeste Paulista, suprimidos da classificação mais recente apresentada por Almeida. Acrescente-se a isso que há em outros autores referências, por exemplo, ao sertão do Paraná numa alusão a terras pertencentes ao litoral mas longínquas da dinâmica de vida da costa marítima (Arruda, 2001).

Se o sertão é uma construção, como frizam os autores, são vários os sertões brasileiros. Cabe aos estudiosos deixarem claro de qual sertão estão falando e em qual perspectiva de análise.

Grande parte das abordagens sobre o sertão brasileiro empenhou-se em revelar a identidade nacional ou a brasilidade. Souza (1997) e Guillen (2002) lembram que tal abordagem levou a se considerar os sertanejos como “autênticos brasileiros” dado o distanciamento das leis e práticas sociais portuguesas. À época do Brasil colônia, as populações sertanejas conformavam sociedades pré-técnicas que desenvolviam o curso de suas vidas conforme suas próprias condutas éticas e modelo de organização. Por esse contexto geográfico e histórico, interessou-se uma enormidade de estudos dispostos a revelar o universo sertanejo.

As “mostras” elaboradas das terras interioranas trouxeram consigo tanto enaltecimento quanto visões pejorativas das pessoas do lugar e do seu modo de vida.

Ainda que carregadas ideologicamente, todas elas oferecem-se como um tipo de fonte de pesquisa para se entender as singularidades destes espaços, o que nos permite refletir sobre o teor das práticas socioculturais que propiciaram o sentido da alteridade entre sertão e litoral.

Souza (1997), faz uma interpretação das representações sobre a nação presentes no pensamento social brasileiro. Ela apresenta a tese de um Brasil imaginado como espaços de sertão e litoral, mas pensado e projetado pelo ponto de vista do segundo. Neste sentido, uma pretensa unidade da nação pressupunha a incorporação do sertão ao litoral.

No texto de Souza é possível traçar a investida intelectual pelo sertão, por muitos “pensadores do Brasil”, e caracterizá-lo sem que isso signifique endossar as motivações ideológicas dos diversos autores. Nos escritos destes autores lê-se uma organização social peculiar que no espaço-sertão se desenvolvera, inicialmente, pelo modelo socioeconômico representado pelo pastoreio e, posteriormente, pela agricultura. O segundo solidificando o caráter de ruralização do sertão aborígine. Tratava-se de uma forma de ruralidade diferente daquela praticada no litoral, pois tinham suas bases sustentadas nos engenhos.

No interior da organização sertaneja, o gado respondia pelo seu enviesamento cultural. Esta observação pode ser ilustrada pela descrição de Abreu, considerado o primeiro autor a incorporar o sertão ao pensamento intelectual brasileiro, na historicização da formação do território nacional. Talvez o principal mérito deste autor esteja em interpretar e anunciar as práticas culturais próprias do sertão. Ele relata a importância da criação do gado nestas práticas e destaca:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prende-lo em viagem, as bainhas da faca, as brocas e surrões, a roupa de entrar no mato, as bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calçavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz (ABREU, 1988, p. 110)

O excerto remete à paisagem de uma sociedade que tinha sua vida de relações praticada em torno do gado e esta é, para Abreu, uma característica essencial da cultura sertaneja

Destacam-se, ainda em Abreu, observações a respeito de determinados “códigos de conduta” estabelecidos tacitamente nesta sociedade:

Reinava respeito natural pela propriedade; o ladrão era e ainda é hoje o mais dos epítetos; a vida humana não inspirava o mesmo acatamento. Questões de terra, melindres de família, uma descortesia mesmo involuntária, coisas às vezes de insignificância inapreciável desfecham em sangue (IDEM, 1988.p.76).

As duas proposições adquirem relevo na medida em que observamos sua constante revisitação e conseqüente incorporação nos textos de muitos autores da temática sertaneja.

2.2 Os olhares sobre o sertão goiano

Chaul é um dos autores que, a exemplo de Abreu, interpretaram os códigos de conduta no sertão, especificamente no sertão goiano. Sobre o sertão do século XIX, ele comenta:

A desobediência cível na época, apesar de não documentada, pode ser imaginada com pinceladas de realidade. Contrabando, cachaça, rituais afro, caminhos por estradas não permitidas, não pagamento de impostos, descaso para com a lei, entre outras, foram atitudes notórias no cotidiano do povo do lugar. A sociedade local parecia construir seus hábitos e sua cultura por meio de elementos próprios de tradições locais a atávicas, de memórias seculares, distantes da cultura européia. Formavam um mundo à parte, diante de um governo não reconhecido ou indiferente aos olhos da população (CHAUL, (1997,p.74).

Levando em conta que Bertran (1978) e Palacin (1982) afirmam que a atividade pecuária precedeu a atividade mineradora e conviveu com ela de forma elementar durante o século XVIII, pode se dizer que o espaço sertanejo em Goiás teve sua ruralidade consolidada ao longo do século XIX. Isso quando a prática da pecuária e da agricultura se firmam como principais atividades econômicas no espaço goiano. Durante este século “a população goiana esteve em período de acomodação e a característica básica foi a ruralização”, argumenta Estevam (1998,P.72). Para este autor, a consolidação da fazenda goiana como unidade produtiva básica da economia de Goiás

permitiu um desenvolvimento peculiar do modo de vida rural no interior das relações e práticas sociais. A base para a afirmação desse modo de vida peculiar é a comparação da fazenda goiana com os outros tipos de fazenda que se criaram, à época, nas demais regiões do país. Citam-se, por exemplo, as fazendas açucareira e cafeeira nordestinas com orientações sociais distintas daquelas vivenciadas em Goiás.

Para Gomes e Teixeira Neto, em Goiás “as fazendas carregaram um forte simbolismo: elas representaram a nova atividade que, como um novo ciclo econômico, iria substituir a mineração do período colonial” (2005, p.76). Estes mesmos autores oferecem elementos que antecipam as discussões a serem aprofundadas necessariamente na terceira parte da dissertação: a urbanização vinculada à ruralidade. Eles destacam que,

as fazendas produzindo o básico para o auto-consumo - arroz, feijão, carne, couro, farinha, rapadura, algodão para fiar, cachaça etc - são em Goiás-Tocantins o principal fator de povoamento e, direta ou indiretamente, de urbanização. Não há nada por aqui que não tenha relação com a atividade agropastoril (IDEM, 2005, p.69).

Gomes e Teixeira Neto ponderam, seguramente, que

uma coisa, no entanto, é certa: nenhuma cidade goiano-tocantinense nasceu da atividade industrial clássica, ou seja, à sombra de uma fábrica (2005, p. 70).

A peculiaridade deste tipo de urbanização também é assinalada por Chaveiro. Ao estudar as “ bases territoriais da construção de Goiânia”, ele remonta ao espaço sertão e escreve que,

É a relação processual da empresa colonial com o território do sertão que cria, geneticamente, uma especificidade no processo de urbanização de Goiás, pois fora ela que enxergou, constatou e relatou a diferenciação dos ‘lugares-Brasil’, especificamente no que tange ao sertão, em que natureza e homem, a partir de espécies vegetais, de animais, índios e, depois, mineiros, diante da exuberância das matas e do sol apimentado do planalto, fundavam uma sociedade com timbre próprio: a sociedade sertaneja; é esta sociedade, na originalidade portadora dos seus signos do sertão que tecia uma urbanização, também originária, ou seja, uma urbanização cuja face é o vínculo com a ruralidade sertaneja, em que o desdobramento geográfico mais característico era o isolamento (CHAVEIRO, 2001, p.29)

Embora a atividade agropastoril se constitua principal fator de urbanização de Goiás, não podemos esquecer que a esta atividade econômica precedeu a mineração,

como foi mencionado. A mineração materializou no espaço urbano daquele período expressões próprias da “época do ouro”. Mas, ao substituírem e se firmarem em relação a esta atividade, a pecuária e a agricultura, num segundo momento, incumbiram-se, de fato, de delinear o caráter da urbanização e das relações entre cidade e campo.

Isso é que permitiu a autores como Chaul (1997), Borges (1998), Estevam (1998), Chaveiro (2001) e Olanda (2006) afirmarem que neste período as estreitas relações mantidas entre a fazenda e os arraiais - que mais tarde se transformariam em cidades, melhor dizendo, pequenas cidades do interior, pautavam-se na ruralidade, de forma que a organização dos arraiais atendia às necessidades da fazenda.

Esta observação possui um peso considerável na explicação da convivência do rural com o urbano no curso histórico de Goiás. Ainda que campo e cidade sejam pares responsáveis pela imbricação e pela dinamização de modos de vida, houve a predominância de um em relação ao outro: o campo sobre a cidade até aproximadamente a década de 1970 e a cidade sobre o campo após as mudanças engendradas a partir deste período.

Neste momento, é interessante apresentar o conceito clássico de urbanização e alguns dados estatísticos que, embora sejam incapazes, em si mesmos, de definirem ou valorarem uma realidade espacial, permitem uma visualização da distribuição da população no período aclamado. A urbanização e seu processo em Goiás- Tocantins, para Gomes e Teixeira Neto se explica assim:

no sentido restrito do termo urbanização, é o processo de desenvolvimento e concentração da população nas cidades(...) Em 1950, quando o território goiano- tocantinense tinha a fisionomia de uma autêntica zona pioneira, a urbanização chegava apenas a 21%. Esse caráter ainda rural da população perduraria até aproximadamente a metade dos anos 70, quando as taxas de urbanização atingiam, respectivamente, 31% (1960) e 42% (1970). A virada, ou seja, a aceleração do processo de urbanização começou logo no início dos anos 70, momento então das grandes transformações econômicas e espaciais do país em decorrência de uma nova geopolítica de envergadura nacional: incorporar o grande espaço vazio do centro-oeste e da Amazônia à economia mundial (GOMES E TEIXEIRA NETO, 2005. p.102)

O espaço que hoje é estruturado a partir de elementos urbanos, até as duas primeiras décadas seqüentes à primeira metade do século XX era estruturado por elementos rurais. Isto confere à urbanidade daquele momento histórico características

bastante diferenciadas da que se propaga na atualidade e o mesmo cabe afirmar para a ruralidade de hoje, como se pretende esclarecer ainda nesse estudo.

É neste sentido que se pode falar de um espaço produzido pelas práticas políticas e sociais tradicionais ou, em Goiás num contexto de tradição. E, o conceito de tradição adotado reclama, sobretudo, a recorrência, a continuidade e a repetição como elementos estruturadores de uma vida social que não preponderaria até o alavancamento do projeto de modernização do território.

2.3 Tradição e Cultura

O contexto tradicional goiano propiciou um tipo de produção cultural traduzida pelos modos próprios de viver e de produzir o espaço sertanejo. Esta concepção de tradição associada ao modo de vida rural está presente nos estudos de Almeida (2003; 2005) e Chaveiro (2001; 2005) e aplica-se à interpretação de Goiás.

A noção de tradição proposta por Giddens é outra que contribui para pensar Goiás. Ele entende a tradição como repetição e se expressa assim:

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam experiências de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, p.37-38).

Para Hatzfeld, cuja visão de tradição se aproxima daquela apresentada por Giddens, esta tem como principal característica oferecer “estabilidade ao comportamento social”. O autor investiga a tradição no domínio simbólico e conclui que

(...) o caráter repetitivo da produção e da transmissão das informações simbólicas permite que a regulação social seja possível e que o comportamento humano não seja afetado por uma transitoriedade insuportável para o grupo (HATZFELD, 1993, p.52).

Lemos nos dois autores elementos legitimadores das práticas concebidas como tradicionais. Observe-se que ambos enfatizam na conceituação de tradição o seu caráter de repetição. Essa alusão a movimentos recorrentes desloca nosso olhar, de hoje, para uma vida sedimentada numa temporalidade correspondente a um contexto societário que não comungava de complexidade de modos de vida. Isso é comum onde o

capitalismo não atingiu sua fase industrial, como em Goiás até a primeira metade do século XX. Neste sentido, o que estamos chamando de tradição refere-se propriamente ao

conjunto de valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se trata apenas das formas dos conhecimentos ou das opiniões, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir dos valores constitutivos de uma determinada sociedade (BORHEIN, 1987,p.16).

Pensando assim, falar em modernidade em Goiás no período que antecede a implementação do projeto de modernização do território - iniciado pela introdução do maquinário na agricultura, cuja consequência marcante foi a aceleração da urbanização - requer opção conceitual e entendimento das fases e graus porque percorrem quaisquer modalidades de vivência. Mesmo porque, no mesmo período caracterizado como tradicional, em Goiás, parte significativa do Brasil e principalmente da Europa já vivenciava um estilo de vida moderno, em vários sentidos, caracterizado pelas rupturas com a organização social precedente.

No momento histórico em que Goiás era comandado por intenções políticas de grupos locais, podemos mencionar um “ideário de modernidade” oriundo destes grupos dominantes, mas não à modernidade enquanto prática social e modo de vida, como propõem Arrais (1999) e Cavalcanti (2001). Estes dois autores, só identificam, em Goiás, uma mudança social significativa – digna de ser interpretada como modernidade – em um período posterior a introdução do projeto modernizador.

Arrais lembra que em Goiânia, na década de 1930, “ encontra-se uma sociedade provinciana, numa vida pacata, de ritmo lento, que não acompanhava a velocidade das construções arquitetônicas” (ARRAIS, 1999,p.31). É esta idéia que leva Cavalcanti a esclarecer que

o projeto modernizador que originou a construção de Goiânia não se refere propriamente à modernidade como modo de vida, como complexidade de vida urbana. O projeto tem a ver muito mais com a modernização técnica (CAVALCANTI, 2001, p.25).

Com base nas argumentações de Arrais e Cavalcanti, no espaço goiano, na época referida, a modernidade era, sim, aspirada - e porque não dizer parcamente vivenciada - por grupos seletos dentro do todo social que compunha a sociedade local.

Estes grupos, da elite goiana, já contavam com condições de mobilidade espacial provedora de contatos e alargamento de relações sociais.

Isso pode ser ilustrado pelos estudos que se voltam para a organização social de Goiás no século XIX e início do século XX. Neles, não é incomum a alusão a um estilo de vida considerado moderno, perpassado por valores urbanos, principalmente quando os espaços escolhidos para essa referência são as cidades de Goiás e Meia Ponte, atual Pirenópolis.

Oliveira (2005), apenas para ilustrar, descreve uma Meia Ponte do século XIX e início do século XX caracterizada pela convivência da tradição rural com estilos de vida considerados pela autora como modernos por imitarem comportamentos propriamente urbanos. Ela observa, já naquele momento histórico, alterações lentas na sociabilidade daquela sociedade. No seu entendimento, tais alterações se faziam refletir na apropriação do espaço da cidade. Concorria para isso a propagação de idéias e práticas sociais oriundas principalmente da corte carioca. Para isso acontecer, era preciso que a cidade contasse com meios, mesmo que incipientes, de comunicação.

A autora cita a *Matutina Meiapotense* como editorial afeito em divulgar as novidades dos principais centros urbanos do Brasil e da Europa. No entanto, fica claro que a incorporação de tais comportamentos era privilégio, repetimos, das famílias de posses, aquelas que tinham acesso às letras e que conseqüentemente receberiam as influências das instituições que se modernizavam.

Neste sentido, é importante destacar estudos, como o da autora citada, à título de clarificar e situar nossa pesquisa. Não desconsideramos que intenções e vivências modernas há muito tempo estiveram presentes no espaço goiano conformando um tipo de contraponto à tradição do Estado, à sua formação socioespacial. No entanto, à época, a sociedade sertaneja, distribuída pelo vasto território goiano, em sua grande parte era constituída por moradores de fazenda e trabalhadores rurais. Acrescente-se a isso que nos núcleos urbanos formados nas distintas regiões de Goiás não se praticava a mesma espacialidade de cidades pioneiras como Goiás e Meia Ponte, a última referenciada para ilustrar, de forma breve, a interferência dos valores dos grandes centros urbanos.

Podemos afirmar que a sociedade sertaneja construiu e enraizou uma cultura permeada de códigos peculiares de existência - originários do modo de vida rural - e imprimiu tais códigos no seu território. Esta visão de cultura está evidenciada na construção teórica de Almeida que acrescenta que

é pela cultura que estas populações (sertanejas) fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular e, se ‘enraizam’ no território.”(ALMEIDA,2003, p 4).

A avaliar pelas palavras da autora, enraizamento remete à sensação, pelos grupos sociais, de pertencimento, ou seja, de fazer parte de um lugar e mais do que isso de sentirem-se seguramente estabelecidos nesse lugar. Isso deve, sobretudo, ao partilhamento de valores culturais de toda ordem - éticos, estéticos, morais, religiosos etc - construídos pelo grupo.

Estudos desenvolvidos por Weil (1990), Ecléa Bosi (1996) e Bosi (1997) convergem para a ideia de que o enraizamento é uma significativa experiência do ser humano. Segundo Weil,

o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação no mundo real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente (Weil, apud Bosi, 1996, p.411).

O entendimento de tradição como uma modalidade de vivência sustentada pelo modo de vida rural em Almeida (2001;2003) e Chaveiro(2001;2005); por práticas sociais recorrentes e repetição da produção simbólica em Giddens (2001) e Hatzfeld (1993) e pelo conjunto de valores no qual se insere a totalidade do comportamento humano em Borhein (1987), esclarece que o contexto de vida em que uma determinada organização social ainda não comunga de valores próprios de uma “sociedade industrial” é fertilmente favorecedor do enraizamento cultural.

Bosi (1999) já explicava que o ritmo lento de produção material - num determinado contexto cultural e na sua correspondência com o estágio do modo de produção capitalista - propicia a uma sociedade construir e enraizar símbolos, signos, valores e experiências. Isso porque, conforme esclarece o autor, na fase pré-industrial do capitalismo a produção de símbolos e seu sistema de significação desconhecem a efemeridade e não atendem às necessidades de consumo.

Se considerarmos em Bourdieu (1989) e Barth (1969) que uma das formas mais significativas de comunicação social se dá pela comunicação simbólica, concluiremos que produção e comunicação simbólica são fatores para os quais se deve voltar a reflexão sobre sociedades tradicionais. Este pensamento convoca um

aprofundamento da leitura relativa à dimensão cultural da tradição vivenciada pela sociedade sertaneja. Ou seja: é fundamental entender as práticas culturais dessa sociedade. É importante lembrar que o que concebemos é que estas práticas não se encontram descoladas da estrutura socioeconômica embora não sejam determinadas somente por ela, pois, há que se considerar, também, a superestrutura.

Então, o que postulamos é uma visão de cultura que contemple as vontades e ações humanas sem dissociá-las das condições históricas da produção material e simbólica da vida. Nesta perspectiva, vislumbramos uma noção de cultura, de práticas e de manifestações culturais intrinsecamente vinculadas ao social, entendendo o social como uma variante do modo de produção capitalista. Em outras palavras, toda pretensão de leitura cultural pressupõe a leitura da sociedade como um todo.

Assim, os grupos sociais irão expressar, no convívio do cotidiano, pela interação social, os conhecimentos adquiridos e construídos em condições históricas específicas. Conhecimentos que se traduzem em produções materiais e imateriais. A interpretação dos dois tipos de produção não pode desconsiderar que da organização social e da vivência espacial participa uma sociedade hierarquizada, dividida em classes sociais. Esse quesito é alertado por Cosgrove (2003) na proposta de abordagem cultural geográfica, aquela que considera uma leitura marxista da cultura.

Outro autor que pensa a abordagem geográfica cultural é Gomes. Numa perspectiva mais conceitual ele sugere pensar a cultura como

um conjunto de práticas sociais generalizadas em um determinado grupo, a partir das quais este grupo forja uma imagem de unidade e de coerência interna. O conjunto destas práticas exprime os valores e sentimentos vividos por um certo grupo social e a delimitação de suas diferenças em relação a outros grupos (GOMES, 2001,p.93).

A demarcação de diferenças de um grupo em relação ao outro, proposta por Gomes, está muito próxima da idéia de “sistemas simbólicos” e “oposições simbólicas” presentes no pensamento de Bourdieu (1989) e Barth (1999), referenciados anteriormente. Estas idéias possibilitam o entendimento da formação de identidades culturais.

Almeida (2003; 2005) pensa a cultura a partir da relação de um determinado grupo como seu espaço de vida. Para ela, a identidade cultural é caracterizada pela vinculação dos sujeitos ao seu território. Os sentimentos de pertencimento neste território prevêm a interiorização e o compartilhamento de valores, códigos sociais,

signos e símbolos criados coletivamente. Em outras palavras, a autora salienta uma identidade territorial.

Claval apresenta o que denomina de focos que concorrem para a formação de identidades culturais. Estes focos são: “ a origem comum, o desejo de adequar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa que repousa na articulação exercida de todos os aspectos de sua vida centrados na cultura” (1995, p.146).

As proposições dos autores citados contribuem para a reflexão que se encaminha sobre a sociedade sertaneja e indicam que para conhecer sua cultura alguns quesitos são primordiais: sua relação com o território, com a natureza e com a paisagem.

2.4 Território, Natureza e Paisagem

A vinculação das pessoas com o território é repleta de sentidos culturais. Isso porque o território possui valor material e valor simbólico. Na compreensão de Almeida

Como organização do espaço pode se dizer que o território responde em primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais e políticas que o atravessam. Sua função, porém, não se reduz a essa dimensão instrumental; ele é também objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo (,2001, p.108)

No mesmo direcionamento de Almeida, uma gama de geógrafos dentre os quais se pode citar Hasbaert (1995), Souza (1995), Teixeira Neto (2002), Chaveiro(2005) Rigonato (2005), reconhecem o valor sociocultural do território. Significa que o território, para além da tradicional perspectiva do “território nacional”, tem sido investigado noutras perspectivas que o consideram presente em múltiplos espaços apropriados por diversos grupos sociais, podendo ser, inclusive, efêmeros.

A referência a “espaços apropriados” como expressão sinônima a territórios expõe nossa adesão à idéia de que os territórios, em suas várias escalas, se formam a partir de relações de poder, conforme Raffestin (1993). Essas relações encerram delimitações e domínios espaciais atribuídos por grupos, indivíduos e agentes sociais. Os territórios, constituindo-se apropriações de espaços mediadas pelo poder, reafirmam a preexistência do espaço ao território, ponto de vista comum nas distintas interpretações de Raffestin (1993), Souza (1995) e Haesbaert (1995).

Nesse estudo é pertinente associar a territorialização do espaço sertanejo, e a territorialidade que ali se praticava, ao sentido do enraizamento cultural. Essa associação será aprofundada apropriadamente no segundo capítulo. Por ora, é importante dizer que a relação da sociedade sertaneja com a natureza é uma manifestação autêntica de territorialidade.

Autores como Almeida (2001;2007) Chaveiro (2001), Braga e Chaveiro (2004), Rigonato (2005) e Olanda (2006) já ressaltaram em seus estudos, sob perspectivas variadas, a estreita relação que populações sertanejas mantêm com a natureza. As investigações indicam que as representações dos sertanejos denotam a existência de uma natureza “virtuosa” ou “hostil” correspondente às suas conquistas e dificuldades, respectivamente, objetiva e subjetivamente falando.

As interpretações concorrem para assertiva apresentada por Almeida:

para o sertanejo a natureza é vista por uma dupla face. Por um lado, no seu aspecto tangível, tátil, ela é um recurso a ser utilizado. Por outro lado, na sua parte constitutiva que ultrapassa o entendimento humano, ela se revela no seu valor metafórico (ALMEIDA, 2007,p.7)

O entendimento da natureza pelos sertanejos é perpassado por uma enormidade de representações simbólicas. Estas representações, ao serem interpretadas, revelam valores e condutas essenciais desse universo cultural. Isso é o que pretendemos demonstrar pela lente literária de Bernardo Élis, no próximo capítulo, considerando-se que

os sentimentos e as representações dos sertanejos são componentes da subjetividade que conduzem uma leitura valorosa da forma como vivem e percebem sua realidade. Atentar para esses aspectos significa amparar-se em elementos imprescindíveis ao conhecimento da ruralidade goiana, posto que as ações e relações praticadas no sertão emanam de sua forma particular de organização espacial e do modo de ser da população. Adentrar sua subjetividade é procedimento inicial para identificar os signos da tradição goiana (BRAGA E CHAVEIRO 2003, p.21).

Mas que isso não implique em “romantizar”, em “classificar” os sertanejos. As reflexões que se voltam para populações tradicionais podem facilmente incorporar - ou dar margem para que incorporem - , nas suas formulações, algum tipo de nostalgia, de exaltação ao passado, sem se considerar o teor dos problemas imanentes a uma época. Da mesma forma, elas podem forjar uma identidade ou, mesmo sem a intenção de fazê-lo, serem interpretadas como tal. Diante disso, cabe lembrar que concordamos com

Almeida, ao afirmar que a atenção dispensada ao sertão – concreto ou simbólico – visa a “fornecer à ciência geográfica mais elementos que possam favorecer a compreensão deste universo espacial” (2007, p.1).

Essa compreensão solicita a interpretação das paisagens. E, é seguro afirmar, pelo conhecimento geográfico acumulado, que temos nessa categoria a possibilidade de descortinar importantes processos formadores de uma organização espacial.

As paisagens, concebidas, num primeiro momento, como materialização das ações humanas, contêm em si inscrições da sociedade, pois, expressam o acúmulo de tempos (SANTOS, 1988). Sua leitura conduz ao conhecimento das motivações que as construíram. Motivações de ordem social, cultural, política, econômica e ideológica, para não esquecermos de referendar os elementos estruturadores de uma sociedade.

Neste sentido, a análise das paisagens requer a atenção para estes elementos, para a sua imbricação. Os conceitos de paisagens, formulados ao longo da história do pensamento geográfico, fazem referência a orientações necessárias à sua observação, leitura e interpretação. Por isso, é importante referenciar alguns destes conceitos.

Uma primeira noção de paisagem que orienta esta pesquisa encontra-se em Christofolletti. Sua recorrência a Bartels é muito pertinente ao presente trabalho pois lembra a própria aproximação entre ciência e arte no campo da Geografia. Segundo o autor, a Geografia conheceu no século XVIII uma aproximação entre ciência e arte ao tomar emprestado do Romantismo o conceito de paisagem:

noção de paisagem tem origem na Geografia alemã com o conceito de Landschaft. A idéia de Landschaft é complexa e ambígua, mas parte do pressuposto que a natureza do mundo pode ser concebida como um evento visual, total e unido. Essa idéia mostra uma combinação entre ciência e arte que caracterizava muitas disciplinas do século XVIII e estava baseada na concepção aristotélica de que a natureza ou o absoluto se abre por si mesmo à observação, e que nada mais se poderia encontrar além dos fenômenos visíveis. Desta maneira a Geografia da Paisagem torna-se a percepção visual da natureza pura ou da natureza transformada pelo homem (CHRISTOFOLETTI, 1982,p. 80).

De acordo com a história do pensamento geográfico, a observação do visível baseada na descrição fora aperfeiçoada a partir de uma análise que prevê mais atenção aos elementos que se combinam na configuração das paisagens, sobretudo às intenções humanas.

Endossando esse tipo de análise, Santos (1988), apresenta a compreensão de que

a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos(...) a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma deformada. Nossa tarefa é ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda conhecimento, que depende de sua interpretação, e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência (1988,p.62).

Esta visão é representativa da perspectiva que entende a paisagem como passo inicial para se alcançar o significado das variantes espaciais a ela subjacentes. O caminho se faz da percepção ao conhecimento. Se a dimensão da paisagem é “ dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”, a apreensão da paisagem assimila tanto aspectos objetivos quanto aspectos subjetivos da sua produção. Reconhecer esta junção de aspectos na conformação das paisagens valida o entendimento já sedimentado de que elas são, sobretudo, fruto das vontades e ações humanas.

Do ponto de vista mais objetivo, a paisagem possui estreita relação com a produção. Ainda é Santos que explica que é

a relação entre paisagem e produção está em que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e consumo. A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências do espaço variam em função dos processos próprios de cada produção ao nível do capital, tecnologia e organização correspondentes (1988,p.64).

A formulação de Santos permite visualizar organizações espaciais distintas ao chamar a atenção para as bases da produção material da sociedade. Neste sentido, as paisagens refletem o momento histórico, pois se configuraram em função das condições possibilitadas por este momento. Cabe ressaltar, perpetuam-se nelas as produções oriundas de atividades econômicas específicas.

A título de exemplificação, no caso específico de Goiás, não fica difícil identificar o tempo que favoreceu a mineração, a agropecuária e mais recentemente a agroindústria quando se observa atentamente as paisagens do Estado de Goiás aplicando as orientações que apresentamos.

Esta observação é consoante à idéia de que o olhar voltado às paisagens conduz ao conhecimento das culturas. Para isso é preciso atentar principalmente para a dimensão histórica e simbólica das paisagens. Sobre isso, Claval já afirmara que

muitos elementos que compõem a paisagem modelada pelos homens desencadeiam a transmissão de conhecimentos, valores ou símbolos(...) Neste sentido, a paisagem é a matriz da cultura: ela contribui para a transferência de uma geração a outra, dos saberes, crenças, sonhos e atitudes sociais(...). Ao mesmo tempo, a paisagem carrega a marca das culturas que a formaram: inicialmente como símbolo(...) em seguida como marca simbólica (2002,p.145-146).

O autor concebe a paisagem como uma valiosa forma de conhecimento da relação do passado com o presente. E isso equivale dizer: para entender a transmissão de valores de uma geração a outra, é preciso conhecer bem o passado para então verificar sua relação com o presente.

Fundamentados nessa premissa, no próximo capítulo, dedicamo-nos a aprofundar a interpretação do passado de Goiás e de sua tradição. Para isso, como já antecipamos, potencializamos nosso olhar pela literatura de Bernardo Élis. Na leitura dos seus contos, vislumbramos os elementos essenciais à compreensão da cultura sertaneja goiana e essa compreensão contará com o aprofundamento das reflexões sobre as categorias que acabamos de apresentar: território, natureza e paisagem.

CAPÍTULO II

O SERTÃO GOIANO NA LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS

A capacidade de retratar, pela arte, a realidade de Goiás, é reconhecida em autores da estirpe de Bernardo Élis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho, Bariani Ortêncio, Eli Brasiliense, nomes evidentes no cenário da modalidade literária.

A escrita de qualquer um destes autores potencializa o olhar geográfico que se volta ao contexto espacial de Goiás, na primeira metade do século XX. Pelo conhecimento e pelo apreço pela literatura de Bernardo Élis, optou-se pelo estudo de parte de sua obra, na realização da pesquisa que conjuga geografia e literatura.

Formação e posição políticas influenciaram a literatura de Bernardo Elis. Ela é amplamente marcada pela representação do sertão goiano, espaço onde o autor se entranhou afim de conhecer o universo rural, revestido das suas dimensões político-econômica e sócio-cultural. Por diversas vezes, o autor declarou que a principal motivação da sua escrita foi expor as dificuldades vividas pelos trabalhadores rurais, no contexto de “mandonismo e descaso social” que caracterizou o campo, na época retratada. Isso já se pode notar com a publicação de “*Ermos e Gerais*” no ano de 1944, livro de contos que projeta a escrita de protesto aclamada pelo conteúdo social imanente ao espaço sertanejo de Goiás. Em 1955, o romance *O tronco*, também baseado em fatos históricos, confirma a preocupação do autor com os problemas sociais.

O papel social da literatura de Bernardo Élis se verifica pela interpretação e pela elucidação da realidade vivida pelas pessoas mais carentes da população rural. Interessado em conhecer o espaço de vida dessas pessoas, delas o autor se aproximou e estabeleceu a comunicação pela qual deu vida ao sertão fictício, numa perspectiva realista. Esta afirmação integra o depoimento de muitos críticos literários e dá razão à síntese de Santos (2004, p.112): “Élis quer o homem do campo, da pequena cidade, em primeiro plano”.

A crítica literária conferiu ao autor o feito de introduzir o modernismo no Estado. A tendência modernista traduz-se pela refinada estética literária que acompanha sua obra - expressionismo, surrealismo, riqueza de metáforas - o que pode ser ilustrado pelas palavras de Frederico:

Do ponto de vista estético, Bernardo Élis incorpora as conquistas do modernismo... acentuando a oralidade; desprezando os

longos períodos, os vocábulos raros; introduzindo o extraordinário, o estranho, o fantástico; pesquisando a cultura popular; e, ao fim, combinando os achados com a visão crítica da realidade social, herança dos anos 30 (FREDERICO, 2000, p. 7-13).

A retratação de Goiás sob a lente literária, a leitura dos acontecimentos sociais no interior de uma conjuntura político-econômica específica e a revelação da cultura local, evidenciam o caráter regionalista da obra do autor. É o próprio Bernardo Élis quem diz:

(...) Percebi que a literatura que me agradava refletia aspectos regionais... havia a literatura do Nordeste que refletia o Nordeste. Havia a da Bahia que refletia a Bahia. Do Sul, refletia. São Paulo, refletia. Goiás não tinha nada, a não ser o Hugo de Carvalho Ramos. Pensei então em fazer uma literatura que pudesse refletir a vida de Goiás (ÉLIS, apud ADALA, p.06).

Santos (2004, p.116), ao analisar os contos do autor, concorda com esta literatura regionalista e interpreta afirmativamente: “É a estética regionalista ultrapassando a descrição documental do sertão brasileiro”. Este autor explica que

Bernardo Élis, efetivamente, sistematiza o universo rural com o predomínio da narração voltada para expor realisticamente a condição social ainda imposta ao trabalhador do campo. Mas ele não reduz seus contos ao denunciamento, plantado sob uma mimese descompensada, tendenciosa ao engajamento rotulador. Élis procura em seus textos, desde *Ermos e Gerais*, a atualização estética sob a guarda modernista (2004, p. 119).

Revelar a cultura local fazia parte do projeto estético modernista. É o que explica Almeida (1985):

O Regionalismo situa-se na literatura de maneira relevante, tomando assento, em primeiro plano, no quadro de ficção. Os aspectos de sua temática oferecem argumentos para que o coloquemos em lugar de destaque. O que anima, o que lhe dá vida, é nosso povo, nosso meio, nossos problemas, nosso modo de ser e viver. O sentimento de nacionalismo que desperta em nós acorda-nos a percepção para grandes realidades. Variando de tema e aspecto, o que incentivou o Regionalismo foi a cisão nacionalista oriunda da literatura moderna que explodira em 22 (ALMEIDA, 1985, p.15).

O regionalismo, conforme esclarece a autora, caracteriza-se por estilos, técnicas, linguagens e métodos diversos que permitem captar aquilo que é essencial nos contextos culturais. De fato, a literatura regionalista tem o mérito de aprofundar em

peculiaridades de realidades locais pertencentes ao imenso e diverso cenário cultural do país. E o faz pelas condutas próprias desse tipo de literatura.

Mas, não podemos esquecer de que antes do advento do Modernismo o que se tinha era um regionalismo pitoresco, de certa forma, muito criticado. Como informam os próprios literatos, a escrita regionalista só pôde ser reconhecida pela crítica a partir da incorporação de elementos de uma nova estética: aquela que se propôs romper com o que havia de tradicional na arte literária. Tanto é, que, em Goiás, o regionalismo iniciado por Hugo de Carvalho não se absteve - como era próprio daquele momento - de se preocupar com a descrição do natural. De acordo com Santos, foi mesmo Bernardo Élis o primeiro escritor a inserir o cultural na escrita regionalista de Goiás. Nas suas palavras, “em Élis, é do mundo da cultura, das primeiras engrenagens implantadas no campo, que advêm as adversidades” (SANTOS,2004, p.114).

Santos ressaltara, em sua tese de doutorado, uma observação que fundamenta a incursão ao sertão presente da literatura de Bernardo Élis:

Bernardo Élis realça já no título dos seus livros o espaço em seus contos. Os dois primeiros, intitulados Ermos e Gerais e Caminhos e Descaminhos, dão destaque à amplitude do sertão goiano e à forma de organização espacial para o transporte dominante praticado pelos tropeiros (2004, p. 11).

Sua assertiva sintetiza o foco do nosso estudo, neste capítulo, que em outras palavras pode ser esclarecido assim: a leitura do sertão goiano, nos contos de Bernardo Élis, acompanha as trilhas do gado; a pecuária, ao lado da agricultura, é a atividade econômica pela qual analisaremos a produção espacial, as práticas culturais e a configuração paisagística de Goiás na primeira metade do século XX. Pela subjetividade da arte e pela objetividade da ciência, busca-se conhecer os elementos basilares da cultura sertaneja goiana com a intenção de esclarecer sua ressignificação no curso histórico, sua presença e sua participação no atual desenho geográfico de Goiás.

1- Elementos do sertão para uma leitura cultural em “*Ermos e Gerais*”, “*Caminhos e Descaminhos*” e “*Veranico de Janeiro*”

Os três livros de Bernardo Elis, que emprestam seus nomes ao título, reúnem contos que contemplam a realidade do sertão goiano e sua cultura. Os enredos situam o período econômico que compreende o ciclo do gado. De acordo com Santos (2004) o enfoque de cada obra pode ser assim resumido:

“*Ermos e Gerais*” (1944), teve ampla aceitação no meio literário, pois, nele o autor demonstra vasta familiaridade com a cultura do lugar. No livro, a fazenda, atravessada por uma intensa vida de relações, é a unidade espacial que constitui a matéria artística do escritor. A construção narrativa se desenvolve a partir dos componentes culturais propriamente rurais.

“*Caminhos e Descaminhos*” (1965), destaca o espaço urbano traduzido pelos arraiais na sua estreita relação com a fazenda. Neste livro observa-se uma maior imbricação de elementos rurais e urbanos merecendo atenção as incipientes trocas culturais realizadas com habitantes da nova capital: Goiânia.

“*Veranico de Janeiro*” (1966), apresenta as relações conflituosas entre coronel e subordinados e o espaço em que estes conflitos desenrolam é a cidade, a pequena cidade interiorana.

Nos três livros, selecionamos os contos avaliados como os que traduzem, amplamente, os elementos culturais do sertão goiano. A análise dos contos não segue necessariamente a seqüência de sua publicação, a não ser quando consideramos importante por em evidência o curso histórico de Goiás, já que a temporalidade, que compreende o início do século XX até aproximadamente os anos 1960, transparece nos livros.

Não julgamos interessante, para este estudo, transcrever qualquer dos contos na sua inteireza. Optamos por mesclar excertos de um e de outro, após leitura e interpretação das narrativas. Isso possibilitou enfatizar as categorias de análise eleitas: território, natureza, paisagem, cultura e poder, pertinentes à presente análise geográfica. Esta análise inicia-se pela leitura da cultura pretérita de Goiás. Cultura edificada em ambiente de cerrado, num espaço organizado em fazendas e arraiais.

A cultura a que nos referimos, cabe lembrar, é a cultura sertaneja que se construiu após a ruralização de Goiás. Portanto, não nos reportamos às sociedades indígenas, ou à sociedade mineradora precedentes. Temos a clareza de que os distintos

grupos sociais, bem como os sucessivos ciclos econômicos de Goiás, induziram uma produção cultural específica.

Antes de procedermos a análise contística, convém apresentar uma caracterização do período investigado nesta etapa. Braga e Almeida sintetizam este período - retomando suas fases precedentes e dando margem à sua projeção - nas seguintes palavras:

De fato as relações que implicaram o povoamento do território situam-se na valorização que o mesmo ganha com a descoberta do ouro. Em Goiás, as atividades auríferas estendem-se por todo o século XVIII. Durante o século XIX, essas atividades já decadentes, convivem com a lavoura e com a pecuária que se afirmam, em seguida, como atividades produtivas no interior da fazenda goiana. As primeiras décadas do século XX apresentam mudanças lentas: formação de alguns conglomerados urbanos e ligações com outras localidades propiciadas pela construção da estrada de ferro. Já no período que compreende as décadas de 1930 e 1970, políticas territoriais, como a “ Marcha para o oeste”, cumprem o papel de conduzir o Estado à integração nacional, preparando as bases para a modernização do território goiano, conforme lê-se em Borges (1990) e Estevam (1998). Acredita-se que a organização dessas estruturas se fez refletir nas ações mais subjetivas do corpo social: nas suas representações - sobretudo espaciais - e nas suas formas de conceber e viver o mundo (2006 p.8).

Como sugere a síntese, será realizada uma interpretação da cultura sertaneja com base na edificação de valores propiciados pela agropecuária. Uma vez esclarecido o recorte temporal e lembradas as categorias de análise, a discussão se inicia sob duas perspectivas: 1- sobre a cultura sertaneja se volta o olhar de Bernardo Elis; 2- sobre a literatura de Bernardo Elis, se volta o olhar geográfico. O enlace entre Geografia e Literatura, neste segundo capítulo, objetiva discernir o modo de vida que delineou a construção e a prática de uma identidade territorial e cultural.

1.2 Fazenda e Vivência Rural

Autores como Palacin (1986), Bertran (1992), Borges (1995) Gomes e Teixeira Neto (2005) e Estevam (1998) já escreveram sobre o papel que a fazenda goiana exerceu na formação cultural de Goiás. Seus estudos evidenciam que o cerne da cultura sertaneja se constituiu em razão da peculiar vida de relações desenrolada no interior daquele espaço. Em ambiente de paisagem e modo de vida rústicos, em que mulheres, homens e crianças não tinham mais que plantas, bichos e objetos simples como componentes de sua realidade de signos, irrompeu o sentido da ruralidade.

Da mineração, atividade que antecedeu a agropecuária, restaram as cavidades em solos já desafortunados de ouro e a lembrança do vil metal na arquitetura colonial das primeiras cidades goianas como Goiás Velho, Pirenópolis, Corumbá de Goiás, Santa Luzia, que podem ser localizadas no mapa da FIG.II, da página ao lado.

Depois de exaurido o ouro, plantações e gados são os elementos paisagísticos a confirmar que os principais recursos do território não se encontram mais no subsolo. Já não é preciso perscrutar camadas tão profundas, quando a terra, recoberta por áreas de pastagens e de plantio, torna-se o principal meio de produção em Goiás.

Para trabalhar com gado e com terra também é preciso de muita gente. Não de gente com o perfil aventureiro dos desbravadores das matas de cerrado, aqueles que, empunhando ferramentas pontiagudas, trilham e escavam os caminhos do ouro. Mas, é de gente com berrantes a guiar o gado e com enxadas a carpir a terra. A agropecuária destituiu o avesso do solo em Goiás. A atividade que era elementar no auge da mineração, agora é substancial.

De “*Caminhos e Descaminhos*”, de Bernardo Élis, emergem as primeiras representações literárias da vivência rural. Nos fragmentos selecionados há uma exaltação da paisagem rural e nela estão presentes elementos essenciais que compunham o lugar e que informam os costumes das pessoas do lugar. Há, também, uma atenção especial para o trabalho. Esse conjunto leva a considerar modo de vida e economia como combinação fundamental na construção de uma identidade cultural e territorial.

Na narrativa do conto *Pelo Sim, Pelo Não* a fazenda é apresentada assim:

A fazenda não era lá muito boa, não, mas possuía suas manchas de terra fresca, suas furnas de cambaúba e capim meloso, coisa especial, onde pastavam algumas centenas de cabeça de gado bruxo já meio mestiçado de zebu, brabo que era uma coisa por demais. Só sentir cheiro de gente, os bichos levantavam a cabeça, sacudiam as aspas enormes e deixavam era poeira na cara do cristão. E com meu padrinho, que Deus tenha, lá fomos nós custear êsse gado, pegar aquelas brabezas a casco de cavalo e laço e derrubar pelo rabo, reunir em pastoreio, meter no curral, salgar, cortar a vassoura do rabo, marcar e carimbar. Uf, nem lhe digo! Foi o que deu outubro e novembro e nós naquela labuta que era um nunca mais se acabar! Por cima, o capeta da curralama andava toda estragada e o pessoal estava reonstruindo quase tudo, racha aroeira praqui, pororaoca pra li, reajusta uma porteira mais acolá (*CD*, p.73).

Nas entrelinhas da narrativa de Bernardo Élis, na sua leitura minuciosa, podem ser conhecidos importantes costumes praticados por aquela sociedade. Observe-se que foi escolhido um trecho em que a voz narrativa anuncia, em primeiro plano, a unidade espacial onde se edificou a cultura sertaneja. A descrição da fazenda ressalta a presença do gado, em suas centenas de cabeça, e seu comando pelos homens do sertão. As imagens captadas sensorialmente permitem perceber a pecuária - atividade econômica - na sua dimensão cultural.

A descrição do trabalho com o gado continua:

Barras do dia quebrando, um gole quentinho de café no papo, a gente já pulava em riba do socadinho, metido nas calças justas de couro que lá chamavam de perneiras, atirava nos ombros a capa “ideal” que a chuva não era caçoada, na garupa o cipó de doze braças, e rumava para o campo. Uns iam pegar as brabezas, outros iam dar pastoreio: era a labuta que você sabe. Antes do pessoal esparramar, na passagem do córrego, amoitado numas touceiras de gravatás, havia um garrafão de cachaça com umburana: a gente bebia escondido, que meu padrinho tinha uma jeriza danada de todo jeito de bebida (*CD*, p.74).

“ Barras do dia quebrando”, o trabalho começa cedo. Após um gole de café, era preciso “rumar” para o campo com vestimenta e munição apropriados. No caminho percorrido, a parada para o segundo gole do dia - agora de cachaça - é realçada pela paisagem de cerrado, nas suas touceiras de gravatás. O encadeamento das etapas cumpridas pelos vaqueiros respalda a importância que a pecuária exerceu na vida daquelas pessoas, como foi antecipado no primeiro capítulo, a partir dos estudos de Abreu (1988).

Criar gado é uma atividade rotineira chamada de “labuta” pelos sertanejos. O processo de “custear”, “laçar”, “derrubar”, “reunir em pastoreio”, “meter no curral”, “salgar”, “cortar a vassoura do rabo”, “marcar” e, por último, “carimbar”, deixou marcas não apenas no gado mas também naqueles homens vaqueiros. Falamos de marcas culturais. Ora, uma sociedade vivendo num contexto de ruralidade, habituada ao campo, íntima, portanto, da “lida” que o campo requeria, incorporou no seu modo de vida os códigos da cultura do lugar.

Decifrar estes códigos exige observação cuidadosa do passado. A tarefa não é simples porque as características e os valores relativos à temporalidade atual podem deturpar ou suprimir conteúdos culturais pregressos. Por isso, no primeiro capítulo houve empenho em demonstrar as possibilidades de uma leitura mais aprofundada da vivência rural, pela linguagem literária.

Os contos de Bernardo Élis contêm um tônus lingüístico que a linguagem acadêmica deixa a desejar. Este tônus nada mais é do que o uso literário das palavras. As palavras narradas por Bernardo Élis conformam um corpo de texto representativo de emoções e de subjetividades produzidas no espaço rural. Por exemplo, a fala coloquial das personagens e as intervenções da voz narrativa contemplam as principais variedades da língua falada pela população rural.

À literatura não escapa as características próprias de uma época. No sertão pretérito de Goiás, a sociedade é marcada pelo machismo. Na representação não seria diferente. Os contos revelam uma sociedade patriarcal e os excertos a que nos atemos, de início, dão enlevo à presença masculina no espaço rural. O que poderia ser interpretado como acepção de gênero, é, em verdade, fidelidade do autor à temporalidade retratada.

Na obra de Bernardo Élis, os papéis e os valores sociais são bem focados, o que se confirma pelo encaixe dos gêneros, das faixas etárias e das hierarquias sociais. A cultura de um lugar é produzida por todos os sujeitos sociais. Por conseguinte, a participação de cada sujeito na sua cultura obedece a construção de valores. Não faltarão, ao longo do texto, passagens que evidenciam os valores que aquela sociedade atribuía ao homem e à mulher, às crianças e aos jovens, bem como às posições e profissões ocupadas por eles.

O cotidiano rural de mulheres e crianças aparece na próxima citação. Trata-se de numa ruralidade vivenciada num pequeno arraial:

Do interior da casa vinham os primeiros sinais de vida, do dia que recomeçava como se fosse um novo viver. Eteelvina resmungou um bocejo atroador; depois com voz suja de sono ainda, pegou a chamar a filha:

_ Tohna, ô Tonha, acorda! Tá na hora ... _ A mocinha resmungava palavras choradas, com manha, certamente desejando dormir mais um pouquinho: _ Bamo, menina, pegar no pesado. Entre bocejos, resmungos, zunzuns confusos de conversas, Etevilna e filha iniciavam a labuta cotidiana. A bassoura raspava, uma porta rangeu, o machado começou a picar lenha. Mais adiante, davam milho às galinhas e uma voz de homem proferia o clássico ti-ti-ti – pururu, a que o gado de pena respondia com cacarejos, cloques e cantos alegres (VJ, p. 33).

As atividades desempenhadas pelas mulheres começam no lar. A mãe intima a filha às prendas domésticas e já adverte: é trabalho pesado. Bernardo Élis lança mão de frases curtas, certamente para enfatizar acontecimentos que ilustram a rotina daquelas pessoas. Nos diálogos, são corriqueiras as expressões “pegá no pesado” e “garrá no pesado”. O autor as retira da dimensão psicossocial das pessoas reais e empresta às suas personagens. Tais expressões mostram os sentidos culturais que aquela sociedade conferia ao trabalho cumprido na fazenda e no arraial, dentro e fora da casa.

No conto *Rosa*, a personagem Rosa, mulher jovem, chegada no arraial, possui as habilidades necessárias ao serviço doméstico:

E Rosa foi ficando para lavar roupa, rachar lenha, pilar arroz, socar paçoca, capinar quintal, torrar e socar café, fazer sabão, buscar água na bica (VJ, p. 87).

As atividades a serem cumpridas por Rosa indicam um trabalho feminino oneroso no sertão de Goiás. Contemporaneamente, homens e mulheres relembram um passado de muito trabalho na “fazenda goiana”. Relatam que, em vida adulta, as tarefas, muitas das vezes, eram realizadas em paridade de atribuições.

Na sociedade sertaneja, o trabalho praticado desde a infância foi mantenedor de uma economia de subsistência. Mormente, seu exercício levou à formação de valores cultivados pelas pessoas do campo. O envolvimento direto com os elementos naturais dependia de um nível aprofundado de conhecimento e de zelo. Conhecimento das coisas do lugar e zelo pelas coisas do lugar são características iminentes ao universo rural. Prova disso é que a sapiência popular, a respeito das espécimes do cerrado e do ciclo da natureza, criou um modo particular de lidar com o estritamente natural e revestí-lo de cultura.

Pelas idéias e pelo trabalho se constrói uma cultura. Não há novidade nesta assertiva que explica o sentido da visão e da transformação da natureza pelos seres humanos. Porém, há diferenças nas convicções sobre a natureza e nas formas como ela é transformada. Significa que se cada contexto social é influenciado pelo tempo histórico, a análise de contextos específicos não pode prescindir de uma atenção às mentalidades. São elas que orientam as relações e as realizações humanas.

A avaliar pela forma com que Bernardo Élis expõe as mentalidades, o saber – fazer dos sertanejos é um dos principais elementos da sua identidade cultural.

Esta idéia está implícita nos textos de autores como Brandão (1999) e Candido (1998). À exemplo de Bernardo Élis, eles interpretam com a fidelidade proporcionada pelos registros de campo, o significado atribuído ao ato de acordar e levantar cedo, ao ato de criar e alimentar os bichos, ao ofício do plantio, do roçado, da colheita, das prendas domésticas e do feitiço dos produtos necessários à sobrevivência. Estas atividades exigiam muito esforço físico na sua realização, pois predominava o uso de técnicas rudimentares. A sociedade sertaneja conheceu bem o significado do trabalho braçal, como se pode observar no excerto seguinte:

No paiol, a casa dos bezerros, nos ranchos imundos e frios perdidos nas lonjuras das grotas, os camaradas resmungavam estremunhados procurando afastar das pálpebras o sono, estirando os membros entorpecidos pela soneira de pedra. Os roceiros resmungavam, os cachorros ganiam a sua gafeira, os meninos de peito choravam irritantemente na madrugada cheia do canto dos galos; mas nenhuma porta de rancho se abria. Era preciso que jeromão largasse a buzina e saísse dando coices pela porta da casa dos bezerros, pelo madeirame a-pique do paiol e pelas portas dos ranchos próximos, aos gritos:

- Vamos ver, pessoal; garrá o pesado! (CD, p.81)

A descrição, na sua materialidade, privilegia elementos característicos da paisagem da fazenda - os ranchos, o paiol, a casa dos bezerros. A paisagem é animada pela presença de homens, mulheres crianças e bichos. As pessoas possuem modo de vida simples, habitam ranchos de pau - a - pique, expressão modesta do lar rural. Os bichos citados - cachorros, galos e bezerros - são, por excelência, os integrantes que tornam típico o quintal ou terreiro da fazenda.

A ambientação permite uma noção da espacialização dos objetos da fazenda e da sua aparência. Para quem conheceu de perto o meio rural com estas características, não há dificuldade em recordar o chão batido dos ranchos e o teto escurecido pela

fumaça borrifada das fornalhas. Os ranchos eram, em sua maioria, pequenos, compartimentados em quarto, sala, cozinha e dispensa. A mobília rústica, geralmente esculpida em madeira, e a ornamentação campestre denotavam uma estética propriamente rural.

Os diálogos evidenciam que, no sertão goiano, os moradores participavam de uma condição social em que o regime político, favorecedor do latifúndio, propiciava uma vida de relações nos seguintes termos: na fazenda, famílias proprietárias de terras e famílias agregadas, compartilhavam um modo de vida simples. Na sua convivência eram parecidos os símbolos, valores e costumes.

Alguns exemplos merecem ser apresentados: nas casas de fazenda - sede e ranchos - os objetos de uso e de adorno não se diferenciavam muito. Havia, entre os moradores, uma despreocupação com a formalidade da língua. Ditados populares, dialetos, expressões características do sertão promoviam nivelamento da linguagem falada⁴. As festividades e a fé religiosa caminhavam juntas. Normalmente, eram realizadas festas em homenagem a algum Santo ou Santa do catolicismo, religião predominante no meio rural. Nestas ocasiões a sociedade sertaneja dividia o mesmo lazer, as mesmas devoções.

A dimensão simbólica da fazenda tradicional explicita a formação de uma identidade cultural. Na concepção de Almeida (2001), uma identidade cultural é formada a partir dos vínculos que os indivíduos estabelecem com o seu território. Essa vinculação pressupõe, num primeiro momento, a significação do espaço, pelos grupos sociais, com base em todos os elementos que o constituem, os naturais e os culturais. Num segundo momento, a interiorização dos elementos espaciais direciona processos de identificação. No âmbito dos grupos, a identificação com a cultura é coletiva.

Fundamentadas no sentido coletivo da identidade cultural, Braga e Almeida (2006), em estudo anterior sobre o sertão, consideraram pertinente propor uma territorialidade “mestra” praticada pelos sertanejos. As autoras explicam:

Não se desconsideram (...) as diferentes territorialidades e suas tensões presentes no espaço sertanejo, sobretudo aquelas reforçadas pelo componente de classe acentuado no decorrer da história de

⁴ Nos contos de Bernardo Élis, em situações diversas, aparecem variações da língua traduzidas pelos corriqueiros termos, “ em riba” (por cima), “trupicá” (tropeçar), “degas” (auto atribuição de importância), “drumi” (dormir), “adonde” (onde), “pelo-sinal” (sinal da cruz), “ Deus-Nossinhô” (Deus Nosso Senhor), “ pegar o grude” (Alimentar), “ pegá no pesado” (Trabalhar muito) “ dindinha” (Madrinha) “ Que mané ...” (Desqualificação de atitudes e ou pessoas) “ara, trem” (Interjeição Regionalista), entre outros.

Goiás(...) No entanto, a análise recai sobre o nível do “ território vivido”, portanto identitário (aqui o sertão), no qual a tradição é portadora de elementos culturais que podem ser compartilhados por distintos grupos sociais: as crenças, as festas, a religiosidade, a lingüística, os costumes adquiridos pela vivência na fazenda goiana. Atribui-se à tradição goiana uma modalidade de constituir territorialidades no seio das quais se admite uma territorialidade mestra que se opõe a realidades que evidenciam outros modos de existir (BRAGA e ALMEIDA, 2006, p. 7)

A tradição caracterizou uma modalidade do existir humano. Sobre ela alicerçaram-se os símbolos da sociedade sertaneja. A propósito da importância do simbólico para o ser humano, Laraia (1986), faz a seguinte afirmação:

o comportamento humano é o comportamento simbólico ... E a chave deste mundo e o meio de participação nele, é o símbolo... Para perceber o significado de um símbolo é necessário conhecer a cultura que o criou (1986, p.56-57).

No mesmo direcionamento de Laraia, Chaveiro (2005, p49) explica que

os símbolos guardam escondidamente o mundo que é a nossa realidade. Decifrá-los nos dão as pistas para saber quem somos ou para encaminhar um modo de saber que nos edifica (2005, p.49).

Os símbolos envolvem as práticas sociais, as identificações, os valores, as representações, as ideologias. Esse conjunto, na realidade cotidiana da fazenda tradicional de Goiás, cunhou a expressão raízes rurais. Os sentidos das raízes rurais podem ser interpretados, também, pela relação de intimidade entre os sertanejos e a natureza.

1.2 Homem e Húmus - Natureza e vida

Bosi (1999), lembra que as palavras homem e húmus possuem a mesma raiz etimológica. A primeira porta o sentido de humanidade e a segunda refere-se à camada orgânica do solo. Dito isso, a autora disserta, poeticamente, que o homem é repleto de terra. Sua vida depende do húmus da terra. Talvez, por reconhecer esta simbiose, o homem sertanejo se aproximou mais da fonte provedora dos grãos e dos frutos que alimentam o corpo humano.

O sertanejo é um ser mais telúrico. A expressão é proferida por aqueles que identificam a cultura do sertão com a relação estreita que a população rural mantém com a terra. Esta relação foi traduzida pela composição *Cio da terra*, de Chico Buarque de Holanda e Milton Nascimento:

Debulhar o trigo,
recolher cada bago do trigo,
forjar do trigo o milagre do pão,
e se fartar de pão.
Decepar a cana, recolher a garapa da cana,
Forjar da cana a doçura do mel,
Se lambuzar de mel.
Afagar a terra, conhecer o desejo da terra,
Cio da terra, propícia estação de fecundar o chão.

Cio da terra expressa o contato íntimo do sertanejo com a natureza. Das suas mãos, a terra recebe a semente. Em reciprocidade, às suas mãos a terra devolve os frutos. O resultado da interação é a construção de uma vivência e a produção de uma paisagem em que os símbolos, materiais e imateriais, oferecem-se como elementos descortinadores da realidade do sertão. A realidade do sertão é atravessada por representações. Muitas delas dizem respeito à concepção de natureza. Segundo Almeida (2007), a natureza significa uma “dupla face” para os sertanejos. Ela é, ao mesmo tempo, recurso e metáfora da vida.

Essa dobra de significação aparece nos contos de Bernardo Élis. Há passagens em que a natureza empresta seus movimentos e suas formas para a percepção do tempo e para a realização do trabalho:

Que horas seriam? Mas ali não havia relógio. Calculava-se o tempo pelos pios das aves, pelo aspecto do céu, pela posição do sol, da lua e das estrelas (CD, p.23).

Natureza calendário. Bichos, tempo, astros, orientam o tempo social. Nesta orientação, havia a confiabilidade de quem olha para os ponteiros ou para os dígitos de um relógio.

Também, há passagens em que, de maneira mística, a natureza empresta seus movimentos e formas para as lamentações das pessoas:

O marulhar das águas lá se ia como se fosse a queixa de um órfão, como se fosse o soluçar de uma viúva desgraçada. Longe piavam os pássaros, os João-congos com aqueles seus deboches pelas moitas das gameleiras, as rolinhas fogo- apagou soluçando, soluçando (EG, p. 57).

Com o descambar do sol, o céu empretejou de vez; um barraco de nuvens escuras pendia da fimbria do horizonte escurecendo o morraine, dando-lhe um tom de azul marinho misterioso e amedrontador. Das copas reverdecidas das laranjeiras, cafezeiros, jabuticabeiras e mangueiras os sabiás de rabo mole atiravam pios aflitíssimos, que varavam o coração de Rosa e punham em suas feições uma sombra de bruteza e dor (VJ, p.99).

Natureza mistério. Cúmplice dos sentimentos dos sertanejos, a natureza também representa uma espécie de “espelho d’alma”. Refletia os estados emocionais dos moradores do sertão. Só assim, caberia associar o marulhar das águas com a falta que sentem um órfão e uma viúva de seus entes. Ou, assustar-se com o escurecer dos morros, pelas nuvens, entristecer-se com os pios dos sabiás. E, ainda, personificar os bichos pelos seus sons. No sertão, João- congos debocham, rolinhas soluçam, sabiás piam aflitos. A proximidade entre os sertanejos e a natureza é que fazia dela metáfora da vida. Na ausência de outros símbolos, os elementos naturais eram os que podiam respaldar as sensações humanas.

Braga e Chaveiro (2003) e Olanda (2006) são alguns dos autores que deram ênfase às sensações humanas orientadoras das percepções da natureza, pelos sertanejos. Acompanhando as nuances das sensações, a natureza poderia apresentar-

se hostil e irônica, como nas passagens anteriores, ou poderia apresentar-se confiante e afável, como nas passagens seguintes.

No conto *Rosa*, a voz narrativa aproveita momentos de introspecção da personagem Rosa, para falar da sua identificação com a natureza:

Calma, sempre séria, nunca loquaz, ela ficava um tempão danado quieta na cozinha, numa quieteza tão humilde e vegetal que a gente tinha a impressão de que ela se dissolvia no ambiente. Identificava-se, nesses momentos, de tal forma com a natureza que as rolinhas fogo - apagou que fogo apagavam no telhado da casa pelas três horas da tarde, desferiam seus vôos curtos e sibilados e vinham pousar na cozinha, para pinicar o arroz que Rosa catava no ápice de seda do Buriti. E as galinhas se aconchegavam, confiadas, trocando com a mulher aqueles pequenos acordes que elas costumavam trocar entre si. Até sanhaço, de seu natural tão arisco, até esses, em pulos elétricos, piavam e triscavam na janela e desciam ao pilão e daí voavam para o terreiro (VJ, p. 88).

Aqui, a natureza é confiante do silêncio de Rosa. Ela parece conciliar suas emoções, ao deixar os bichos se aproximarem.

A afabilidade da natureza está presente na enunciação do conto *Em que entram um judeu, dois baianos alguns goianos e umas criações*:

Era noite, não havia luz, mas das estrelas escorria uma claridade tênue e suave graças a qual podiam se divisar os homens e, ao longe, o contorno das serras, o perfil esverdeado das árvores aquietadas numa paz de profundo e antiquíssimo recolhimento, grupos de bois e vacas deitados pachorramente na frente da casa, ruminando naquele ar compenetrado que os bovinos sabem assumir na ruminação. Envolvendo tudo, um cheiro azêdo de curral, de mijo e estrume de boi, com um fugidio odor de palha de milho queimada (CD, p.117).

Este fragmento oferece nítida noção do espaço rural antes da sua mecanização, antes da sua eletrificação. As noites do sertão, não obstante as tramas e os conflitos humanos, guardavam um semblante bucólico e calmo. A natureza representa paz e recolhimento. Chama a atenção a descrição detalhada da paisagem noturna. Ela é de tal forma apresentada que, captada pelos sentidos, transporta o leitor àquele cenário. Num momento de quietude, é possível vislumbrar seu movimento, seus sons, seus cheiros, sua cor. Movimento, cheiros, sons e cor que dialogavam com a existência humana e preenchiam-na.

Almeida (2003) enfatiza que é fundamental considerar as representações dos sertanejos se se quer compreender sua produção cultural. A partir de estudos das

representações sobre o sertão, ela apresenta uma interpretação do espaço geográfico. Nas suas palavras

o espaço, além de ser produto das atividades humanas, tem múltiplas valorizações e caracteriza-se por atributos funcionais, estruturais e afetivos. Espaço pode ser, então, considerado como o lugar onde os homens e mulheres, ideologicamente diferentes, procuram impor suas representações, suas práticas e seus interesses. Cada espaço tornando-se social está possuído de símbolos e afetividades atribuídos pelas pessoas (2003, p. 71)

E continua

É através de um conhecimento das representações das pessoas que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares da vida dos homens e mulheres; pelas representações também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções e esperanças (Idem, p.72)

Os dizeres da autora nos conduzem a uma postura atenta de observação e interpretação do espaço sertanejo. Segui-la, implica considerar que se o espaço é produto de ações e de afetos, nossa tarefa é tentar decifrar os símbolos criados coletivamente e, por meio deles, desvelar o comportamento social e suas inscrições no espaço.

Esta operação do olhar geográfico resvala em outras concepções sobre as representações sociais. Com base nas principais pesquisas versadas nessa temática, é que: 1- enxerga-se com mais clareza o fato de que cada sociedade, pela sua cultura, possui uma forma de se representar (MOSCOVICI, 2001); 2- entende-se que é pelas representações, enquanto ato do pensamento, que os indivíduos se relacionam com os objetos (JODELET, 1991); 3- assimila-se que as representações são sistemas de interpretação que regem as relações das pessoas entre si e com o mundo (BAILLY, 1992).

As proposições destes autores levaram Almeida a sintetizar que:

o estudo e análise das representações, caso estas estejam coladas ao real, são, pois, um dado sobre ele (o real), isto é, também informam sobre a base material na qual se move determinado grupo social (2003, p.72).

A assertiva permite reconhecer que, ancoradas na sua cultura, as pessoas atribuem valores diferentes aos objetos e aos lugares. A simbolização do real passa pela sua subjetivação. É pela subjetivação, por exemplo, que eventos naturais adquirem uma

Homem e húmus, natureza e vida são pares que representam a relação homem-natureza naquilo que ela possui de concreto e de abstrato. À maneira dos sertanejos, o palpável e o imaginário contêm a particularidade de uma identidade cultural.

1.3- Arraial, a rua da fazenda

No sertão goiano, a fazenda e o arraial possuíam notório entrelaçamento cultural. As paisagens não tinham como dissimular o distintivo espacial: tratavam-se de dois lugares rurais. Enquanto a fazenda era o território onde a ruralidade se expressava na sua forma mais original, o arraial era o território onde ela, a ruralidade, estendia suas referências simbólicas.

O arraial representava para os moradores das fazendas, a rua: era o lugar conhecido, garantia da sociabilidade com os pares, mas que oferecia a possibilidade do encontro com o estrangeiro. Abrigo de comerciantes e ponto de passagem dos peões boiadeiros, o arraial era o espaço onde os sertanejos redimensionavam a vida.

Nos fragmentos que se seguem, é possível vislumbrar a paisagem e o modo de vida daquele lugar interiorano:

Na vendinha que era na frente da casa de residência, Seu Reimundo conversava com alguns fregueses, que os cavalos deles cochilavam amarrados aos frades. Eram os últimos da temporada. Nessa quadra do ano o povo estava ocupado em ultimar as derrubadas atrasadas, fechar as roças com cercas, aceirar, queimar as derrubadas, fazer alguma planta no pó, atividades que os alongavam do comércio (*VJ*, p.90).

No comércio, anexo da residência do proprietário, vendiam-se os produtos necessários à vida local e às atividades realizadas na fazenda. As famílias dos fazendeiros coronéis eram as que desfrutavam das novidades que os comerciantes conseguiam trazer, dos centros urbanos mais desenvolvidos economicamente, para a população local. A maioria da população comprava produtos com as características que Bernardo Élis descreve na sua narrativa:

(...) Era coisa muito sem valor: ouvido de espingarda, galão para defunto, agulha, desmazelo, travessinha para cabelos, alguma chita (*VJ*, p.91).

Em que pese a aproximação cultural entre arraial e fazenda, nos contos aparecem as principais distinções entre os dois. No conto *Rosa*, as especificidades do arraial e da fazenda são realçadas quando a personagem Rosa, chegada da fazenda, não encontra as mesmas características do modo de viver:

- Mas cuma que é que esse pessoal veve? Num tou vendo ninguém tocar roça, uai.

Para ela, todos deveriam fazer roça, criar bois, cavalos, porcos, tecer pano, fazer chapéu, e sabão. Como não visse Reimundo fazer nada disso, tinha-o em má conta. “Homem preguiçoso e inútil”. Cheia de desconfiança, perguntava com ódio:

_ Quem que dá esses trem mode ele vendê?

Dona Rita tentava explicar que ele comprava da fábrica lá de baixo e que vendia para o povo. Nem tudo que ganhava era dele. Mas Rosa via tudo isso com amarga desconfiança: “Hum!” (*VJ*, p. 94).

O estranhamento da personagem Rosa era comportamento típico de moradores de fazenda que raramente freqüentavam os arraiais. Nas primeiras décadas do século XX, a reclusão de muitos sertanejos, nas fazendas, era comum em razão das dificuldades do tráfego e, também, ou, principalmente, pelo fato de as fazendas conterem o necessário à subsistência.

Outras características dos arraiais são descritas nos contos:

Ali era assim, as comitivas que vinham do sertão já na entrada da rua topavam uma pessoa do coronel que as conduzia para o rancho dele. Os chegantes tinham pasto para os animais e acomodação para si. Se eram fregueses do coronel, o arranchamento e o pasto eram de graça (*VJ*,p.92)

Nos arraiais, assim como nas fazendas, o coronel influenciava a vida das pessoas. Seu poder nos arraiais se estendia sobre o delegado, o oficial de justiça, o comerciante, o farmacêutico, o padre. As decisões das pessoas passavam pela aprovação do coronel. Contrariar suas vontades significava perder sua proteção e seus favores.

Bernardo Élis expõe as festas realizadas nos arraiais como um importante símbolo de partilha coletiva:

Desde as quatro horas da madrugada, em casa de julião (...) principiava o ensaio dos congos. As danças e os diálogos mal se podiam pronunciar porque muitas das figuras moravam na roça ou andavam pelas folhas e só estariam na rua na semana da festa(...) Ao calor da fogueira e da cachacinha corrida de bôca em boca, alguns congos ensaiavam seus passos de dança, seus trejeitos, seus toques de

viola, reco- reco ou pandeiro , engrolando diálogos e cantorias. Liduvino estava atarefado da cozinha para o terreiro, do terreiro para a cozinha, uma toalha branca ao pescoço servindo café, biscoitos de goma, goles de cachaça (...) No correr do dia o mulhêrio ajeitava as vestes dos congos: as capas escarlates orladas de galão dourado e prateado, o capacete de aljôfar e lantejoulas, o peitoral recamado de vidrilho, de espelhos, de guizos, os toques de fitas dos calções, os frisos de galão dourado. Na última semana, o início do ensaio era avisado com tiros de roqueiras que reboavam pelo silêncio neblinoso da madrugada. (*VJ*, p.31-32).

As festas populares eram freqüentadas pelas famílias dos grandes fazendeiros, pelas famílias de sitiantes mais pobres e pelas famílias de agregados de fazendas. Elas tinham caráter religioso e, assim como as missas, camuflavam a hierarquia social do espaço dos arraiais.

Em Corumbá de Goiás, por exemplo, nas casas coloniais, na primeira metade do século XX, residiam as famílias dos antigos mineradores e dos fazendeiros mais ricos da região. Entre os comerciantes, havia aqueles que zelavam por uma tradição e por um sobrenome de família ainda que já não fossem proprietários de terras. Estas famílias gozavam de mobilidade espacial e tinham acesso à educação formal e a outros bens culturais. Por esse motivo, não eram elas as portadoras da cultura mais genuína do sertão, a cultura rural.

Com o objetivo de conhecer a vida social de Corumbá de Goiás, durante a passagem pela cidade, intercalamos assuntos sobre a vivência nas fazendas com assuntos sobre a vivência nos arraiais. Os diálogos ajudaram a assimilar as relações entre as relações entre os dois lugares.

A e T, donas de casa, de 91 e 86 anos, mostraram fotos em que ficaram registrados importantes momentos da juventude e da vida adulta. Filhas de um fazendeiro próspero da região, passaram a infância na fazenda, no seio de uma família numerosa. Tiveram acesso à cultura de outros lugares, por meio de livros e contatos com amigos de outras cidades:

A gente morava na fazenda mais gostava muito de vir para cidade, principalmente nas ocasiões de festas. Na nossa casa, era comum acontecer bailes. As moças se vestiam pra ficar bem bonitas pros rapazes. Todas queriam ser tiradas pra dançar (A em entrevista concedida em 21 de janeiro de 2008).

Estimuladas a falar das diferenças entre os bailes e as outras festividades da cidade e da fazenda, elas comentaram:

Dos bailes, participavam as famílias mais tradicionais. A nossa família era tradicional em Corumbá de Goiás. A gente recebia amigos que moravam no Rio de Janeiro (...) eles contavam como era a vida naquela cidade (...) os adultos bebiam vinho, recitavam poemas (...) Mas, a gente participava das festas da fazenda, também. Eram animadas. A gente gostava da folia. Lá não era preciso usar os vestidos usados no baile. Lá a festa era junto com todo mundo da fazenda, com os agregados. Dos bailes os agregados não participavam, não. (T em entrevista concedida em 21 de janeiro de 2008)

As declarações de A e T respaldam as narrativas de Bernardo Élis. Suas falas deixam claras as separações entre os grupos de pessoas que moravam ou que freqüentavam o arraial de Corumbá de Goiás. Embora lamentem o fato de não terem se formado numa profissão, e de afirmarem terem tido um modo de vida simples orientado pela vivência na fazenda, suas vidas se desenrolaram de maneira diferente da vida das famílias dos agregados de fazenda. Confirmando os depoimentos de A e T, A e L, casal que já morou como agregados de fazenda em Corumbá de Goiás, ele com 76 e ela com 62 anos de idade, expressam-se:

As festas da fazenda e do arraial eram muito boas de freqüentar, eram animadas. A gente divertia muito nas novena, nas cantoria (...) na fazenda, ficava todo mundo junto, nas festa. No arraial, também, nas festas dos santos da igreja, nas quermesse. Só dos baile a gente não participava, eram costume das família tradicional de Corumbá de Goiás (A e L em entrevista concedida em 22 de janeiro de 2008).

Apesar das distinções sociais, o arraial, para famílias de fazendeiros e para famílias de agregados, representava o lugar da sociabilidade, da religiosidade, da festa. Manifestações que se desenrolavam no ritmo compassado do sertão goiano.

2- A cadência do sertão goiano

A sociedade goiana, antes do advento da modernização, viveu num espaço pouco artificializado, se comparado com o atual. O tempo lento, próprio daquele momento histórico, marcou a cadência do sertão goiano. O comportamento coletivo, no que diz respeito às relações e às práticas sociais, foi orientado por aquela realidade espaço-temporal. Viver e conviver - socializar, sociabilizar, solidarizar, conflitar, criar, representar - no espaço das fazendas e dos arraiais, são realizações que refletiram a cultura na sua fase pré-capitalista.

As condições técnicas e o ritmo da economia agrária favoreceram uma vida pacata em Goiás. Eram incipientes as ligações entre as cidades: as redes de transporte e de comunicação não beneficiavam a velocidade e/ou a regularidade da circulação das pessoas e dos símbolos, das trocas de mercadorias e de informações. Os encontros entre os habitantes de lugares distantes entre si eram demorados.

Como se pôde observar nos itens *Fazenda e Vivência Rural* e *Arraial, a rua da fazenda*, os papéis sociais mais comuns desempenhados nas fazendas eram fazendeiro, agregado, peão, vaqueiro, carreiro, e doméstica. Nos arraiais destacavam-se os comerciantes, o delegado, o farmacêutico, o oficial de justiça, o padre. Na paisagem do lugar vivido, os objetos mais utilizados informam a rotina do cotidiano. A lista é variada. Fazem parte dela o engenho, o carro de boi, o arado, a enxada, o tear, a roda de fiar, o pilão, o monjolo, o fogão à lenha, e outros que não deixam dúvidas de uma vivência morosa.

O ritmo do sertão foi apreendido por Bernardo Élis. No conto *Ontem Como Hoje, Como Amanhã, como Depois*, o autor explicita os sentidos da cadência do sertão goiano, na vida das pessoas. O fragmento abaixo condensa estes sentidos:

Lesma, cobra, bicho danado que ia deslizando, escorregando viscoso e frio, lambendo o barranco, mordendo as areias, pastando o capim das estrelas; ora azul como o céu. Ora faiscante ao sol de fogo, já imitando o azougue nas noites em que o luar é o próprio silêncio escorrendo; fumaça que se levanta da queimada de mato virgem e se perde na lonjura do horizonte, confundindo-se com o céu embaciado de agosto; - para onde iria o Tocantins?

.....

Donde viria o rio?

.....

Do fundo fofo da mata, onde as borboletas adejam lampejos azuis, vagos e sonsos; do alto da serra, onde a canela d'ema é um gesto de sêde; das pesadas nuvens de chuva esfiapando-se nas pontas de serra;

fiapinho de prata merejando numa encosta, ao pé de buritis e samambaias, uma pocinha aqui na piçarra, outra maiorzinha mais baixo cheia de mosquitos e insetos, já gorgolejando num grotinha, encorpando mais para frente, ali no corgo da gente transpor de um pulo, com lambaris e pias; depois o rio Tocantins, num coleio de sucuri, verdolengo por baixo das matas, cristalino nas praias rasas, descendo liso e manso como um fumo sagrado a se perder no horizonte, sempre igual, sempre igual, como se agora fosse ontem e será amanhã e depois ainda (CD, p.19).

E um dos personagens desabafa:

- Êi, chão parado! (CD, p.20).

No título do conto há uma alusão à repetição do tempo social. A construção da narrativa parece acompanhar o curso do rio Tocantins, da montante à jusante. Os elementos descritos denotam o movimento desacelerado, habitual da natureza. Ele espelha o movimento em que se desenrolava a vida das pessoas no sertão goiano. Este excerto do conto, apresenta, de forma especial, o sincretismo entre arte e ciência: a representação literária de Bernardo Élis contempla, subjetivamente, a visão científica de Santos quando este disserta sobre os “ritmos da vida” e das “atividades dos homens”, como lê-se:

Por seus próprios ritmos e formas, a produção impõe formas e ritmos à vida e à atividade dos homens, ritmos diários, estacionais, anuais, pelo simples fato de ser a produção indispensável à sobrevivência do grupo (...) cada atividade tem um lugar próprio no tempo e um lugar próprio no espaço. Essa ordem espacio-temporal não é aleatória, ela é um resultado das necessidades próprias à produção. Isso explica porque o uso do tempo e do espaço não é feito jamais da mesma maneira, segundo os períodos históricos e segundo os lugares e muda igualmente com os tipos de produção (1997, p. 162).

Na afirmação de Santos (1987), o modo de produção encaminha a ordem espacio-temporal. Cada fase da economia possui uma conformação paisagística e um modo de viver correspondentes. Em Goiás, a ordem espacio-temporal, qualificada por uma rede urbana desconecta e pela lentidão das atividades das pessoas, pouco se alteraria até a implementação do projeto de modernização do Território. Até isso acontecer, a vida nos arraiais e os valores culturais que a atravessavam continham as características que Bernardo Élis florea nos contos. Algumas delas são evidenciadas nas próximas passagens:

_ E você viaja mesmo amanhã? – Indagou ela.

_ Não quer ir também? Perguntei enquanto balançava a cabeça afirmativamente à sua pergunta.

_ Ah, quem me dera! Estou por aqui com este buraco (este buraco seria a cidade). _ E Luci passou o indicador à altura da testa para mostrar o enchimento.

_ Cuidado, Luci, não diga assim que o pessoal da cidade é muito bairrista, olhe lá...

_ Não. Gente boa, coitada! A dona da pensão nem sabe o que fazer para agradar... Mas não suporto a pasmaceira, a monotonia. Você veja: nenhum cinema, nem missa! (...) A sogra entregou-me uma penca de limas e interferiu: - Bem, bem, mas o Leopoldo não tarda, Luci. Já devia ter chegado. Também, estamos aqui, estamos em Goiânia (CD,p.52).

As falas mencionadas são de comerciante, esposa de comerciante (o que está ausente) e sogra. A família estava ali, na pequena cidade, para comprar arroz e revender na capital. O diálogo que as duas mulheres estabelecem com outro hóspede da pensão evoca desacordo entre o ritmo de vida de Goiânia e o ritmo de vida daquela cidade interiorana. Aqueles moradores se identificavam com a urbanidade que prefigurava na nova capital.

Nos próximos escritos, a trama de Bernardo Élis desenrola-se numa fictícia cidade do norte de Goiás:

- Êi, chão parado! - Quando cabo Sulivério deu por fé, estava transferido para uma cidadezinha no norte do Estado de Goiás, à beira do Tocantins que passava ao pé, pastando o azulão do céu. Rio sempre igual, céu sempre igual, dias sempre iguais, algumas dúzias de casas de palha sempre iguais refletindo – se nas águas esverdeadas do porto (CD, p.40)

Além da paisagem, a descrição de aspectos e das gentes do lugar:

No lugar, as poucas mulheres existentes eram casadas, honestas ou moças casamenteiras, trancadas a sete trancas (ali não se conhecia fechadura) por trás das paredes de pau-a-pique dos ranchos, com olho de pai, mãe, tias, avô e avó, seguindo-as constantemente. Demais, cabo Sulivério queria lá saber de casamento o quê, senhor! Queira ir para o garimpo, ficar rico, para depois se casar com uma moça bonita do Rio de Janeiro ou da Bahia (CD, p. 24)

_ Êi, chão parado! - Suspirava incessantemente o cabo na venda, os olhos derramados pelo bamburral do fim da rua, ansioso por que viesse o cumpade Man- Pôk com a filha Put-Kôe, que em craô queria dizer Esposa do Sol. Também na aldeia, Man – Pôk, a Ema Queimada, não tinha sossego, louco por vir ao povoado e receber do

“ cristão bão” a garrafa de pinga a troco dos amores de sua filha (CD, p. 42).

A personagem principal, cabo Sulivério, estava contra sua vontade naquela cidade nortista. Buscava, sem muito sucesso, o que remanesca do ouro. Os lugares do Brasil, que lhe pareciam mais apropriados a uma vida menos pacata, passeavam pela sua mente: além do Rio de Janeiro e da Bahia, Paraná:

(...) O garimpo não dava nada e ele só pensava em sair do lugar, ir embora, correr mundo, largar o sertão horroroso e morar no Paraná. Por que o Paraná? Foi uma conversa que ouviu, e com ela construiu todo um quadro. O Paraná era um lugar muito rico e muito farturento. Iria para lá (CD, p.44).

Nas passagens dos dois contos *Ontem Como Hoje, Como Amanhã, Como Depois e Uma Certa Porta*, do livro “*Caminhos e Descaminhos*”, as personagens, na condição de chegantes, revelam suas impressões das cidades do interior de Goiás. Nas duas situações, há demonstração de tédio pelos lugares. Observe-se que as referências espaciais são as extremidades Sul e Norte do Estado. Em verdade, a literatura ilustra a paisagem cultural de Goiás, apontando suas características de sertanidade por toda a extensão territorial.

No mapa, FIG III, é possível visualizar a distância espacial entre as duas cidades mais populosas, da época, localizadas no Norte e no Sul de Goiás. São elas, respectivamente, Boa Vista do Tocantins e Catalão. Estevam (1998) faz uma observação importante sobre as relações entre o Norte e o Sul de Goiás, naquele período:

(...) em função da amplitude geográfica da província não havia praticamente relacionamento interno norte-sul em Goiás. Existiam relações interregionais com as comunidades mais próximas mas não intra – regional sendo que os precários caminhos dificultavam e mesmo impediam comunicação das localidades nortistas com as sulistas. Para se ter uma idéia do distanciamento, uma correspondência da capital goiana regularmente demorava mais de um mês – ou poderia demorar até três meses – para chegar ao extremo do norte da província (1998, p.63).

Em que pese a separação das pessoas pelo distanciamento espacial, o autor pondera:

(...) Mas, do ponto de vista econômico inexistia marcante diferenciação entre as parcelas do território goiano. Tanto o sul como o norte haviam sido palco de atividades mineratórias na etapa colonial e desde então seus habitantes gravitavam em torno de fazendas de gado assimilando traços sócio-econômicos de natureza similar (1998, p.64)



O espaço goiano era fortemente enredado pelo modo de vida tradicional. Mesmo porque, as redes de transporte e de comunicação, bem como os fluxos de pessoas, de informações e de mercadorias, ainda não favoreciam a edificação de uma vida urbana, que não fosse aquela que se desdobrava do mundo rural.

O tempo social, nas primeiras décadas do século XX, deu margem a interpretações equivocadas a respeito da sociedade goiana. Exemplo disso são os relatos dos viajantes europeus Levi Strauss (1972) e Saint' Hilare (1972). Ambos, ao representarem Goiás a partir de uma visão eurocêntrica, qualificaram pejorativamente o ritmo lento em que viviam as populações sertanejas. Desconsideraram que a vida social e cultural, na época, era coerente com o regime político. Aquela realidade seria alterada no decorrer da história, conforme explana Chaul (1997):

a vida, a economia, os ímpetus da política só seriam modificados aos poucos, com o processo histórico externo e interno, diante das mudanças ocorridas ao nível da política nacional, que absorveriam Goiás dentro das necessidades de desenvolvimento do país, lá pelos fins dos anos 20 e início da década de 30 (1997,p.74).

O período mencionado pelo autor anunciou significativas transformações territoriais no Estado. Aliás, a gênese dessas transformações coincide com o ingresso dos trilhos em Goiás, em 1913. A implantação da estrada de ferro pode ser visualizada no mapa - FIG IV. Ela é explicada por Estevam (1998), assim:

A implantação da estrada de ferro em Goiás deu-se por etapas. Na primeira - até 1914 - os trilhos avançaram 233 quilômetros partindo de Araguari – MG até Roncador – GO, trecho construído em período relativamente curto. Os trilhos ficaram paralisados em Roncador até 1922 - para construção de um aponte sobre o rio Corumbá – quando foi iniciada a segunda etapa, desta feita, de forma demorada e irregular. No seu prolongamento, a ferrovia atingiu Anápolis (1935) completando 387 quilômetros de extensão. Somente em 1950 inaugurou-se um ramal ligando Leopoldo de Bulhões a Goiânia (1998, p.92).

Estevam lembra, ainda, que os trilhos promoveram modificações significativas no território: aumento da exportação de gado, concentração da produção de arroz e milho nas proximidades dos trilhos, crescimento das relações comerciais e elevação dos preços das terras. Dentre as mudanças, ele destaca:

(...) a ferrovia incrementa o processo de urbanização: em Goiás, algumas cidades servidas pela linha de ferro chegaram a ensaiar vida característica de cidade. Ao receber água encanada, energia elétrica, cinema, telégrafo, telefone e agência do Banco do Brasil (Ipameri) passaram a distinguir-se do restante dos aglomerados urbanos. Vagarosamente seus moradores também foram assimilando postura mais urbana evidenciando modificações na mentalidade, idéias e valores sociais (IDEM, p. 96)

Os trilhos abriram caminhos para uma nova vida de relações. Eles impulsionaram a dinamização da cultura goiana, embora esta dinamização tenha acompanhado o ritmo compassado do trem de ferro. Paralelamente à vida urbana ensaiada pelos moradores das cidades beneficiadas pelos trilhos de ferro ensaiavam, no interior das fazendas eram as trilhas do gado que abriam os caminhos de Goiás. No vasto território goiano, mesmo após a construção de Goiânia, 1930, e sua ligação à ferrovia, 1950, havia lugares *ermos* onde a população rural enredava uma vida de *caminhos e descaminhos*. Vida que será visitada, agora, pela leitura das relações de solidariedade e de poder desenroladas no sertão.

3 - Diálogo entre Solidariedade e Poder no Território Sertanejo

Refletir sobre a cultura,⁵ numa perspectiva geográfica, exige esforço em interpretar os registros espaciais de uma sociedade. Foi isso que buscamos realizar nos itens anteriores – *Fazenda e Vivência rural, Arraial, a Rua da Fazenda, A Cadência do Sertão Goiano*. A leitura da combinação entre artefatos e idéias permitiu aprofundar o conhecimento da vivência territorial da sociedade sertaneja.

A compreensão de que a vivência sertaneja se desenrolou num contexto de relações de solidariedade e de poder é a síntese alcançada pela leitura geográfica dos contos de Bernardo Élis. As duas características abarcam os elementos culturais extraídos de “*Ermos e Gerais*”, “*Caminhos e Descaminhos*” e “*Veranico de Janeiro*”. São, portanto, características da territorialidade “mestra” do sertão goiano. Elas merecem ser analisadas na suas especificidades e nas suas imbricações.

Solidariedade é um termo que expressa cooperação entre pessoas. O dicionário Houaiss, da língua portuguesa, apresenta *cooperação* como primeiro sinônimo da palavra. No presente estudo, solidariedade é um termo que ultrapassa sua explicação semântica. Ele foi tomado como empréstimo da obra *Parceiros do Rio Bonito*, de Candido (1997). No seu texto, a expressão é utilizada para traduzir o espírito de coletividade entre os moradores do meio rural. Neste sentido, a palavra solidariedade possui um contexto e também um significado particular que a eleva ao status de conceito sociológico.

A coletividade referida por Candido (1997) caracterizava-se pela ajuda mútua entre as pessoas, na realização das atividades da fazenda. As práticas que o pesquisador observou em trabalho de campo nos “bairros rurais”⁶ da região paulista, também ocorriam nas “comunidades rurais” de Goiás. A mais importante delas era o *mutirão*:

As várias atividades da lavoura e da indústria doméstica constituem oportunidades de mutirão, que soluciona o problema da mão de obra nos grupos de vizinhança (por vezes entre fazendeiros), suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. E o aspecto festivo constitui um dos pontos importantes da vida cultural do caipira (1997, p. 67).

O autor detalha a prática do mutirão:

⁵ Uma idéia que auxiliou o entendimento da produção cultural da sociedade sertaneja é a de que a cultura deve ser interpretada, sempre, como uma construção imanentemente humana, expressiva da dimensão material e imaterial de um povo, num tempo histórico preciso.

⁶Pela semelhança com as comunidades rurais, os bairros rurais servem como parâmetro de análise.

Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram. Este chamado não falta porque é praticamente impossível a um lavrador, que só dispõe de mão de obra doméstica, dar conta do ano agrícola sem cooperação vicinal (IDEM, p.67).

Candido revela que o mutirão praticado por aquele grupo social simboliza um pacto entre os vizinhos, constituindo uma esfera de companheirismo e de partilha. Mais do que resolver um problema da carência da técnica agrícola, ele estreitava as relações entre as pessoas. Neste sentido, mutirão é uma prática cultural avessa à troca mercantil. A fala de um dos entrevistados de Candido confirma isso: “no mutirão não há obrigatoriedade para com as pessoas e sim para com Deus, por amor de quem serve o próximo” (IDEM, p.67).

Traição era outra forma de solidariedade no espaço sertanejo. Ela caracterizava uma ajuda em que o beneficiado era surpreendido pelos vizinhos, quando encontrava-se em “apuro” com trabalhos da fazenda.

Os relatos de memória de um ex-morador do meio rural de Goiás, na região de Corumbá, permitiram assimilar o significado dessas práticas no sertão goiano. Ao recordar o passado vivenciado na fazenda se sua propriedade, o interlocutor, um senhor de 81 anos de idade, descreveu os sentidos do *mutirão* e da *traição*⁷ como formas de solidariedade entre vizinhos de uma comunidade rural.

Ele relatou que, de fato, era comum um grupo de 50 a 60 pessoas surpreender algum vizinho para ajudá-lo em trabalhos urgentes da fazenda. A surpresa era motivo de alegria para as duas partes. Numa *traição* que ele ajudou a tramar, o intuito era o de limpar um rego d’água na propriedade de um amigo. Após o trabalho, tudo acabava em festa – diz ele.

Suas palavras correspondem àquilo que Candido (1997), escreve em seu livro. O diferencial é que se trata de um participante da cultura goiana. Isso possibilitou, da nossa parte, um entendimento mais aprofundado daquela realidade espacial. Fez com que compreendêssemos que as formas de solidariedade possuem um valor simbólico

⁷ Ele utilizou-se desses mesmos termos.

que se estende a praticamente toda a sociabilidade dos grupos. Ou seja, elas se desdobram noutras situações ainda que não signifiquem um evento social.

Ser solidário, no universo rural, fazia parte de uma ética moral, de uma conduta íntegra que garantia o que Candido chama de “unidade estrutural e funcional” do grupo. O caráter de socialização, ou de transmissão, deste valor cultural, entre gerações de pessoas, é um componente da identidade cultural sertaneja.

Em Bernardo Élis, o contexto de uma vida de relações, balizada por sentimentos de coletividade, de ajuda e de comprometimento moral, foi apresentado pelas descrições particularizadas da cultura sertaneja goiana. Os tipos de comunicação estabelecidos entre as pessoas, a rotina do trabalho, os eventos festivos e religiosos, descritos anteriormente, ilustram bem isso.

A cultura sertaneja revelada na obra de Bernardo Élis pode ser comparada com os relatos de memória da população local ou com outras fontes documentais sobre Goiás. O mérito do autor está aproximar os leitores da essência do sertão por meio das personagens que dão vida à cultura.

É importante lembrar que a interpretação daquela realidade advém de fatos sociais que o próprio autor vivenciou desde a infância:

(...) Esse era o **meu mundo** distante da literatura tradicional. Estusiasmei-me quando lia então os modernistas, falando de coisas locais, banho de rio, andar a cavalo, namoricos, frutas, e com palavras e hábitos de vida próprios de nossa realidade (Élis em entrevista a Abdala, 1983,p.06).

Bernardo Élis ressalta sua motivação em escrever sobre as particularidades da cultura goiana. Foi isso que ele perseguiu ao longo do seu ofício de literato. Em razão disso, conquistou o reconhecimento de ser um dos poucos escritores, da sua época, a retratar, com propriedade, a vida dos sertanejos. O que observamos na sua representação de Goiás, e que ressoa nas visões de outros estudiosos da sua literatura, é que o elemento sociopolítico permeia, com força criadora, todos os contos, a lodo do elemento cultural.

O sertão goiano representado por Bernardo Élis é um “sertão político” em que a cultura local expressa, claramente, as artimanhas do poder. As narrativas do autor evidenciam as injustiças sociais do período e que o coronelismo era uma espécie de governo da sociedade local. O próprio Bernardo Élis explica o sentido da sua literatura:

Procurava sublinhar a humanidade do homem sem terra, mostrando a injustiça do latifúndio e da opressão feudal, responsáveis pelo atraso e pelos males sociais de que éramos vítima... Enfim, minha literatura metia o dedo nas chagas de uma cultura regionalizada. Minha literatura tem como base a alienação humana e a ideologia que nos é imposta (CURADO, 2000, P. 100-101)

Na sua escrita, Bernardo Élis expõe o significado e os desdobramentos do poder na cultura sertaneja. Os contos *Moagem*”, *Em que o mistério da conveniência explica a conveniência do mistério* e, principalmente, o clássico *A enxada*, são exemplos de narrativas em que desigualdades e injustiças sociais, traduzidas pelo poder e pela violência dos coronéis sobre subordinados, são conteúdos direcionadores da trama.

Por meio da associação do cultural com o político, tecemos considerações mais abrangentes da apropriação simbólica do território sertanejo e da formação da sua identidade cultural. Essa associação afasta a idéia de um sertão romântico, de uma vida cotidiana sem conflitos, sem exploração e sem interesses divergentes.

Pelo contrário, no território sertanejo de Goiás, o grupo dominante era formado pelos grandes proprietários de terras e de engenhos. Eles detinham poder político e influência social e eram representados pela figura do coronel. A expressão coronel foi cunhada durante a Guarda Nacional criada em 1831 no período da República Velha (QUEIROZ, 1976). Conforme esclarece este autor

... um ‘coronel’ importante constituía um a espécie de elemento socioeconômico polarizador, que servia de ponto de referência para se conhecer a distribuição dos indivíduos no espaço social, fosse estes seus pares ou seus inferiores. Era o elemento chave para se saber quais as linhas políticas divisórias entre os grupos e os subgrupos na estrutura tradicional brasileira (1976,p.164).

Bernardo Élis apresenta a dimensão do poder do coronel pelas situações do cotidiano das fazendas e dos arraiais. Ele caracteriza o coronel pela presença intimativa, pela voz de autoridade, pela influência controladora das ações das pessoas. Este perfil pode ser apreendido nas seguintes situações:

na sua cama o coronel acordava com os tiros e adeus sono. Garrava a pensar naquele negocio das filhas querendo mudarem-se da cidade. Como o problema o amolava. Não. Não iria. Definitivamente que não sairia. Morreria ali, onde era estimado de todos, onde tinha suas coisas, suas fazendas, seu gado, seus pastos, seus compadres, onde mandava e desmandava. Que fossem as filhas, que fosse a mulher. Ele nasceu ali e ali morreria, seria enterrado no pé do altar-mor, como o pai e o avô (VJ, p.32).

Ou então:

Já por essas alturas, o jovem promotor sentiu dentro de si um medo terrível. Lembrou-se de que o coronel Quincas Batista era o homem mais poderoso de uma honestidade e de um prestígio que se contavam pelos seus 6.000 alqueires de terra de primeira e pelos outros tantos bois. Seu Quincas era chefe político, era suplente de senador, era homem de muitas e muitas virtudes e de muito respeito, sim senhor (VJ, p.58).

Na primeira situação, a decisão do coronel de continuar na cidade, sem a presença da família, mostra a honra de usufruir de prestígio social, de possuir bens. Na segunda, a influência do coronel sobre um promotor de justiça mostra que Independentemente da posição social e da profissão, seu poder atingia qualquer um que desconsiderasse sua autoridade.

Raffestin (1993), estudioso das relações de poder, afirma que

O poder é parte intrínseca de toda relação ... O poder se manifesta por ocasião da relação. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação, os dois pólos fazem face um ao outro ou se confrontam. As forças de que dispõem os dois parceiros (caso mais simples) criam um campo: o campo de poder (1993,p.52-53).

Em Goiás, na primeira metade do século XX, o confronto entre os coronéis e os demais integrantes da sociedade garantia vitória ao primeiro. O sertão constituía um campo de poder em que a força encontrava-se na posse de terras e na influência política. O coronel era um representante legítimo do poder. Na ausência do Estado, as suas leis regulavam aquela sociedade.

Há, nos registros sobre Goiás, a presença de pelo menos três tipos de proprietários de terras: 1- os fazendeiros que adquiriram a alcunha de coronel; 2- os fazendeiros que não atingiam esse patamar de poder; 3- os sitiantes, donos de uma extensão menor de terras. Os agregados das fazendas ocupavam a esfera mais frágil das relações de poder.

Bernardo Élis menciona estes arquétipos sociais na sua literatura:

Joaquim Faleiro era sitiante pobre, dono de uma nesguinha de terra de vertente boa. Vivia de fazer sua rocinha, que ele mesmo, a mulher e dois cunhados iam tocando. Vendiam um pouco de mantimento, engordavam uns capadinhos, criavam umas vinte e poucas reses e

fabricavam algumas cargas de rapadura na engenhoca de trás da casa, mode vender no comércio. O resto, Deus dava determinação. O diabo, porém, era aquele tal de capitão Elpídio Chaveiro, nas terras de quem estava o sitiante imprensado assim como jabuticaba na forquilha. Por derradeiro arranhou Elpídio encrenca com o açude que abastecia de água a morada de Joaquim, que estava no ponto de acender vela em cabeceira de defunto. Essa tenda é que desdeixava Seu Joaquim emprestar a enxada a Piano... (VJ, p. 49).

Elpídio Chaveiro, fazendeiro, Joaquim Faleiro, sitiante, e Piano, agregado de fazenda, são representantes da hierarquia social no campo. Esta hierarquia foi ficcionada, de forma contundente, no conto *A Enxada*. Nele é narrada a saga de Supriano ou, simplesmente, Piano. Camarada, pobre e negro, Piano não conseguiu cumprir acordo de trabalho com o fazendeiro patrão, um delegado. Fora entregue, em pagamento de dívida, a outro fazendeiro, um capitão. Agora, devedor do segundo patrão, plantaria um arrozal como forma de pagamento. Para isso, precisaria de uma enxada.

Em *A Enxada*, Bernardo Élis utiliza-se fartamente do exagero da arte para retratar a condição de alienação do trabalhador rural em relação aos meios e técnicas de produção. Em que pese os artifícios da criação contística, são eles que possibilitam conhecer os significados mais profundos da subserviência humana. Estes significados são representados na seqüência comentada da narrativa:

nego à -toa, não vale nem a dívida e ainda está querendo que te dê enxada! (VJ, p.50).

A fala do fazendeiro demonstra as semelhanças da sociedade pré-capitalista com a sociedade escravocrata, no que diz respeito ao tratamento dispensado a agregados e escravos, respectivamente. Piano possui valor de troca, é tido como uma mercadoria. A resposta de Piano ao mandonismo do patrão revela subordinação acompanhada de senso de moral. Sejam quais forem as dificuldades, cumpre plantar o arrozal e pagar o que deve. Questão de honra. Veja-se a próxima passagem do conto:

Piano era trabalhador e honesto... botou a mão na cabeça: adonde achar ua enxada, meu Divino Padre Eterno! ... Ele tinha conhecimento com o coronel, mas este não o serviria. Procurar negociante era pura bestagem. Elpídio estaria já de língua passada com todos eles para não venderem nada a prazo para os camaradas. Quem é que não conhecia o costume de Seu Elpídio? Era fazendeiro que exigia que todo mundo pedisse menagem para ele. Ele é que fornecia enxada, mantimento, roupa e remédio para seus empregados (VJ, p.50-51).

A falta de posses e o desconhecimento de direitos trabalhistas deixavam os agregados de fazenda numa situação aviltante de dependência. Agregado de fazenda trabalhava em troca de moradia, de alimentos, de remédios, de vestimentas, de ferramentas. Contraía dívidas sem saber, exatamente, o valor delas. A situação de miserabilidade é mostrada, a seguir:

Primeiro, pensou em matar um caititu, vender o couro e comprar enxada(...)se lembrou que para matar o bicho carecia de pólvora, espoleta, chumbo e espingarda. E ele possuía alguma dessas coisas? (VJ, p. 53).

É interessante como Bernardo Élis esgota todas as possibilidades de empréstimo da enxada, ferramenta tão rústica e comum naquele meio rural:

_ Seu moço, num vê que tou aqui com uma roça de arroz no ponto da planta e num tem enxada? Com perdão da pergunta, mas será que mecê não tem por lá uma enxada assim meia velha pra ceder a gente? (VJ, p. 53).

(...)

As poucas existentes estavam ocupadas e ninguém cedia ferramenta para camarada, porque no final era o mesmo que ceder para o patrão e esse tinha lá precisão de empréstimo? (VJ, p. 53-54).

O vigário poderia socorrer:

(...) seu vigário estava dizendo a Piano que não havia dúvida. Amanhã ele chegaria à cidade e Piano podia ir lá que receberia uma enxada (VJ, p. 57).

(...)

A notícia espantou o vigário que, em pessoa, acompanhado de Piano, revirou o porão da casa, rebuscou o quintal. Infelizmente, babau enxada! (VJ, p. 59).

No afã de conseguir a ferramenta,

Sua preocupação era tanta que, mesmo dormindo, quando a cancela batia no moirão da porteira ele sonhava que passara justamente naquela hora um sujeito com uma enxada desocupada (*VJ*, p. 55)

No desespero da véspera do dia firmado para plantar o arrozal e, finalmente, quitar a dívida, Piano, entre sonhos, pesadelos e delírios, resolve o problema da enxada:

Piano avançou com ar decidido, atracou o saco de arroz, num boleio jogou-o ao ombro, as pernas encaroçadas de músculos retesos saindo por baixo do saiote do baixeiro, tão desconforme. O corpo Pesado e duro de Piano batendo incerto no chão molhado e escorregadio, cambaleando sob o peso dos 30 quilos, afastou-se socando, socando, e se perdeu no engrolo na grota do fundo do rancho (*VJ*, p. 71)

(...)

A mulher espantou-se (...) mas o que via eram as mãos grossas de Piano manando sangue e lama, agarrando com dificuldade um bagaço verde de ramo de árvore (*VJ*, p.71)

Chegado o dia e em que o arrozal deveria estar plantado, os soldados, encarregados de cobrar a dívida, também se espantaram:

Chegando na grota logo os soldados viram a roça. Piano já havia plantado o terreno baixo das margens do corgo onde a terra era mais tenra, e agora estava plantando na encosta onde o chão era mais duro. O camarada tacava os cotos sangrentos de mão na terra, fazia um buraco com pedaço de pau, depunha dentro sementes de arroz, tampava logo com os pés e principiava nova cova (*VJ*, p. 73-74)

(...)

Os soldados aproximaram-se para se certificarem se aquele era mesmo o preto Supriano. Tão esquisito! Que diabo seria aquilo? Aí Piano os descobriu e, delicado como era, suspendeu o trabalho por um momento para salvá-los:

- Óia , ô! Pode dizer pra seu Elpídio que ta no finzinho, viu? (*VJ*, p. 73-74)

(..)

No que eles conversavam, trocando idéias (...) Aí o soldado abriu a túnica, tirou debaixo um bentinho sujo de baeta, beijou, fez o pelo sinal, manobrou o fuziu, levou o bruto à cara no rumo do camarada. (*VJ*, p. 73-74)

O desfecho trágico do conto chama a atenção para o tipo de violência que entremeava as relações sociais no campo de Goiás. A concentração fundiária desencadeava essa violência, seja pela persuasão, seja pela coerção. As duas características apareceram nos fragmentos apresentados: Primeiro, quando exposto o motivo que impedia seu Joaquim, o sitiante pobre, de emprestar a enxada ao amigo Piano; segundo, quando Piano passa a ser psicologicamente e fisicamente violentado pelo capitão e seus soldados.

Em *A Enxada*, Paisagens, representações, superstições, coloquialismos, festividades, companheirismo, entre outros, oferecem uma leitura da identidade sertaneja. Porém, a relação tensa entre fazendeiro e camarada, como foco da narrativa, subtrai a presença destes elementos culturais. A intenção do autor é enfatizar a alienação humana.

A dimensão política do sertão é recorrente na literatura de Bernardo Élis. Os escritos abaixo fazem parte do conto *Moagem*, de “*Caminhos e Descaminhos*”. Eles, similarmente ao conto *A Enxada*, apresentam um entrave entre fazendeiro e camaradas, agora numa madrugada de Moagem:

Pertenço, morador da casa do carro aparecia resmungando, cuspiendo, tomava o tição restante na fornalha de fazer sabão da casa de monjolo e saía abanando o pau de lenha na noite, soltando fagulhas da cor de ouro, como se fosse um demônio... rumava para a rebaixa, a meter fogo à fornalha das tachas. Chapéu à cabeça, roupa grossa de algodão, precata de couro cru, facão e cabeça de palha à cinta, Jeromão entrava na casa e saía dela, ia ao curral, entrava na rebaixa, sumia no lusco-fusco, surgia inesperadamente onde ninguém supunha, gritava com Damas para rachar mais lenha, ralhava com Totinha, chamava pelos filhos, metia o pé num porco magro que grunhia por ali, dava ordens para os derradeiros preparativos da moagem (CD, p.82)

Jeromão, fazendeiro. Pertenço, Damas e Totinha, camaradas. Na madrugada de Moagem, o preparo da cana culmina com o decepamento da mão de Totinha. Durante a passagem por Corumbá de Goiás, um ex-morador da zona rural do município, A de 76 anos de idade, relatou suas experiências nas “madrugadas de moagem”. A semelhança entre o depoente e a personagem de Totinha transpareceu quando ele recuperou da memória um acontecimento do passado:

Nas madrugada de moagem, nois levantava cedo para garrá no trabaio. Eu lembro que com uns 10 anos de idade já sirvia de guia de engenho. Teve uma situação que eu vou lhe contá: era de madrugada,

umas quatro hora, eu era bem criança, rumei no currar pra separar os boi de guia. O fazendeiro também levantava de madrugada. Ele ficava nervoso vigiando o sirviço meu e do meu pai e dos otros camarada. Teve uma veiz que ele disse que eu tava com inzona no trabai e me deu umas parmada... mais eu fiquei sintido... a partir daí eu puis na cabeça que tinha que adquiri condição de comprá , um dia, umas terrinha pra mim mesmo prantá (A em entrevista concedida em 22 de janeiro de 2008)

Santos fizera a seguinte análise de *Moagem*:

Pelo emprego do recurso da metonímia da mão pelo corpo, o conto “Moagem” metaforiza a condição em que paulatinamente o homem do campo desprovido de poder fundiário vai sendo “esmagado” por uma política que não o quer exterminar, pelo contrário, quer mantê-lo a meia distância e depende de um subdesenvolvimento sustentado pelo coronelismo que mantinha seu poder em boa parte do estado (2004, p.116).

Releva na consideração de Santos o fato de que uma análise do espaço goiano, aplicada a qualquer uma das fases de seu desenvolvimento, não pode prescindir de uma atenção para a formação da hierarquia social e para as relações de poder que nela se estabelecem.

No território sertanejo, as pessoas dispunham de forças e oportunidades desiguais de atuação. Veja-se o exemplo ilustrado pelas personagens Jeromão e Totinha do conto *Moagem* e Elpídio e Supriano do conto *A enxada*. Os primeiros sujeitos de cada par social, os fazendeiros, estabeleciam vínculos com o território a partir da posse de terras e do poder político. Os segundos sujeitos, os camaradas, estabeleciam vínculos a partir da sua condição de arrendatários de terras. Nos dois contos, Bernardo Élis aponta a intrínseca relação entre cultura e poder. E mais: o papel do poder e da sua representação na formação da identidade sertaneja.

Chaveiro (2005) apresenta uma leitura da relação entre cultura e poder no sertão de Goiás:

De alguma forma, o mundo da tradição não tinha adoção do pensamento crítico – e “racional” – até porque as instituições que controlavam os seus espaços não tinham um pendor liberal. A escola, por exemplo, significava ameaça contra o controle dos pais machistas sobre as filhas. Ou a ascensão do camponês nos negócios simbólicos. Exatamente, por isso, que os símbolos institucionais como o valor do casamento, o controle do pai sobre os filhos, as filiações religiosas, as credices, modos de vestir, gostos gastronômicos, pareciam ser iguais

entre patrões e empregados. A lentidão do movimento simbólico e pouca mobilização das referências sociais mantinha o poder estacionado nas mãos dos coronéis. (...) os códigos da violência eram aceitos como signos da realidade e que se acontecesse – como acontecia – de o coronel usar jagunços para manter a ordem, usar o próprio punho para molestar camponês, isso era consentido como normalidade societária da época. (2005, p.55-56).

O autor chama a atenção para o fato de que ao mesmo tempo em que os lugares sociais, de famílias de fazendeiros e de famílias de agregados, orientavam olhares e expectativas diferentes sobre o território, os símbolos culturais eram apropriados pelas duas partes sem as separações próprias das relações capitalistas.

Naquela fase da história de Goiás, o modo de vida assemelhava as pessoas. Contudo, a hierarquia social promovia um distanciamento que nem sempre a paisagem rural deixava transparecer. Esta realidade sónica do sertão goiano favorecia uma vida de relações atravessadas pela solidariedade e pelo poder. O diálogo entre solidariedade e poder era marcado por convergências e por conflitos.

Capítulo III

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIESPACIAIS E AS IDENTIDADES SERTANEJAS: DO SERTÃO REPRESENTADO POR BERNARDO ÉLIS AO SERTÃO CONTEMPORÂNEO

As reflexões encaminhadas nos dois primeiros capítulos apontaram elementos essenciais para o esclarecimento do objetivo direcionador da pesquisa: interpretar a vivência sertaneja no espaço contemporâneo de Goiás pela leitura cultural do passado. Isso implicou em voltarmos nosso olhar para o processo de construção e ressignificação da identidade territorial e cultural sertaneja, focalizando a ruralidade de Goiás, depois, sua urbanização.

O conteúdo material e simbólico da primeira metade do século XX, foi objeto de análise dos textos científicos e teve reverberação na representação literária de Bernardo Élis. A realidade ficcionada por ele foi analisada a partir das categorias natureza, paisagem, território, cultura e poder. O realismo que caracteriza sua obra, mais o enfoque regional, ambos colados à capacidade da literatura de investigar as subjetividades e desvelar a condição humana, permitiram uma aproximação mais significativa do espaço de vida da população rural, na temporalidade investigada.

Pela dramatização foi possível observar elementos que fazem parte do universo mais íntimo dos sujeitos e que concorrem efetivamente para uma produção cultural. No enredo dos contos, a descrição esmiuçada das práticas e das relações sociais, elucidou o desdobramento, no cotidiano, das dimensões econômica, política e social da realidade objetiva vivenciada pela sociedade rural.

No primeiro capítulo, escrevemos sobre os elos existentes entre Geografia e Literatura, argumentando a validade da aproximação entre estes dois campos do saber para uma leitura mais aprofundada da cultura. Também, foi exposto o contexto espacial de Goiás na temporalidade referente à primeira metade do século XX.

No segundo capítulo, os contos de Bernardo Élis, pela trama das personagens, possibilitaram enxergar na organização social sertaneja uma vivência espacial que legitima uma idéia de sertão: um espaço com valores, símbolos e modo de vida representativos de uma parte do Brasil que muitos estudiosos, a exemplo de Ribeiro (1996) e Martins (1997) consideraram como a própria essência do povo brasileiro.

Esta incursão pelo sertão goiano na literatura regional favoreceu uma visão mais clara dos tipos de sujeitos e ideologias que participaram da produção daquele espaço geográfico. A leitura realizada do passado possibilita, agora, tecer suas correlações com o presente, haja vista o reconhecimento de que a herança cultural do sertão permeia o espaço da atualidade.

A vivência territorial sertaneja goiana nos dias de hoje guarda em si as particularidades da cultura que alicerçou as ações e as representações dos sujeitos. Por seu caráter dinâmico, essa cultura que as gerações produzem e reproduzem, temporalmente e espacialmente, dialoga com outros conteúdos espaciais. Ela também se transmuta em modos de vida que atraem nossa atenção: as vivências espaciais tecidas na base geográfica contemporânea combinam feições da tradição e feições da modernidade.

Tal imbricação, para observadores atentos, é coerente com a formação histórico-geográfica de Goiás. O seu revés, no entanto, é uma inobservância ou uma diminuição do importante papel que a ruralidade ainda exerce na conformação do espaço goiano e na reprodução da sua cultura, como se a urbanidade desenhasse, em contínuo, a geografia dos nossos dias.

Empenhados em conhecer e revelar as combinações sociais da construção de uma espacialidade plural, os geógrafos interessados pela cultura abrem seus olhares aos diferentes tipos de sujeitos que produzem o espaço e nele registram sua subjetividade e suas referências de vida, conforme adverte Sahr (2008).

Seguindo esse viés, ajuizamos: como resultado da combinação de experiências humanas, a paisagem do cerrado goiano expressa, com fidelidade, a sua diversidade cultural. Em meio a essa diversidade, interessou-nos, particularmente, aprofundar o conhecimento sobre a cultura sertaneja produzida na área *core* do Brasil.

Originária do encontro simbiótico entre o elemento humano e o elemento natural, a cultura sertaneja genuína explica-se, precipuamente, pela relação de intimidade entre os sujeitos e a natureza natural e social do sertão. É importante lembrar que quando falamos em cultura sertaneja goiana, consideramos como seus edificadores não somente os que nasceram no Estado, mas todos aqueles que independentemente da naturalidade estabeleceram-se nas terras locais e assimilaram as características rurais próprias da fazenda goiana.

Ressignificada nas suas manifestações pelo processo legítimo de vicissitudes espaço-temporais, a cultura sertaneja nos dias atuais incorpora elementos oriundos da

urbanização do Estado. Desde o início das políticas vorazes que fomentaram o “desenvolvimento” das áreas de cerrado, processaram-se alterações significativas no modo de vida rural. O acirramento dessas políticas promoveu a presente realidade espacial: a convivência do rural com o urbano. Esta convivência caracteriza um tipo de “hibridagem cultural”, expressão cunhada por Canclini (1995), carente, ainda, de leituras sobre como essa mistura assume uma concretude e uma simbologia no espaço de vida dos sujeitos.

Já escrevemos que os fatos que culminaram na nova realidade espacial irromperam junto com o ideário da modernidade e do progresso em Goiás. As políticas que instituíram as mudanças nas relações capitalistas no Estado tiveram seu ápice na década de 1970.

Se levarmos em conta que as décadas de 1970/80 consolidaram o processo de modernização do campo em Goiás, cujo desdobramento mais evidente é a intensa migração rural - urbana ocorrida naquele período, concordaremos que uma geração de pessoas que hoje se encontra dispersa no espaço urbano das grandes e pequenas cidades, deslocou consigo sua cultura e garantiu a presença do rural no urbano. Concordaremos, também, que aquelas pessoas que permanecem no campo recebem as influências da modernização do espaço goiano: agrupadas em comunidades rurais, praticantes da agricultura familiar, convivem com as adaptações mercadológicas da fazenda tradicional; exercendo atividades temporárias, no interior de grandes propriedades, convivem com as inovações tecnológicas da fazenda moderna. No caso dos proprietários da fazenda moderna, estes são os agropecuaristas, antes representados pela figura do coronel. Nesta segunda situação, o que há é presença do urbano no rural.

É justamente essa mescla que assinala o fenômeno apontado e estudado por muitos geógrafos e outros cientistas sociais, sob diferentes perspectivas: o caráter dialético da produção do espaço goiano e da sua vivência na contemporaneidade. Cientes deste contexto social e interessados em interpretá-lo pelo viés da cultura, suscitamos, neste momento da reflexão, as seguintes indagações: - Neste espaço híbrido, em que lugares está presente o sertão narrado por Bernardo Élis? Como vivenciam o espaço, os sertanejos que migraram para as cidades? Como pensar, explicar a ressignificação da identidade territorial e cultural sertaneja em Goiás?

Estas são as principais perguntas que buscaremos responder neste capítulo. Começaremos pelo aprofundamento da reflexão sobre território, paisagem e sua relação

com a formação da identidade cultural sertaneja. Para isso, o conceito de ruralidade será revisitado e seus sentidos serão associados ao universo rural extraído da literatura de Bernardo Élis. Em seguida, apresentaremos nossa compreensão dos novos significados que a identidade cultural assumiu, em razão da reestruturação do território e da reconfiguração das paisagens do cerrado goiano. Esta análise contém os elementos necessários à interpretação da vivência sertaneja no espaço contemporâneo de Goiás.

1- Ruralidade e identidade cultural: o enlace da paisagem com o território

O espaço rural goiano, no seu curso histórico, foi palco de uma multiplicidade de vivências no seio das quais as pessoas participaram da produção e reprodução do território e de suas paisagens. Paisagens que não nos deixam esquecer de que a atividade humana transforma constantemente a natureza em cultura e que esta transformação reflete os valores e as condições econômicas que mobilizam as práticas dos grupos sociais e orientam a criação de suas territorialidades.

Haesbaert (2007) reafirma que as identidades territoriais são eminentemente identidades culturais. Ele quer com isso enfatizar que o sentimento de pertença a um território é produzido não apenas pela sua apropriação material mas, também, pela sua valorização simbólica. Estamos falando de valores construídos culturalmente por grupos sociais específicos.

Na literatura de Bernardo Élis, a representação do cotidiano rural chamou a atenção para a relação intrínseca entre práticas socioculturais e território e entre práticas socioculturais e paisagem. Pelas ações e pelos sentimentos das personagens, foi possível ampliar o entendimento da identificação que as pessoas constroem com a história e com a cultura do espaço que vivenciam. São, de fato, a materialidade e a simbologia da paisagem, ao lado das relações sociais que perpassam o território vivido, que permitem o reconhecimento dos sujeitos enquanto grupo social portador de uma cultura.

Não há dúvidas de que território, cultura e identidade compõem uma tríade imprescindível ao entendimento das geografias que se formam na base física dos lugares. A leitura identitária dos lugares exige, assim, uma atenção para a cultura que particulariza a relação das pessoas entre si e com a natureza, e para o produto espacial resultante dessa relação.

Esta recomendação não parte de constatações alheias às idéias originais do geógrafo francês, Paul Claval. Claval (2001, p. 37) presta importante contribuição ao emprego de fatos culturais na Geografia ao propor que “é pela cultura que as populações interagem com a natureza, fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular”. A partir desta premissa, muitos geógrafos têm realizado suas construções teóricas e suas leituras empíricas sobre a espacialização da cultura. Com isso, eles buscam entender as diferenças e as semelhanças entre os sujeitos e os lugares.

A alteridade que interpõe entre sujeitos e entre lugares contem os limites fronteiriços que asseguram a existência de territórios identitários, conforme esclarece Almeida (2005). A autora concebe que estes territórios são o produto da apropriação, da interação e da valorização espacial. Ao pesquisar populações sertanejas do Norte Goiano, ela pôde, inclusive, reconhecer pelas práticas dos grupos, seus “elos territoriais de identidade” (IDEM, 2005,p.338).

É interessante cotejar a ligação entre sujeito e território identificada por Almeida (2005), em populações do Norte Goiano, com a ligação entre sujeito e território implícita no enredo dos contos de Bernardo Élis (1945, 1956, 1966), que contextualizam o remoto universo rural. Há uma equivalência no resultado das leituras da geógrafa e do literato, ainda que estas leituras tenham sido realizadas em temporalidades distintas e valendo-se de procedimentos metodológicos diferenciados.

A proposição de Haesbaert, a respeito da relação entre território e cultura na construção da identidade, permeia toda a discussão que vimos realizando até aqui. Já as idéias de Claval (2005) e Almeida (2005) sustentam a proposição de que a cultura sertaneja, a despeito da sua constante resignificação pelos grupos sociais, possui propriedades basilares que acompanham a dinâmica socioespacial do sertão. Esta característica faz com que modos de vida tradicionais persistam na fase contemporânea em que a modernização e a modernidade estendem sua influência e seus símbolos pelas áreas mais distintas e distantes do cerrado goiano.

Expressando de outra forma, uma produção cultural se edifica e se solidifica pela produção e reprodução do fundamento das práticas sociais e não das práticas sociais em si mesmas. Estas últimas podem ser reelaboradas pelas novas gerações em acordo com a nova temporalidade, seus objetos, idéias e valores, mas, ainda assim, mantêm o elemento fulcral da sua concepção social original. Se fosse de outro modo, na atualidade não teríamos a consciência cultural dos legados da humanidade ou de sociedades específicas. Nossa memória coletiva, não registraria, por exemplo, o patrimônio histórico, social e cultural que nos confere uma idéia de Brasil ou uma idéia de Goiás.

Os questionamentos que problematizam a temática da identidade cultural sertaneja surgem justamente do duo apresentado: permanência e resignificação. Ora, se a cultura sertaneja mantém sua essência e a passagem das temporalidades tão somente lhe acrescenta significados, como alcançar os sentidos profundos dessa

combinação? Na realidade empírica de Goiás, como interpretar a ressignificação da identidade cultural e a vivência sertaneja contemporânea?

Uma assertiva é verdadeira e segura: O mundo rural mudou. Se houve o tempo em que sociedade podia enxergar limites mais precisos entre o espaço rural e o espaço urbano, era porque suas características econômicas, políticas, sociais e culturais refletiam, de fato, realidades diferenciadas e com dinâmicas próprias. As expressões rural e urbano chegavam às mentes das pessoas pelas imagens construídas a partir das referências territoriais e das expressões paisagísticas que atestavam que campo e cidade possuíam funções, equipamentos e, principalmente, organização socioespacial distintas. O que não pode ser confundido com realidades completamente díspares do ponto de vista da cultura, pois, no Brasil, a formação de muitos núcleos urbanos esteve associada ao campo.

No caso específico de Goiás, conforme se destacou no primeiro capítulo, a história é confiável em informar que arraiais e pequenos vilarejos conformavam uma extensão da fazenda e isto permitia uma aproximação dos modos de vida (GOMES e TEIXEIRA NETO, 2005). No segundo capítulo, tal aproximação pôde ser clareada pela interpretação dos fragmentos dos contos de Bernardo Élis, em que apareciam as características espaciais das fazendas e dos arraiais.

Todavia, ainda que num Estado de base agrária e com forte tradição rural, os primeiros núcleos urbanos tenham tido forte ligação cultural com o campo, não há como negar que as atividades produtivas eram desenvolvidas sob uma divisão mais rígida do trabalho e, por isso, delimitavam as especificidades do espaço rural e do espaço urbano. A agropecuária praticada no interior das fazendas e o desenvolvimento do comércio nas cidades, acenavam para a consolidação de modos de vida e relações sociais característicos de ambientes que se tornariam cada vez mais distintos do ponto de vista material e imaterial.

Ora, nos contos de Bernardo Élis, interpretados no segundo capítulo, a distinção entre as fazendas e os arraiais foi demonstrada, por exemplo, nas situações em que as personagens falavam sobre sua vivência num e noutro lugar. Nas fazendas, a lida com o gado, com as plantações e com outros animais, era a atividade principal do cotidiano.

Os papéis sociais eram exercidos pelo carreiro, pelo vaqueiro, pelos peões, pelas domésticas, pelos fazendeiros. Nos arraiais, o comércio atendia à sua população e à população das fazendas. Para os moradores do campo, eram vendidos os

instrumentos necessários à produção agropecuária e os produtos que aqueles moradores não podiam produzir, como por exemplo, tecido, sal e querosene. Em contrapartida, os habitantes dos arraiais compravam produtos como queijo, galinhas e ovos, produzidos com mais fartura nas fazendas.

Com esta distinção sociocultural, um alerta é necessário: Se por um lado, as atividades agropecuárias nos permitem elaborar um conceito de rural que não se confunde com o conceito de urbano nos períodos anteriores à modernização agrícola, por outro lado, é preciso ter o cuidado de não tomar a noção de ruralidade somente pelo seu aspecto econômico. A constatação de que modernização atraiu novas atividades para o campo e forjou novo ordenamento espacial, como no caso da agroindústria, não é suficiente para entendermos sua nova roupagem.

Como já acenamos, a elucidação da ruralidade praticada no passado e dos novos significados que ela assume no presente não se dá exclusivamente pela investigação do seu conceito original e pela sua revisão, se isto se fizer somente a partir dos construtos objetivos da realidade.

Certos disso é que buscamos amparo na linguagem literária para conhecer o rural do sertão goiano. A percepção literária dos lugares possui um mérito: ao invés de conceituar a realidade vivida pelas pessoas, interpreta os conceitos que as próprias pessoas outorgam à sua realidade. Presentemente, a conceituação científica terá mais valor se conseguirmos interpretar a mecanização do campo pelos sentidos culturais que os sujeitos lhe atribuem. Esta interpretação é que nos autoriza estabelecer correlações apropriadas do passado com o presente a fim de compreender a ressignificação da identidade cultural da ruralidade goiana.

A hipótese perseguida no desenrolar da pesquisa apostou que o enlace do território com a paisagem, lidos na sua dimensão objetiva e subjetiva, seria a combinação a orientar a identificação da sociedade com a cultura criada no sertão.

Com base nas construções teóricas de Haesbaert (2008), Claval (2005), Almeida (2005) e nos estudos de caso realizados por autores como Rigonato (2005), Olanda (2006) Ribeiro (2007), Mendes (2008), Andrade (2008), analisando a cultura do cerrado com ênfase para o cerrado de Goiás, a seqüência do texto dissertativo diz respeito ao amadurecimento da compreensão de como o território e a paisagem fundamentam a construção de uma identidade cultural e de como a reestruturação do território e da paisagem reelaboram os sentidos da ruralidade.

Anteriormente, foi possível identificar os elementos para uma leitura cultural do espaço via dois procedimentos metodológicos: 1- pela trama das personagens de Bernardo Élis representativas da tipologia social do sertão; 2- pela reconstituição do passado possibilitada pelas conversas com ex-moradores do campo.

Ali, pôde-se perceber que a cultura sertaneja goiana constituiu-se em acordo com as características do contexto histórico estudado – a primeira metade do século XX. Desde o início do processo de ruralização de Goiás, quando decresce a exploração aurífera, até a efetivação do projeto de modernização, pertencer ao espaço rural significava participar de uma cultura tradicional e hegemônica. Tradicional porque prevaleciam os valores e símbolos fundantes das ações dos grupos sociais e hegemônica porque a parcela maior da sociedade partilhava o modo de vida construído no campo.

Os símbolos daquela cultura expressavam uma ordem econômica e social estruturada sob valores e ideologias de políticas que fomentaram o desenvolvimento agrário do Estado. Desse modo, o remoto universo rural – que Bernardo Élis observou e recriou nos seus contos – só pôde existir porque seu substrato social compunha-se dos elementos conferidos pela história da ocupação e do povoamento de Goiás, história cujo enredo cuidou de desenhar o território, elencar os seus sujeitos, erigir seus signos e esculpir suas paisagens.

Os estudos de Estevam (1998) e Arrais (2003), sobre a formação geográfica de Goiás, registram que a mineração, atividade que motivou a interiorização das bandeiras pelo sertão, não prosseguiu por muito tempo porque o território foi amplamente saqueado nos seus recursos minerais, pela coroa portuguesa. Quando estes recursos decresceram em rentabilidade, cederam lugar à pecuária e à agricultura, atividades que se firmaram em terras de relevo, solo e extensão favoráveis ao modelo de fazenda característica do espaço goiano.

Como já foi escrito, a estrutura fundiária, marcada pelo latifúndio, estabeleceu o arquétipo societário do campo: fazendeiros residentes, sitiantes e agregados alijados de terras próprias. Dominação e subordinação entremeavam a comunicação entre estes grupos revelando-se mais proeminente entre fazendeiros e agregados.

Não é por coincidência que a sociedade rural denotava forte jugo social entre os grupos mencionados: estávamos bem próximos ainda do período da escravidão. Em Goiás, se numericamente a escravidão não aparentou ser significativa, o mesmo não se pode dizer da sua prática abusiva que, certamente, reproduziu realidade brasileira.

Mesmo abolida a escravidão no Brasil, o regime de trabalho manteve a subserviência e a dependência dos trabalhadores da terra. As relações de poder denotavam o caráter da nova servidão. Não raramente, os conflitos entre fazendeiros, sobretudo os latifundiários, e agregados, culminavam com violência e coerção dos primeiros sobre os segundos.

Alusão a este tipo de violência e coerção foi feita na literatura de Bernardo Élis. Cabe lembrar, por exemplo, os contos *a enxada e Moagem*, apresentados no segundo capítulo. Estes dois contos chamam a atenção para o domínio coronelista. Seus enredos esclarecem como o caronelismo foi favorecido num espaço carente de rigidez na aplicação das leis normatizadoras das relações sociais e habitado por uma sociedade que ignorava a existência de direitos legalmente assegurados.

Esta síntese histórica reforça a idéia de que o estudo de uma produção cultural deve considerar os diferentes sujeitos que compõem uma sociedade: a participação das pessoas na sua cultura - produção, significação e acesso aos bens e idéias produzidas - depende muito do seu lugar social. Isso tanto é verdadeiro que quase por consenso, cientistas sociais defendem que a cultura institui formas que as pessoas interiorizam e manifestam na sua vivência. Tal assertiva teórica ganha concretude quando se observa, no cotidiano, as práticas, os valores e costumes que diferenciam o comportamento dos grupos sociais.

Em momento anterior da discussão, esclarecemos que as semelhanças no modo de vida da sociedade sertaneja goiana não encobriam a discrepância interna ao grupo. Foi justamente por isso que Bernardo Élis lançou mão de uma linguagem contundente para narrar a ruralidade de Goiás. Sua opção por revelar a vivência dos trabalhadores rurais, adveio deste dado da realidade: a desigualdade social. No espaço rural representado na narrativa contística, as personagens expressam, por meio de suas ações e de suas emoções, os sentidos dessa desigualdade.

Retomar a idéia da desigualdade social neste momento, é fundamental para clarearmos o nosso entendimento de identidade cultural, ou melhor, a perspectiva em que tratamos a identidade territorial.

Esta identidade contém os sentidos culturais das relações travadas no território vivido. Os principais atributos dessa relação, solidariedade e poder, se inscreveram no espaço e qualificaram sua ruralidade. O primeiro, intrínseco à sociabilidade do grupo, e o segundo, intrínseco às relações de trabalho, orientaram processos territoriais e paisagísticos que deram coesão à ruralidade.

Dentre os adjetivos componentes dessa ruralidade, há aqueles que permitem uma identificação coletiva com a cultura do sertão e aqueles que diferenciam as identificações, seja pela individuação psicológica, pelo gênero e pela faixa etária, seja pelo lugar social do grupo.

No nosso entender, esta idéia pode ser esclarecida assim:

a- A identificação coletiva das pessoas com a cultura pressupõe a compatibilização de valores morais, de representações sociais e simbólicas, de crenças e superstições, do gosto estético, da culinária, dos objetos e da paisagem do cerrado. Isso pode ser exemplificado pelo patrimônio cultural do grupo, tanto o que se materializa na paisagem, tanto o que compõem a memória e se converte em referências sócio-históricas das pessoas;

b- As diferenciações na identificação cultural relativas à individuação psicológica, o gênero e à faixa etária, relacionam-se com as particularidades características de cada uma desses elementos que orientam o comportamento e os papéis sociais;

c- O lugar social dos sujeitos é o qualificativo que mais produz variação na identificação com a cultura local. Sobretudo, pelos horizontes de vida que as pessoas constroem em razão da ausência ou da propriedade de terras, gado, pastos, lavouras, controle e prestígio social.

Diante do exposto, é sensato conceber a existência de várias identidades culturais sertanejas?

Compartilhamos idéia de que as diferenças internas a um grupo social não podem, todas elas, serem consideradas identidades culturais. Como muito bem esclarece Haesbaert (2007) toda identidade territorial é uma identidade social, mas nem toda identidade social é uma identidade territorial. Ele lembra que a identidade territorial

... se caracteriza como identidade social que toma como seu referencial central, definidor do grupo, o território, ou num sentido mais amplo, uma fração do espaço geográfico” (Idem, 2007,p.44).

Sobre isso ele explica:

Na verdade, podemos afirmar que, como toda relação social, toda identidade cultural é “espacial”, na medida em que se realiza no/atraves do espaço, mas nem toda identidade é “territorial” no sentido da centralidade adquirida pelo referente espacial em estratégias de apropriação culturais e políticas, dos grupos sociais –

ou seja, realiza-se claramente, neste caso, o elo entre espaço, política e cultura.” (Idem)

No território, a dimensão física com todos os seus recursos naturais se reveste das intenções e vontades humanas daqueles que nela se estabelecem. Tais intenções e vontades são de ordem política, que estruturam materialmente e economicamente o território, e de ordem cultural, responsável pela sua simbolização ao nível das ideologias e das crenças. É neste sentido que o grupo a se apropriar de um território, partilha, no bojo das relações e dos processos sociais, os mesmos códigos culturais, a mesma identidade territorial.

Parafraçando ainda Haesbaert

no que estamos denominando aqui de identidades territoriais, escolhem-se (ou, concomitantemente, reconstroem-se) espaços e tempos, geografias e histórias para moldar uma identidade, de modo que os habitantes de um determinado território se reconhecem, de alguma forma como participantes de um espaço e de uma sociedade comuns (Idem, p.44).

Não cabe ler a identidade cultural pela individuação psicológica, pelo gênero e pela faixa etária (identidades sociais e espaciais, como vimos). Seria um equívoco lê-la pela estratificação social. Vale repetir: ao mesmo tempo em que a propriedade e o poder separam, explicitamente ou sutilmente, os grupos, as práticas, valores e costumes, próprios do contexto, conciliam seus laços territoriais. Nos contos de Bernardo Élis, estas duas situações foram ilustradas: o coronel, na posição de proprietário de terras, subjugando o agregado, na posição de trabalhador rural, e os dois arquétipos sociais dividindo representações simbólicas, sentimento de religiosidade, de festividade, construídos numa cultura rural.

Na porção espacial em que os grupos se reconhecem como participantes de uma sociedade comum, sugere-se que este reconhecimento passa, inclusive, pela sua posição social e sua participação enquanto tal na produção da cultura. Neste sentido, na sociedade sertaneja, na temporalidade que discutimos agora, os sujeitos sociais - agregados, sitiantes e fazendeiros - têm consciência da interação e da dependência de suas ações para a formação de uma idéia de sertão. Ou seja: reconhecer-se sertanejo, é reconhecer-se participante de um grupo caracterizado por uma modalidade social de problemas - injustiças, desigualdades, misérias - ao mesmo tempo, de trocas: sociabilidade, valores, símbolos representações.

Talvez seja este um dos fatores a informar que a identificação com a cultura não contempla somente a apreciação positiva do espaço de vida. Os laços com o território abarcam, também, as restrições sociais que este espaço propiciou.

Quando ex-moradores do campo dizem nas suas apresentações pessoais: - “nossa origem é rural” , “nossa identidade é sertaneja”, lê-se , na sua forma de se expressar, o misto da “beleza” com a “dureza” da vida que tiveram. A ciência social e a arte literária apresentam registros de que o sertão criou diferentes códigos culturais. Eles representam, do que é alheio ao que é próprio na vida de cada sujeito, a identidade legitimadora da sua população.

1.1 O velho e o novo no território, o velho e o novo na paisagem

Na atualidade, a reestruturação do território e a remodelação de suas paisagens desautorizaram as representações habituais do campo e, também, da cidade. O presente período histórico contem os processos do avanço da economia capitalista que responde pelas alterações socioespaciais de Goiás. Esta situação confirma a complexidade das redes de relações que estruturam o espaço, sobretudo nos nós nos quais se dá a intersecção do rural com o urbano. O encontro das duas espacialidades desperta a atenção dos cientistas sociais.

Presentemente, verifica-se uma preocupação especial com a configuração de uma nova ruralidade. Carneiro (1997) Graziano (1996) e Saraceno (1997) são alguns dos estudiosos deste fenômeno que irrompeu no Brasil pós-70. Suas reflexões resultaram em diferentes pontos de vista e auxiliam o entendimento da convivência do rural com o urbano, seja no campo, seja na cidade. Mais que isso, seus posicionamentos sobre a nova realidade do campo brasileiro colaboram com a interpretação da realidade local.

Saraceno (1997) adverte que é preciso ter clareza dos critérios definidores do rural e do urbano quando os pesquisadores se dispõem a compreender a dinâmica espacial. Sua opinião é a de que, em razão desta dinâmica, a contemporaneidade exige uma revisão do conceito de rural. Entre os critérios que ela apresenta para repensar a ruralidade, aparecem aqueles mencionados no início do capítulo: o contingente demográfico, a produção agrícola e a divisão territorial do trabalho.

A respeito do contingente demográfico, a observação mais elementar é que até a década de 1960 a população rural, em todo o país, sobrepunha-se a população urbana. Os percentuais relativos àquele período indicam uma formação territorial fortemente comandada pela política agrária. Em Goiás 57,9 % das pessoas residiam no campo e 42,09 % nas cidades. As estatísticas do IBGE, de 1950 à 2000, indicam clara tendência de urbanização do Estado a partir de 1960, período em que avança o processo de modernização do campo.

A produção agrícola constituía-se, indiscutivelmente, a atividade preponderante do campo. Qualificada de setor primário da economia, informava o papel do espaço rural na divisão territorial do trabalho. Nesta divisão, cabia ao espaço urbano a função de abrigar as indústrias e o comércio, setores secundário e terciário

da economia, respectivamente, responsáveis, nesta mesma ordem, pela transformação e pela comercialização dos produtos agropecuários.

As mudanças processadas a partir da modernização do campo desfizeram o clássico modelo econômico em considerável parte do Brasil. Isso ocorreu principalmente nos latifúndios. A incorporação da agroindústria - encarregada da seleção e da transformação dos produtos agrícolas - mostra que o campo passou a dividir com a cidade a tarefa de sediar o setor secundário da economia.

Novas relações de interdependência entre campo e cidade caracterizam a atual organização territorial do Brasil. Estas relações decorrem da dinâmica espacial que responde, inclusive, pela apropriação efetiva do cerrado goiano pelo capital. A evidência dessas transformações em que o urbano invade o rural suscitou a idéia da configuração de uma espécie de *continuum espacial* (GRAZIANO,1996);(IANNI, 1996). No nosso entender, aceitar tal prerrogativa, sobretudo do ponto de vista da cultura, seria mirar um olhar turvo sobre a realidade, sem atentar para as particularidades dos modos de vida do campo e da cidade. Ou seja, um olhar incapaz de reconhecer que, embora com características culturais imbricadas, ainda há diferenças significativas entre um lugar e outro.

É certo que a pluriatividade, que atualmente caracteriza a economia do campo brasileiro, influencia o modo de vida dos habitantes. Graziano (1996), ao discutir pluriatividade lembra que o termo designa o exercício de atividades não-agrícolas por pessoas residentes no campo e, também, o exercício por estas pessoas, de atividades realizadas nas cidades, uma substituindo a agricultura, outra agregando rendimentos a ela.

Carneiro (1997), ilustra a realidade sugerida por Graziano. A autora ressalta a oferta de atividades de lazer nas fazendas, atividades que ganharam notoriedade e adeptos, sobretudo após a década de 1990, quando o movimento ecológico alcançou seu auge. A disseminação das ideologias alternativas de vida continua a alavancar o sucesso dos hotéis fazendas:

Essa busca da natureza e o desejo dos cidadãos e transformá-la em mais um bem de consumo toma a forma de turismo, alterando o ritmo de vida local. Pequenas pousadas são construídas e tendem a substituir, em grau de interesse e em rendimento, a unidade de produção agrícola que nela funcionava. A agricultura nesses casos, passa a ser um complemento, muitas vezes voltada para a manutenção da família e dos hóspedes, e um bem de consumo ao garantir um clima 'rural' almejado pelos turistas (1997,p.48).

É no momento em que as relações se estreitam, quando valores, hábitos e objetos urbanos deixam de ser estranhos a moradores do campo, que a cultura se modifica. No entanto, esta modificação carece de ser pensada com cautela. Nesta perspectiva, Carneiro pondera que

Se as medidas modernizadoras sobre a agricultura foram moldadas no padrão de produção (e de vida) urbano-industrial, seus efeitos sobre a população local e amaneira como esta reage a tais injunções não são, de modo algum, uniformes, assim como tais medidas não atingem com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de produtores.

E continua

É precipitado concluir que tal processo resultaria na dissolução do agrário e numa tendência à transformação uniformizadora das condições de vida no campo (1997,p.52).

Para a autora, este novo uso do espaço rural amplia as oportunidades de emprego para seus moradores, ao mesmo tempo em que estreita suas relações com outros sistemas culturais. Ela lembra que a nova empregabilidade do campo, que distoia das tradicionais atividades rurais, representa uma oportunidade de redução do êxodo-rural. O aspecto mais importante de ser destacado sobre as transformações no campo, contempla o mesmo sentido da expressão cunhada por Calaça (2000) ao explicar o sentido dessas transformações em Goiás: “ velhas formas, novas funções”.

O contexto analisado por este geógrafo, o sudoeste goiano (2000), exemplifica bem a refuncionalização do espaço rural. Pelo menos duas situações são esclarecedoras do atual contexto. A primeira diz respeito às fazendas transformadas em hotel. A velha forma, neste caso, está na preservação de objetos típicos da fazenda tradicional, tais como a bica d’água, o monjolo, o fogão à lenha, as panelas de ferro, os móveis esculpido em madeira etc., e, é claro, o ambiente de ritmo desacelerado, afeito ao descanso. Estas fazendas acolhem pessoas que se dispuserem a pagar pelo conforto da hospitalidade que inclui desde passeios a cavalo a banhos de piscina, entre outras distrações.

Porém, a modalidade de fazenda que mais chama a atenção na reconfiguração da paisagem do cerrado, é aquela que abriga algum complexo agroindustrial. No sudoeste goiano, a agroindústria é composta por granjas e por refinarias de óleo que

atendem diretamente à demanda de produtos de fábricas de porte nacional. Isso é consequência da descentralização das indústrias no território brasileiro, o que confirma que as transformações culturais de um lugar se processam mais rapidamente em razão de decisões externas aos grupos sociais, em especial aqueles que não detêm poder político e econômico.

Das observações feitas pelo grupo de geógrafos que acompanhou Calaça (2000), em sua leitura empírica de municípios da região sudoeste de Goiás, a “lente geográfica” registrou imagens eleitas como ícones da transformação do cerrado goiano: a imensa voçoroca a erodir o solo da nascente do Rio Araguaia, a extensa plantação de soja que recobre o solo daquela região, e o imponente pinheiro - arbóreo proveniente da floresta de araucárias do Sul do Brasil - em meio ao solo recoberto pelas gramíneas do campo cerrado.

Estes novos usos do território revelam que o solo do cerrado não é propriedade dos “Povos Cerradeiros” que os geógrafos Marcelo Mendonça (2005), autor da expressão, e Almeida (2005), defendem como sujeitos capazes de preservar, em razão dos seus “elos territoriais”, a biodiversidade do bioma.

A paisagem atual é a dos “*Tantos Cerrados*” (2005). Este é o enunciado síntese da dinâmica espacial que intitula o livro que os autores supracitados, juntamente com Silva, Chaveiro, Rigonato, Romancini e Martins, Pinto e Filho, Almeida e Pereira, Lustosa, Oliveira, Adorno e Fighera, Soares, Camacho, Lourenço, Melo e Bacelar, Carvalho e Costa manifestam e discutem suas preocupações com a natureza, com a cultura e com a economia das áreas de cerrado do Brasil.

Sob diversos ângulos de análise, as investigações destes estudiosos convergem para compreensão de que os intentos das políticas territoriais e econômicas refletem na cultura do lugar onde elas se materializam. O principal mérito de suas investigações está em considerar o cerrado enquanto bioma e enquanto cultura. Tal indissociação fundamenta bem esta parte da reflexão, já que escolher o território e a paisagem para pensar a construção e a resignificação da ruralidade goiana implica em atentar para o natural e o humano que compõem a “cultura cerradeira”.

Na perspectiva cultural, na mesma obra, Mendonça, Almeida, Chaveiro e Rigonato são, dentre os autores supracitados, os que compartilham com o nosso pensamento sobre a atual relação sociedade-natureza no ambiente do cerrado goiano.

Suas inquietações dizem respeito ao cerrado como um todo. Porém, suas interpretações partem de estudos de caso realizados em regiões distintas de Goiás. Isso,

sem dúvida, acrescenta muitos elementos à discussão sobre os sertanejos e seus territórios na contemporaneidade. As diferenciações das áreas pesquisadas, as particularidades da sua cultura, a forma com que o capital se apropria ou se aproveita dela, nos capacita responder sobre os nexos que conferem uma coesão cultural aos territórios e às paisagens rurais.

Chaveiro (2005) apresenta uma leitura mais global das transformações da cultura do cerrado. Sua análise parte da tradição que se constituiu em Goiás durante seu processo de ruralização. No texto, Chaveiro desenvolve a idéia de que uma mesma base, a agrária, condicionou as manifestações culturais próprias do Estado e também o modo de vida das populações sertanejas. Certamente, o arraigamento da cultura local e sua expressão popular é que fazem com que o autor, embora veja no projeto modernizador do território a “força motriz” das transformações espaciais, avalie que

a modernização apesar de ser avassaladora e hegemônica, não erradica a tradição, de tal modo que a modernização é incompleta, mas hegemônica; e que hegemônica ao relacionar com a tradição, possui especificidades que singularizam os lugares do cerrado goiano e reformulam os símbolos e o cérebro do homem sertanejo (2005, p. 53).

A partir desta explicação, ele assinala categoricamente que

o que se tem explicado pouco e avançado de maneira exígua é o entendimento de como esse processo se relaciona com a tradição e com os seus signos culturais(IDEM).

Concordamos que é preciso, ainda, aprofundar e estender a reflexão sobre a relação da modernização do território goiano com a tradição cultural. No entanto, há que se reconhecer que alguns textos já contemplam aspectos importantes do avanço reclamado pelo autor.

Almeida (2005), atentou para o sentido da materialização dessa relação no Norte Goiano, em pesquisa que já citamos e comentamos neste texto. Sua análise se volta para a população local e para o uso que esta faz da biodiversidade do cerrado. Esta biodiversidade é concebida por Almeida, e também, por Escobar (1999, p. 56) como “território culturalizado”. Por meio desta expressão, os dois autores querem chamar a atenção para o fato de que a valorização simbólica ou mercadológica do cerrado tem a ver com a “consciência que os homens têm de sua relação com a natureza” (2005,p.323).

Neste sentido, a pesquisadora reafirma que

o momento atual é de ressignificação das áreas tropicais como valiosa reserva genética e de suas populações tradicionais como portadoras de conhecimentos de conservação da natureza. (2005,p.326).

Outro estudioso sensível à tradição rural do cerrado goiano é Mendonça (2005). Ele percebe nos movimentos sociais MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens - e MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - uma luta que

contem elementos de defesa de um modo de vida e de relações socioeconômicas impressas no território e ancoradas na manutenção de valores culturais e relações sociais que, uma vez desterritorializados, não podem ser recolocados (2005, p.280).

O posicionamento do autor, que demonstra desacreditar da reterritorialização das relações sociais e do modo de vida das populações estudadas, tem respaldo na sua atuação política junto aos movimentos sociais mencionados. Presente nas manifestações que estes movimentos organizam, e sabedor dos ganhos e perdas das pessoas participantes, o olhar e a razão de Mendonça parecem chocar-se com as cenas capturadas e com os depoimentos ouvidos daqueles que valorizam, além de economicamente, sentimentalmente o território construído no ambiente de cerrado.

Os excertos que se seguem esclarecem o que acabamos de comentar:

Eu queria que o rio visse os últimos dias da minha vida. Ele assistiu a vida da minha família desde o meu bisavô. Toda a família viveu aqui, O São Marcos é o berço da nossa família. Se for construída a barragem, vai acabar com tudo. E não é só a minha história, todos aqui possuem histórias parecidas. Os mais velhos como o meu pai não acreditam que isso vai acontecer. Nós aprendemos a conviver com o rio, com os bichos, e a usar a terra e a água sem destruir. (M.B. C . Ato público contra a barragem Serra do Falcão – 23/03/2004) apud (MENDONÇA, 2005,p.278-279).

A menção à relação de afeto com a natureza, valorizada especialmente pelos mais velhos, demonstra que em algumas áreas do cerrado goiano, a população sertaneja atual é dotada de um sentimento de ruralidade similar àquele que Bernardo Élis assimilou da população que vivenciava o espaço goiano há mais de cinquenta anos. Também, para a população que no ano de 2005 se posiciona contra a construção da barragem da Serra do Falcão, a natureza é fundamental na história de vida. Além de um manancial de águas que sustem biologicamente homens, plantas e bichos, ele, o rio, é um ente simbólico do território, é um referencial da cultura sertaneja.

A base física do território, seus recursos naturais, e a esfera ideológica, gestão político-administrativa, se fundem à sua esfera simbólica de forma que a agropecuária, atividade econômica exercida pela população sertaneja ribeirinha, representa um saber-fazer. Este saber - fazer ocupa um lugar de destaque na composição da identidade cultural. Isto está implícito no depoimento de agora:

Não tenho idade para começar outra vida. Para onde vou? Não queremos ir pra a cidade (..) Eu sou atingido há (03) anos, desde que falaram que a barragem estava vindo(...) O que eu sei é plantar arroz, feijão, milho, criar gado, tirar leite. Ser desapropriado é muito triste. Ninguém está preparado para isso. Eu não tenho terra pra vender. Imagine tirar você da sua casa e tomar o seu ganha - pão. você fica satisfeito? (O.F. Ato público contra a Barragem Serra do Falcão – 23/032/2004 apud MENDONÇA, 2005,p.278-279).

“Não tenho idade para recomeçar outra vida (...) não queremos ir para a cidade”. A declaração expressa o enraizamento daqueles que conheceram e vivenciaram o território sertanejo, mais do que qualquer outro território, e estabeleceram vínculos com ele. Além da materialização das realizações coletivas, a paisagem contém uma dimensão muito particular e subjetiva: ela guarda registros da história pessoal. E, a memória guarda lembranças desta história.

Convém repetir que o sertão é garantia de sobrevivência imaterial e material. A cidade, destino mais comum de quem é desapropriado do campo, por sua vez, é tida como o espaço que pode desestabilizar a segurança de muitas pessoas. Numa leitura de caráter sociológico e geográfico realizada pelo próximo depoente, aparece o receio de migrar:

Quando fala que nós num produiz é uma mentira muito grande. De que então que nós tamo vivo? num tem nenhuma terra ilienada, nós num dependemo do governo (...) Cadê o Ibama. Eles óiam pequenas coisinha, praque eles dexa construí um lago desse tamanho? O dinheiro num adura muito, logo acaba, e daí? (...) Eu to veio, não vô aprendê a trabaiá na cidade. Lá num tem imprego nem pros jove! Que qui nós vai faze lá? Num tem outro jeito, é lutá contra a barrage... (M. F. Ato Público contra a Barragem Serra do falcão – 23/03/2004) apud MENDONÇA, 2005,p.283).

As palavras emocionadas dos depoentes a respeito de sua terra, e da vida construída nesta terra, humanizam ainda mais o debate sobre a identidade cultural sertaneja. Elas revelam com profundidade o significado daquilo que tentamos mas, nem sempre conseguimos expressar ao falarmos em “ dimensão sociocultural do território e da paisagem”. Pela oralidade, a linguagem coloquial dos sujeitos entrevistados traduziram o sentido de um dos conceitos geográficos mais utilizados atualmente.

Rigonato (2005) ao buscar compreender as características socioculturais do cerrado goiano obteve da observação e da ambientação de campo realizado do Distrito de Vila Borba, Nordeste Goiano, assim como Almeida (2005), no Norte Goiano, e Mendonça (2005), no Sudeste Goiano, a confirmação da relação de proximidade entre as populações tradicionais e as fitofisionomias do cerrado. Sobre esta relação, ele escreve:

se estas atividades procuram serem desenvolvidas estabelecendo o mínimo de impacto sobre o cerrado, isso também se deve à percepção da natureza e a interação que a população tem com este bioma (...) o convívio destas populações desvela uma relação de maior proximidade e respeito entre pessoas e ambiente (2005, p.65/70).

Para Rigonato,

é na paisagem que os indivíduos com suas manifestações culturais e étnicas ganham consciência e identidade de modo coletivo nos grupos socioculturais (2005,p.65).

Provavelmente, esta é a razão que endossa a veracidade de uma outra observação sua sobre a heterogeneidade das paisagens do cerrado:

a despeito desta heterogeneidade no cerrado e, sobretudo, das alterações das paisagens do Distrito de vila Borba, as populações tradicionais que permanecem nas áreas de remanescentes de cerrado vêm delineando suas formas e funções de vida entre os significados tradicionais e os valores modernos (IDEM).

Pelas considerações de Chaveiro (2005), Almeida (2005), Mendonça (2005) e Rigonato (2005), e lembrando ainda a pesquisa de Calaça (2000), o território, espaço apropriado e vivenciado materialmente e simbolicamente pelos grupos sociais, aglutina, de diferentes formas, características da tradição com características da modernidade.

A abordagem geral do cerrado e sua particularização no Norte Goiano, no Sudeste Goiano, no Sudoeste goiano e do Nordeste goiano, seguindo a ordem de apresentação das idéias dos autores, asseguram que, a despeito das singularidades dos lugares rurais, existem nexos culturais que nos autorizam escrever sobre a cultura sertaneja em Goiás, sem receio de generalizar a simbolização desta porção do espaço geográfico.

Na análise espacial, o território, pelos seus recursos naturais e humanos, e as paisagens, pela sua dimensão histórica e simbólica, são categorias geográficas apropriadas à uma leitura cultural. Isso porque participam efetivamente da construção e da ressignificação da identidade sertaneja em Goiás. Por meio da sua análise combinada, as reflexões sobre a dialética entre o tradicional e o moderno, que fundamenta o pensamento científico em vários segmentos do saber na contemporaneidade, podem ser encaminhadas com mais clareza.

Nas paisagens, as novas características do universo rural se materializam, declarando que a realidade é dinâmica e que o espaço geográfico se transforma constantemente sob o comando de ritmos variados. Nas paisagens, o velho tempo, as antigas mentalidades também ficam registradas como que em memória arquitetônica, querendo dizer que as formas anteriores à sua transformação, e as vivências que precederam as atuais, não só não desaparecem como não deixam de ancorar ou influenciar a cultura contemporânea. O território onde a cultura de um grupo social se inscreve e se reelabora, contem a junção de símbolos que “mentes e mãos” construíram e ornamentaram, constroem e ornamentam.

Na literatura, paisagem e território tiveram uma reverberação. A leitura dos contos de Bernardo Élis foi fundamental para a reconstituição do passado de Goiás. A inventividade do escritor a partir da observação da realidade do sertão, o uso criativo das palavras, a representação realista da vivência rural aguçaram nossa capacidade imaginativa fazendo jus à idéia de que a literatura amplia a bagagem de conhecimentos sobre os povos e culturas.

Nos contos estudados, pode-se conhecer a população goiana e sua cultura porque Bernardo Élis exacerbou a dimensão simbólica do espaço. Ele expôs, empareada com a realidade objetiva, a face mais subjetiva de uma organização social. Assim como na geografia, paisagem e territórios sertanejos foram apreendidos na sua materialidade e na sua imaterialidade. A vantagem é que pela linguagem literária, as emoções, os sentimentos, as sensações e os pensamentos dos sujeitos permitiram

alcançar os aspectos mais relevantes da realidade sócio-cultural de uma época. Uma vez realizada a leitura do remoto universo rural, é possível esclarecer a resignificação da cultura sertaneja, a começar pelo itinerário territorial da população.

2 - Das raízes rurais aos signos urbanos: itinerários territoriais sertanejos

Cada território vivido é uma referência cultural. Equivale dizer que lugares, paisagens, pessoas, símbolos compõem, ao longo de uma trajetória socioespacial, um repertório de significações para os sujeitos. A trajetória socioespacial, os diversos lugares vivenciados e experienciados pelos sujeitos, assegura que tempo e espaço são dimensões que entrelaçam vida e cultura.

A vivência sertaneja permite a composição de itinerários territoriais: os caminhos percorridos no espaço geográfico - do sertão pretérito ao sertão atual ou do sertão pretérito à cidade - traduzem as nuances de uma identidade cultural praticada em temporalidades e em espacialidades que se estendem no curso das raízes rurais aos signos urbanos de Goiás.

Uma vez realizada a reflexão sobre a participação do território e da paisagem na construção e na ressignificação da identidade cultural sertaneja, merece situar e realçar neste território e nesta paisagem, pessoas que vivenciaram o sertão goiano no período que compreende o recorte temporal da pesquisa.

Nesta perspectiva, retomaremos os diálogos estabelecidos com antigos moradores da região de Corumbá de Goiás. Suas falas entremearão o registro de fatos históricos que concorreram para as transformações do território goiano. Ao interrogar as pessoas sobre o passado, buscamos extrair das histórias de vida o que há de essencial na cultura sertaneja goiana. Buscamos, também, observar a correspondência entre seus traços psicossociais e culturais com aqueles das personagens dos contos de Bernardo Élis. Cotejar realidade e ficção é fundamental para validar a representação literária da vida e o encontro das linguagens científica e artística na análise espacial.

Foi dito que Corumbá de Goiás teve importância ímpar na vida e na criação literária de Bernardo Élis. Naquela porção do cerrado goiano, uma conformação de paisagens, de pessoas e de valores adjetivou o lugar onde ele se constituiu homem, cidadão, intelectual e literato. Portanto, conversar com pessoas contemporâneas de Bernardo Élis, significou captar o ambiente que o escritor vivenciou, interpretou e representou em *“Ermos e Gerais”*, *“Caminhos e Descaminhos”* e *“Veranico de Janeiro”*.

As paisagens atuais de Corumbá de Goiás não disfarçam a origem do arraial ocupado por mineiros. Os registros do seu esplendor aurífero estão sedimentados na arquitetura colonial do centro histórico que hoje é patrimônio nacional. Dos dez mil

moradores do município, aproximadamente, 40/% deles residem na zona rural, a maioria em pequenas e médias propriedades.

Segundo Curado (2007), o município de Corumbá de Goiás tem sua economia voltada, atualmente, para o cultivo de milho, soja e arroz, para a criação de gado e para a produção industrial de leites e queijos. Ainda de acordo com o autor

apesar das transformações nos usos e costumes locais ocorridos principalmente na segunda metade do século XX, Corumbá conserva atualmente muitas de suas festas tradicionais populares, algumas delas reorganizadas após muitos anos de paralisação (2007,p.36).

A cidade também conserva um ritmo mais lento, próprio das cidades interioranas. Porém, não escapa das interferências de uma nova organização espacial orientada para a modernização e para a urbanização do território. A comparação da realidade presente com a realidade passada de Corumbá permite afirmar que ela apresenta outras modalidades de problemas socioeconômicos e ambientais. Estes novos problemas decorrem das políticas de apropriação do cerrado e estão presentes na zona rural e na zona urbana do município. A consciência de que se trata de uma nova fase da história, faz uma moradora da cidade pronunciar:

Hoje, Corumbá não é mais Corumbá de Goiás. É entorno de Brasília (M em entrevista concedida em 22/01/2007).

Na região da cidade que ambientou a criação literária de Bernardo Élis, moram as pessoas que contribuirão para aprofundar a leitura da dinâmica da identidade cultural sertaneja. Os “lugares da memória” descritos por estas pessoas, contêm as nuances da paisagem e do modo de vida rural. Essas nuances testemunham que os itinerários territoriais sertanejos acompanharam as várias comunicações e justaposições do rural com o urbano, em Goiás.

A leitura da dinâmica da identidade cultural sertaneja inicia-se pelas falas dos casais J e J e A e L. Do grupo de pessoas contatadas, eles são as que mais vivenciaram o campo e seu processo de mudança socioespacial. Além disso, sua estrutura familiar (o primeiro casal vive junto à sessenta anos e o segundo casal à quarenta anos) é característico de uma cultura fundada na tradição.

J e J contam que sua primeira casa foi feita de adobe. A segunda já era de tijolo e telha francesa, erguida num quintal grande, cheio de plantas e de bichos. Característica da roça, a casa, nas suas proximidades, era cercada pelo curral, pelo

paiol, pelo chiqueiro, pelo galinheiro, pelo celeiro. Pelo fundo da cozinha passava o rego que conduzia a água do córrego até a bica.

A e L recordam que as moradias do campo eram, em sua maioria, simples. Continham o mobiliário básico e utilitário às necessidades da família. Eles descrevem a paisagem característica dos lares camponeses, assim:

as casa era bastante fraca, era raro ter uma casa de tijolo e teia; a maioria das casa era de pau - a - pique. Quem podia, barriava as parede. Só as casa dos fazendeiro de mais posse é que era sempre de parede de tijolo, com muita janela....(A e L em entrevista concedida aos 22/01/2008)

Os dois casais - A e L, J e J - qualificam o lugar onde viveram como “bão demais da conta”. O tom valorativo da expressão de uso corriqueiro no interior goiano, denota o orgulho que sentem de suas raízes rurais. Suas falas sobre o passado deixam transparecer que o espaço habitado e vivido adquiriu o significado afetivo de lugar. Provavelmente, por esse motivo eles mantêm, cada qual ao seu modo, uma ligação ainda vigorosa com o sertão. Ligação que os faz lembrar e narrar a vivência passada com emoção e riqueza de detalhes.

Assim como na literatura, nas suas narrativas o trabalho aparece como elemento fundamental da cultura sertaneja. J se refere às atividades que desenvolvia na fazenda, lançando mão de uma das expressões mais proferidas pelas personagens dos contos de Bernardo Élis. Com veemência, ele confirma:

na roça as pessoa garra no pesado mesmo!! (J em entrevista concedida aos 18/12/2007).

Das ferramentas utilizadas nos serviços diários, a enxada J conhece muito bem. Numa fala iniciada em tom grave de voz, ele enfatiza:

O que eu mais fiz na minha vida foi capinar roça!! (J em entrevista concedida aos 18/12/2007).

Após alguns segundos reticente, parecendo rememorar cenas do trabalho que desenvolvia, ele suaviza a face, a voz, e complementa:

Mas a gente era acostumado, levava tudo na brincadeira, não achava nada custoso, produzia tudo na roça, todo mundo ajudava todo mundo” (J em entrevista concedida aos 18/12/2007).

O trabalho pesado e a ajuda mútua referidos pelos interlocutores, foram discutidos no segundo capítulo, no item “*Relações de solidariedade e de poder no espaço sertanejo*”. Naquela ocasião, as categorias solidariedade e poder foram interpretadas, especialmente na linguagem sociológica de Candido (1975) e na linguagem literária de Bernardo Élis. Agora, elas reaparecem na linguagem cotidiana e coloquial de homens que vivenciaram as duas qualidades da cultura sertaneja.

A, assim como J, assimilou estas duas qualidades:

trabaiem muito lavora de arroz, mio, café, cana, trabaiem muito no engenho de cana, como guia... era trabalho pesado, levantava de madrugada... com o gado eu não trabaiem muito, não. Era função de outros agregado da fazenda... Mais o bão é que quanto o serviço apertava, nós fazia os mutirão... eu, por exemplo, já ajudei a dar treção em muitos companheiro (A em entrevista concedida aos 22/01/2008).

O caráter adversativo das orações comprova que a segurança da sobrevivência e a confiança na sociabilidade praticada no espaço rural compensavam a dureza do trabalho braçal. Vem daí o alívio do “peso” em formar roça com plantadeira de mão – matraca –, quando não unicamente com as mãos, no ato de despejar e encobrir sementes na terra cavada, ou covada, com a enxada.

A dificuldade do trabalho braçal e a satisfação na realização dos mutirões também eram sentidos pelas mulheres. J conta que eram muito cansativas as obrigações desempenhadas na fazenda. Além dos principais afazeres domésticos, que eram cuidar da casa, do quintal e dos filhos, era comum a ajuda feminina na roça. Ela enviesa sua antiga rotina assim:

Cuidá da casa e das criação, dibuiá mio pras galinha, tratá dos porco, ajudá na roça, buscá lenha e graveto pra quemá, levá merenda na roça e inducá os fio.

Os mutirão era bão demais. Muita comida, muita festa (J em entrevista concedida aos 18/12/2007).

L endossa as palavras de J. Suas lembranças remontam aos tempos de criança, quando se iniciava a educação para o trabalho doméstico. Sua expressão não é de alegria ao recordar que aos seis anos de idade já adquiria as primeiras habilidades atribuídas, culturalmente, às mulheres da sua geração:

Completei seis anos e minha mãe me ensinou a cozinhar. O fogão era alto, tinha que colocar um caxotinho pra mim alcançá a panela. Também, com seis anos, aprendi a fiar: tinha aquela tarefa do dia que eu tinha que fazer... quando a gente cresceu mais, meu pai fez um pilão que pegava mais de vinte litro... meu pai pegou uma prima pra criar e era eu e ela que socava a arroz pra família toda ... com doze anos comecei a tecer...

Na sua complementação, surge o tema da solidariedade :

Do trabalho no mutirão eu gostava... cada uma (das mulheres) levava sua roda e fiava cantano... umas modas bonitas, sabe... aquilo era bão demais. Só de uma coisa eu não gostava no mutirão: só minha mãe e meu pai podiam dançar... eu ficava olhando numa vontade! (risos).

D (dona de casa, 76 anos, solteira), nasceu e morou na fazenda de propriedade da família, da infância à vida adulta. Em que pese o fato de ser filha de fazendeiros prósperos da região, os quais mantinham três famílias de agregados em suas terras, a rotina de trabalho de D não era diferente da rotina de trabalho de qualquer outra mulher sertaneja, naquele momento da história de Goiás.

Ela tem lembranças de uma vida de muita “labuta”, palavra que pronuncia com a mesma familiaridade observada na fala dos demais sertanejos com quem dialogamos, e, também, com a mesma expressão facial que, por momentos, esboça o cansaço recobrado pela mente.

O trabalho na roça? Nossa! Se era pesado... Eu acordava muito cedo pra prepará a merenda pros piões da fazenda. Depois já tinha que arrumá o leite que ia no lombo do animal, pra cidade. Tinha que lavá os latão, secá. Quando eles voltava da cidade, já tinha que lavá os panos de prato que usava pra cobri os latão. Tinha que deixá pronto pro dia seguinte. E aí já dava hora de fazer o almoço. Eu trabalhava muito, o tempo todo. Desde a hora que acordava (D em entrevista concedida em 22/01/2007).

A ex-moradora do campo também participava da produção agrícola. O esforço despendido na realização das atividades é percebido pelo tom da fala. Quando ela encadeia as etapas da produção do café, sua narrativa adquire o peso e o enfado da repetição das tarefas:

(...) planta ... colhe ... seca ... pila... torra ... moe. Eu fazia tudo isso” (D em entrevista concedida em 22/01/2007)

Ao pedir que expusesse sua participação nos mutirões, sua explicação ratifica a desigualdade social do campo, fartamente abordada nos contos de Bernardo Élis:

Eu nunca participei de mutirão. Sabe por quê? Mutirão quem fazia mais era os agregado de fazenda. Quando tinha muito serviço na roça, eles se juntava pra dá conta de tudo. Na nossa fazenda, quando tinha muito serviço, o pai pagava empregado (D em entrevista concedida aos 22/01/2007).

D fez questão de mostrar fotografias da fazenda onde nasceu e morou por muitos anos, enquanto rememorava o passado. Ao descrever a paisagem do lugar, o interior da casa, o modo de vida, as lembranças da vivência rural desencadearam sentimentos alegres e tristes. Recorda com satisfação das festas, da convivibilidade, mas, lamenta não ter estudado e nem constituído sua própria família, por ter se dedicado em cuidar da casa, dos pais e dos irmãos mais novos. Isso não era incomum, naquele contexto cultural. Por isso, muitas personagens femininas dos contos de Bernardo Élis possuem o perfil de D.

As memórias de J e J, A e L e, por último D, recuperaram fatos que datam da primeira metade do século XX. Estevam (1998) descreve o período histórico narrado pelas pessoas com as quais dialogamos, assim:

(...) os habitantes estavam voltados para o mundo rural e acomodados em sítios e fazendas. A vida urbana era ainda incipiente e nem mesmo a capital sobressaía. A área urbana da própria capital (Goiás) chegou a ter no máximo 8.000 habitantes na primeira metade do século atual. (...) Persistia o domínio da grande propriedade rural em poucas mãos e uma nítida separação entre campo e cidade onde os proprietários residiam nas próprias fazendas (...) (1998, p.156).

Os passeios citadinos dos proprietários e agregados de fazendas, de acordo com J e J, A e L e D, ocorriam, com freqüência, em ocasiões de festas - principalmente de padroeiras - e, esporadicamente, em ocasiões de missas dominicais. Embora as missas fossem realizadas semanalmente, a distância e a dificuldade de locomoção das fazendas às cidades, impossibilitavam a assiduidade dos católicos.

A procura pela cidade também se dava pela necessidade comercial que se resumia em adquirir os condimentos não produzidos nas fazendas - sal, querozene e

tecido - e em vender aqueles produzidos rotineiramente - polvilho, farinha, rapadura, doces, galinhas, ovos entre outros.

D conta que quando isso ocorria, seguiam para a cidade numa carroça carregada de produtos. Efetuada a venda, gastavam a quantia recebida na compra de outros produtos de que necessitavam. Segundo ela, a identificação mais comum que recebiam por parte dos moradores, sempre que apareciam no arraial, era a de “roceiros”.

O depoimento de D confirma que na primeira metade do século XX, apesar de os arraiais serem praticamente uma extensão das fazendas, haviam distinções entre os modos de vida, principalmente por conta da pouca mobilidade espacial dos moradores.

Em Bernardo Élis, este aspecto da comunicação do rural com o urbano é evidenciado. Um exemplo é uma passagem do conto *Rosa* em que a personagem Rosa, depois de muito tempo confinada no ambiente de fazenda, estranha o modo de vida das pessoas quando passa a viver no arraial. A voz narrativa apresenta a personagem, assim:

Nutria pela rua um surdo receio, incerto temor de dano ou possível perigo, olhando-o às escondidas, como se olha um bicho feroz, e nojento. Quando chegava à porta ou à janela, o que era muito raro, metia a metade da cara, conservando a outra metade oculta. À igreja, ia de noite e lá ocultava -se num canto escuro, bem atrás, debaixo da escada do coro, de parelha com a preta Inácia, que a ensinou a embrulhar-se no xaile, misteriosamente. Para ir, ia calçada de chinelos mas voltava com eles nos dedos (*VJ*, p. 32).

A inadaptação de Rosa é característica de sertanejos que não tiveram muitos contatos com outros universos culturais, além da fazenda. O contexto vivenciado por ela é representativo de uma realidade social comum ao espaço goiano, na temporalidade analisada, e ilustra bem a produção cultural resultante do contato direto do homem com a natureza.

Outras vezes neste texto afirmamos que a relação entre homem e natureza é dotada de valores relativos à temporalidades e à grupos sociais específicos. No caso da sociedade rural do período em evidência, a carência de técnicas influenciou sobremaneira suas ações. No caso da produção agrícola, esta dependia exclusivamente da força humana e da produção animal, a primeira conduzindo a segunda.

À época, a cultura sertaneja era caracterizada por uma rusticidade presente em todas as dimensões e momentos da vida. Tomemos como exemplo a própria

alimentação, quando da semente à mesa, homens e mulheres participavam de todas as fases da agricultura. Os antigos moradores de Corumbá encadeiam estas fases assim: eram quem derrubava as matas, revolviam a terra, realizavam o plantio. Acompanhavam o crescimento das lavouras intercalando capina e vigília da plantação, alvo de insetos e aves predadoras. Colhidos os grãos, o carro de boi puxava lentamente, até o terreiro, as sacarias onde eles eram armazenados. Estes grãos, antes de serem estocados na dispensa da casa, eram secados sob o sol, tratados conforme sua natureza peculiar, para depois passarem pela força esmagadora do monjolo e do pilão e/ou pelo movimento giratório do moinho. Arroz, feijão, milho, café, eram preparados para a alimentação no fogão à lenha, em panelas de ferro tão pesadas quanto o ferro de passar roupas aquecido por brasas. As refeições, por sua vez, eram servidas em pratos, copos e tigelas esmaltados, utensílios típicos da cozinha sertaneja.

Os depoimentos das pessoas tem ressonância na linguagem literária. Eles permitiram enxergar com mais clareza que uma produção agrícola baseada em técnicas tradicionais, como a que caracterizou o campo de Goiás até a sua tecnificação, além de uma fase da economia expressou um tipo específico de relação das pessoas com a paisagem e com os objetos.

Não é por acaso que o machado, o carro de boi, a enxada, a matraca, a roda de fiar, o pilão, o monjolo, o moinho, a fornalha, a bica d'água, o engenho de cana, o lampião à gás ou a lamparina, entre outros, são exemplos de instrumentos que compõem o cenário dos contos de Bernardo Élis. Eles, para além do uso material - no trabalho doméstico e na roça - são símbolos de um sistema cultural. Foram estes símbolos e suas representações pelo coletivo de pessoas, que adjetivaram cotidianamente a vida social e orientaram uma visão de mundo calcada na rusticidade do espaço rural.

O espaço rural é portador de uma cultura e a análise da cultura é, ao mesmo tempo, a análise da economia e da política. Na literatura de Bernardo Élis estas variáveis aparecem imbricadas nas relações que envolvem as personagens. Ao mostrar a subjetividade de homens e mulheres, naquilo que o íntimo das pessoas absorve das dimensões cultural, econômica e política da realidade, a literatura amplia o entendimento da formação da identidade cultural sertaneja porque reverbera a relação entre sujeito e lugar. Quanto mais aprofundado o conhecimento da relação entre sujeito e lugar, mais significativa será a leitura da resignificação da cultura.

Já escrevemos que os sentidos da cultura são produzidos em contextos históricos específicos. Estes sentidos se alteram na medida em que os sujeitos sociais, contiguamente, reinterpretam a realidade objetiva (GOMES, 1999). Por isso falamos em itinerários territoriais sertanejos. Os territórios trilhados pela população sertaneja atestam que a interação entre espaço e cultura reflete as combinações operadas nos modos produzir, pensar, criar e relacionar da sociedade, no desenrolar da história.

Os antropólogos advertem que a cultura está em constante processo de mudança. Laraia (1986) explica que mesmo as sociedades mais simples modificam seus conteúdos e formas culturais. Ele também esclarece que há dois tipos de mudança cultural, “uma que é interna resultante da dinâmica do próprio grupo cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com o outro” (1986, p.100).

É próprio do ser humano mudar: rever, negar, assimilar e construir novos valores e novas formas de se ajustar ao mundo. Porém, as mudanças não acontecem exclusivamente pelas vontades pessoais de cada indivíduo. No sentido coletivo tratado aqui, mais prudente é considerar que elas (as mudanças) se concretizam em razão de condições mais gerais e objetivas que atingem os grupos sociais.

Isso esclarece as diferenças entre a dinâmica cultural das sociedades ditas simples, como as sociedades rurais tradicionais, e a dinâmica cultural das sociedades mais complexas, como as sociedades urbano-industriais. O diferencial se explica, primeiramente, pelo ritmo das mudanças, uma vez que as primeiras, ao contrário das segundas, são caracterizadas como aquelas com pouca ou nenhuma interferência tecnológica. Face à privação de meios de comunicação e de transporte, nas sociedades simples são reduzidos os fluxos de pessoas, idéias, símbolos e informações. Se estes fluxos são os canais fundamentais para as trocas sociais, a cultura de um lugar receberá influências de outros lugares na velocidade em que essas trocas se movimentam.

No caso específico da sociedade sertaneja goiana, como já foi comentado, foi a reestruturação do campo, com o selo da modernização, que impeliu um ritmo mais acelerado às transformações culturais. Até o final da primeira metade do século XX, essas transformações deveram-se mais à dinâmica interna daquela sociedade marcadamente rural.

As falas dos casais J e J, A e L e de D, mais a personagem Rosa do conto *Rosa*, deixam claro que as influências do modo de vida urbano no universo sertanejo, na passagem da primeira metade do século XX, não tiveram o mesmo peso das influências gerenciadas a partir das duas décadas seguintes, quando a modernização se

efetiva em boa parte do campo . Até aproximadamente o ano de 1950, o uso de técnicas avançadas no interior das fazendas era muito baixo. De acordo com Estevam (1998),

A técnica de exploração agropecuária em Goiás era rústica e com débil utilização de tecnologia (...) existia apenas um trator em 1920 e em 1940 o número subiu para treze (...) apenas uma pequena porcentagem dos estabelecimentos rurais goianos utilizava adubo e maquinário nas plantações; o predomínio continuava sendo a prática de queimadas e o uso da enxada (1998, p.117).

A enxada é, sem dúvida, um dos principais símbolos do remoto universo sertanejo. A ferramenta foi, longevamente, o meio de produção que, associado à terra, garantiu a sobrevivência da sociedade rural. Ela entremeou as relações de poder quando os trabalhadores rurais, sem sua posse, eram dependentes dos fazendeiros. Por conta disso, no conto *A enxada*, referenciado no segundo capítulo, o objeto simboliza a redenção moral da personagem de Supriano. Somente ela lhe renderia a quitação da dívida com o patrão, após o plantio da roça.

A perseguição à enxada, por Supriano, ganha relevo no conto. No entanto, o enredo possibilita enxergar mais que uma trama familiar isolada. Ele é representativo de um largo período da história de Goiás. Sua leitura faz refletir de forma especial sobre o teor das relações de poder naquela sociedade e sobre o horizonte de vida dos trabalhadores rurais. Pensar uma sociedade que via seu trabalho representado pela enxada, e que dependia dela para produzir, é mais que pensar a base técnica dessa sociedade. É pensar sua cultura. O próprio Bernardo Élis, sobre o conto *A Enxada*, declarou:

Pretendia registrar o mundo que se apoiava na lavoura da enxada. Era Goiás, com sua economia caipira (Élis apud Abdala, 1982)

Com o tempo, a imagem do sertanejo tradicional, aquele que empunhava e amolava enxada, não representaria mais o universo rural. A cultura sertaneja precisaria ser repensada. A implantação do projeto modernizador no campo foi, aos poucos, modificando aquela “economia caipira” de Goiás. Novos objetos, novas formas e novos ritmos de produção se colocaram diante dos moradores do campo. Estevam (1998) analisa como o campo brasileiro foi cooptado pelas estratégias desenvolvimentistas:

Parte do recém implantado parque industrial brasileiro encontrou novas modalidades de acumulação orientando-se para o setor agropecuário exigindo maior industrialização no campo brasileiro (...)com efeito, no início dos anos 1960 começaram a ser instaladas fábricas de insumos agrícolas e o país ingressou na produção de

equipamentos, material de transporte, elétricos, fertilizantes químicos, rações e medicamentos veterinários. Dada a constituição de ramos industriais de base, a agricultura fortaleceu seu papel de mercado consumidor, para os meios de produção e o Estado, buscando garantir ampliação acelerada do mercado, implementou um conjunto de políticas incentivando a aquisição de produtos industriais e promovendo a incorporação de tecnologias modernas (1998, p. 115)

Nos últimos sessenta anos, o ideário da modernização impulsionou o esvaziamento do campo, o empreendedorismo agropecuário, a substituição de agregados por diaristas e por trabalhadores temporários, o enfraquecimento das relações de confiança e de solidariedade, a assunção de valores urbanos, a adesão de símbolos industriais.

O período que compreende a segunda metade do século XX até os dias de hoje, representa um percurso em que as identificações culturais da população rural adquirem características singulares porque é neste período de tempo que o urbano, na sua versão industrial, agrega-se às tradições rurais.

A eletrização do campo, o contato midiático visual com lugares, pessoas e idéias, a aquisição de objetos tecnológicos, são exemplos de elementos externos que contribuíram muito com a dinamização da cultura sertaneja. A avaliar pelas proposições de Tompson (1986) e Ortiz (1989), esses elementos assinalaram para um outro tipo de vivência no campo pois, conforme os autores, pelos símbolos e pelas mídias, novas representações passam a mediar a relação das pessoas entre si e com o mundo.

As pessoas com as quais conversamos, guardam a lembrança de quando a rede de luz elétrica se estendeu por suas fazendas. Foi momento de deslumbramento. Estavam diante da possibilidade de práticas sociais diferentes das corriqueiras. A televisão foi o primeiro eletro-eletrônico adquirido pelos casais J e J e A e L. Eles contam que o objeto já era conhecido das casas de vizinhos que possuíam gerador de eletricidade.

De posse de suas televisões, assistir a novelas e a noticiários de jornal passou a ser hábito em seu cotidiano. Depois da televisão, interessaram-se por ferro de passar roupas, freezer, geladeira, destiladeira, fogão à gás, entre outros. Qualquer um que facilitasse a realização das atividades domésticas, que diminuísse o peso do trabalho braçal.

Em que pese o impacto de um conjunto de novidades adentrando e modificando um espaço caracterizado pela rusticidade, o encontro das raízes rurais com os signos urbanos, no seu início, representou um embate de forças em que o sentimento de vínculo e de pertencimento com o universo tradicional do sertão cuidou de dispensar o controle simbólico da modernidade. Somente nas décadas mais recentes da história de Goiás, os símbolos da modernidade passaram a exercer influências mais significativas na vivência rural. Tanto J e J quanto A e L afirmam que o usufruto de objetos tecnológicos modificou aspectos da sua rotina mas não os seus costumes tradicionais.

Os irmãos L, seis homens, cinco deles solteiros e um casado, possuem entre 50 e 60 anos, e são pequenos produtores rurais. Atraídos pela CANG (Colônia Agrícola Nacional de Goiás), programa de incentivo à aquisição de terras agropastoris no Estado, eles migraram, na metade da década de 1950, do espaço rural de Minas Gerais para o espaço rural de Goiás, onde vivem até os dias de hoje. Trabalharam como arrendatários de terras, nos primeiros anos da sua chegada, depois, como meeiros, até adquirirem, paulatinamente, a propriedade que atualmente mensura trinta e quatro alqueires. Suas terras estão distribuídas em áreas descontínuas e sua produção é realizada, em grande parte, com uso de técnicas tradicionais.

A trajetória socioespacial dos irmãos L, toda ela desenrolada no campo, permitiu vislumbrar aspectos relevantes da dinâmica cultural do sertão de Goiás, porque contem o passado e o presente da vivência rural, em ambientes de fazenda. Sua história de vida, permite verificar o elo entre o sertão tradicional, representado na literatura de Bernardo Élis, e o sertão atual.

A pouca mobilidade espacial dos irmãos L possibilitou uma relação de muita intimidade com a paisagem do lugar. Eles presenciaram diferentes momentos do sertão: áreas originais de cerrado e sua devastação, a permuta do cultivo do arroz pelo cultivo da soja, a substituição da enxada por maquinário moderno, a capitalização das relações de trabalho, as transformações nas relações sociais, as nuances da cultura...

Estevam (1998) comenta as transformações da fazenda goiana:

A fazenda que constituía um universo de gado, mantimentos, e lealdade reestruturou-se numa organização de classes, rompendo tradicionais relações de parceria; (...) algumas categorias sociais tenderam ao desaparecimento (agregados, meeiros), outras foram 'reinventadas' com a proletarização (vaqueiros, retireiros) e novas surgiram advindas do processo (tratoristas, diaristas, bóias frias.) (p.186)

Conforme descreve Estevam, o processo de modernização emparelhou as transformações de ordem econômica e social no espaço rural goiano. Significa que, para cada ingerência política houve uma resposta cultural. Afinal, o desaparecimento, a reinvenção e o surgimento das categorias sociais, mencionados pelo autor, exemplificam alguns itinerários territoriais cursados pela população sertaneja. Em cada uma delas - agregado, meeiro, vaqueiro, retireiro, tratorista, diarista, bóia-fria - os sujeitos mantiveram uma relação simbólica diferenciada com o território vivido.

Os irmãos L também falam das transformações econômicas e sociais no espaço rural de Corumbá. O que mais lamentam é a diminuição das áreas de cerrado e as alterações nas relações de confiança:

Hoje quase num tem vegetação de cerrado. É mais é soja que a gente avista. Antigamente, nós podia confiá nas pessoa. Hoje em dia é mais difíci de confía. Já tem até violência, assartos, no campo! (L em entrevista concedida em 22/01/2008).

Também, não deixaram de mencionar a repercussão da modernização do campo no seu modo de realizar o trabalho cotidiano. Para eles, a antiga organização permitia que comercializassem sua produção excedente em fazendas vizinhas.

Nóis sempre vivemo de vender nossos queijo, nosso leite, tudo que nois produzia, aqui na roça mesmo, pra vizinhança. Hoje cadê vizinho? O campo tá cada vez mais vazio, foi todo mundo pra cidade. Daí nossas venda hoje é maior na cidade, nas estrada, pros passante (L em entrevista concedida em 22/01/2008).

A vivência rural lhes autoriza fazer um prognóstico do campo de Goiás:

Quem ainda num foi pra cidade tem dificurdade de continuá investindo nas suas terra. Daqui pouco tempo num tem ninguém mais no campo. Só vai fica os produtor rico que pode investir nas terra (L em entrevista concedida em 22/01/2008).

“Campo vazio” e “todo mundo na cidade” são dizeres pronunciados pelos moradores da região de Corumbá de Goiás, com a mesma recorrência de sua expressão sinônima, êxodo rural, pelos cientistas sociais. A modernização do campo inviabilizou a sobrevivência de um número grande de famílias. O êxodo rural, encabeçado por sitiantes e agregados desfavorecidos pelas políticas governamentais, é um acontecimento que até os dias atuais orienta variadas experiências territoriais.

Exemplo disso é a história recente do município de Corumbá, reflexo dos novos interesses que caracterizam o campo contemporâneo. Conforme Curado (2007), a partir de 1987 iniciou-se um forte processo de concentração fundiária em Corumbá de Goiás com a formação das Fazendas Reunidas Santa Mônica. Elas reúnem hoje 250 imóveis rurais e abrangem cerca de 41 mil hectares onde trabalham 100 empregados que cuidam de 10 mil cabeças de gado para confinamento (2007, p.26).

“Santa Mônica” é um nome presente nas conversas dos moradores da região de Corumbá de Goiás. Eles mencionaram bastante as propostas de compra de terras da região, pelos empreendedores capitalistas. Nas suas palavras, os empreendedores oferecem um pagamento que extrapola o valor de mercado das terras dos pequenos agricultores.

As respostas dos pequenos agricultores acontecem de três formas: há aqueles que, pelo endividamento e pelas dificuldades de produção, cedem à proposta; há outros que, por terem suas terras localizadas entre as terras adquiridas pelo empreendedor, não suportam a pressão e também cedem à proposta; há, ainda, os que, independentemente das vantagens econômicas que podem ter, recusam dispor de suas terras, em razão do valor sentimental.

Um dos moradores da cidade, historiador, faz uma reflexão interessante sobre a recente concentração fundiária em Corumbá:

Se o Bernardo Élis estivesse vivo, certamente ele chamaria o acontecimento de neo-coronelismo em Goiás, e escreveria sobre ele. (H em entrevista concedida em 22/01/2007)

Na análise do historiador, parte significativa das pessoas que venderam suas terras deparam-se com duas grandes dificuldades: o empobrecimento e o saudosismo. Ele divide a idéia de que a empreitada recente no campo de Corumbá é causadora de problemas sociais rurais e urbanos, com destaque para o rebaixamento da qualidade de vida. Além disso, a concentração fundiária provoca um deslocamento cultural, a periferização das cidades e sua sertanização.

O diálogo com os moradores da região de Corumbá de Goiás foi fundamental para a leitura da construção e da ressignificação da identidade cultural sertaneja. São pessoas que, além de referendarem a cultura passada, vivenciam a cultura presente. O cotejamento de suas características com as características das personagens representadas

nos contos de Bernardo Élis permitiu realizar uma leitura significativa sobre a cultura sertaneja. A partir dessa leitura, pode-se, agora, refletir sobre quem são os sertanejos na atualidade e como eles praticam sua identidade territorial e cultural , seja no campo, seja nas cidades para onde a população rural migrou.

3 - Vida e cultura: os sujeitos e os sertões dos lugares

O sertão mudou muito. Tenho uma teoria, talvez um pouco exagerada, porque sou exagerado nas coisas: a favela do Rio de Janeiro, hoje, é mais sertão do que o lugar mais afastado de Goiás. A lavoura está em grande parte mecanizada. O roceiro agora consome quase tudo da cidade. Ele já não produz quase nada. As populações rurais foram para as periferias das cidades. Eu tenho a impressão de que hoje a minha literatura deve se deslocar para as periferias urbanas. É lá que se encontram as populações carentes portadoras de uma cultura tradicional – que é a cultura em que se baseia a minha literatura (ÉLIS, apud ABDALA, 1982).

As palavras de Bernardo Elis, registradas em entrevista há mais de duas décadas, contêm as dimensões cultural e política que também permeiam este estudo. Nelas, o escritor ainda ajunta a repercussão do projeto modernizador na cultura sertaneja sob duas perspectivas: a da transformação da cultura local e a da sua migração para as cidades.

É corrente a idéia de que a cultura de um grupo se transforma nos lugares onde foi edificada, e influencia, de diferentes maneiras, os lugares por onde os grupos passam e se estabelecem. Nas duas situações, há encontro, comunicação e troca de símbolos. Circulam os símbolos, mudam as mentalidades e mudam as ações humanas. Dessa forma, como se observa presentemente na paisagem goiana, a presença de símbolos rurais nas cidades, ou de símbolos urbanos no sertão, fundamenta a assertiva: amiúde, vida e cultura se interpenetram e qualificam os sujeitos e seus lugares.

É nos sujeitos e nos lugares que se pode encontrar o sertão ressignificado e fragmentado no curso da história e da geografia goianas. Esta afirmação recupera a noção de hibridagem cultural proposta por Canclini (1999). Ela possibilita o entendimento de que só pode haver hibridagem pelo contado entre aqueles que são diferentes entre si. E, toda diferença tem sua peculiaridade fundada em algum momento da história.

Os filósofos, desde a Antiguidade, já diziam que o sentido da vida é o movimento, a transformação. Não se pode negar o movimento. Do mesmo modo, como alertou Marx (1998), não se pode negligenciar que o movimento se desdobra no novo, contendo em si o velho de origem. O movimento é sempre dialético.

Se, contemporaneamente, recuperamos o passado das gerações para significar a realização da cultura no presente, é porque no passado foram construídas idéias e

valores que repercutem nas atividades das pessoas, no seu modo de vida, na sua visão de mundo. Idéias e valores enredam territórios e paisagens. Para número significativo de pessoas de origem rural, há na sua vida cotidiana, pensamentos que não envelhecem e práticas que não se tornam obsoletas. Está aí a clareza de que as reflexões sobre a cultura sertaneja atual não podem prescindir dos pares dialéticos tradição e modernidade.

Contudo, o reconhecimento da dialética sertaneja não basta para explicar o sertão, em qualquer lugar ou em qualquer pessoa que ele se encontre. É importante apresentar elementos empíricos que denotam um espaço produzido por elementos símbolos contraditórios, e esclarecer como o velho e o novo se atravessam, nas suas formas e nos seus conteúdos.

O sertão narrado por Bernardo Élis - sertão dos coronéis, sertão dos mistérios, sertão das vastas paisagens cerradenses - o sertão, ao mesmo tempo bucólico e severo, deixou uma herança cultural no território goiano. Requerida por uma parte da população, renegada por outra parte, esta herança subsiste autônoma, se avaliada enquanto legado da base socioespacial rural que impulsionou o desenvolvimento histórico-geográfico de Goiás. Ela, a herança, se faz presente na produção e na vivência do espaço rural e do espaço urbano contemporâneos. Está na constituição dos territórios, na modelação das paisagens, nas territorialidades e na tessitura do cotidiano das pessoas.

A contemporaneidade recria o sertão, tornando territórios e paisagens, rurais e urbanas, marcas culturais do encontro da tradição com a modernidade. Nos próximos itens, as bases teóricas e as práticas de vida explicitarão as especificidades deste encontro.

3.1 O sertão recriado

O espaço aparece como substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste, força tranqüila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar (SANTOS, 1994, p.37)

A epígrafe explicita bem o teor da discussão que intenta esclarecer a ressignificação da identidade cultural sertaneja, neste momento do texto. A dialética espacial implícita no pensamento de Santos (1994), orienta a reflexão sobre a cultura do ponto de vista da permanência e do movimento, em ambientes de fazenda. Aqui, o papel da literatura de Bernardo Élis é lembrar o valor das raízes rurais para a sociedade sertaneja. Neste sentido, a análise apresenta a vivência contemporânea desta sociedade, como elo entre o passado e o presente.

Já foi dito que no espaço das fazendas surgiu a noção mais genuína de sertão. Nas fazendas, proprietários e agregados, no labor e no lazer das suas vidas, erigiram uma base socioespacial. Se a cultura sertaneja é a tradução - em organização, em valores, em símbolos, em sociabilidade - da visão de mundo criada numa dada ordem social, política e econômica, quando esta ordem muda, por conseguinte muda a forma dos grupos se organizarem, valorizarem, simbolizarem e se relacionarem no seu espaço de vida.

Na perspectiva da permanência e do movimento, o sertão, atualmente, apresenta distintas e entrecruzadas espacialidades e temporalidades. Estamos falando do sertão que para parte dos sertanejos não se deslocou da sua base geográfica, embora sua ruralidade expresse novas características. Sertão que consubstancia a intersecção do tradicional com o moderno, em Goiás.

Almeida (2003) discorre com propriedade sobre as categorias tradição e modernidade. O pensamento da autora resulta de uma consolidada experiência teórica e empírica relativa ao espaço sertanejo brasileiro. Conhecedora do modo de vida de populações habitantes da caatinga e do cerrado, ela contextualiza a realidade concreta, o que favorece a compreensão de sua abstração e conceituação científicas. Sua reflexão alcança o entendimento de que

Os modos e os valores sertanejos, bem como a forma de vida que permitiram uma construção simbólica da identidade sertaneja atualmente, reelaboram-se pela junção de símbolos do tradicional e do moderno – o cavalo e a moto, o berrante e o celular, a lida

cotidiana com o gado e os rodeios, as vaquejadas e a competição. É o sertão contemporâneo (2003,p.86)

A modernidade e a modernização presentes no sertão contemporâneo não eliminaram suas características rurais basilares. Ocorre que, quando novas e velhas mentalidades, e novas e velhas estruturas coadunam num dado espaço social, este espaço apresenta, a princípio, uma roupagem – forma e conteúdo – que parece substituir completamente a anterior.

O uso pessoal e doméstico das novas tecnologias, a empregabilidade de ferramentas e maquinários ágeis no extrativismo, na agricultura e na pecuária, as estruturas altamente modernizadas dos complexos agroindustriais, o modo de vida que imita o urbano, entre outros, são demonstrações de significativas mudanças no espaço sertanejo.

A visão panorâmica da paisagem registra a reverberação do moderno, o novo a ofuscar o velho. Contudo, no espaço rural de Goiás ainda há muito da tradição que lhe serviu de fundamento. No espaço rural, se analisado nos pormenores do seu território, da sua paisagem, também no emaranhado de relações que enredam suas territorialidades, ver-se-á, mais claramente, a base concreta da elaboração conceitual de Almeida (2003) e de Serpa (2005), autores que concebem que o lugar interpreta a cultura que o adentra, a cultura de fora presente nas pessoas e nos objetos simbólicos chegantes.

Um exemplo convém ser mencionado: para ilustrar a dialética do tradicional com o moderno no ambiente de cerrado é muito utilizada, por estudiosos da cultura, a imagem das austeras antenas parabólicas conectando o mundo aos casebres de pau-a-pique situados em lugares distantes dos centros urbanos. A imagem e seu contexto espacial podem receber, respectivamente, a seguinte interpretação: na fotografia que congela a paisagem, os elementos constituintes do interior e do exterior do lar rural, confirmam que os moradores não lançaram mão de muitos objetos presentes na sua vivência espacial; já no movimento da realidade, as práticas socioculturais comprovam que eles, os moradores, não abandonaram valores, costumes e representações construídos e sociabilizados no campo.

Confirmando as proposições de Almeida (2003) e Serpa (2005), mesmo os símbolos de circulação global recebem dos sujeitos uma interpretação pautada na cultura local. Ainda que elementos modernos façam parte da realidade sónica do

sertão, a população sertaneja possui uma maneira própria de se comunicar com os símbolos de incorporá-los no seu cotidiano.

O que mais explicaria a continuidade de práticas sociais e culturais calcadas em valores mais arraigados de ruralidade, por pessoas que participam, ou que têm oportunidade de participar de outros territórios, seja pela mobilidade espacial, seja pelo fluxo de idéias, seja pelas trocas simbólicas?

Antecipamos em momento anterior da discussão, que as respostas devem partir da análise do substrato cultural formado pela tríade território - cultura - identidade. Uma vez realizada a análise no item “*Ruralidade e identidade cultural: o enlace da paisagem com o território*”, agora busca-se associá-la a fatos e dados observados diretamente no universo rural.

Em Corumbá de Goiás, estivemos em propriedades de pequenos produtores rurais. Considerando que o olhar dos geógrafos seleciona aquilo que desejam investigar nas paisagens (SANTOS, 1988), durante a passagem pelas fazendas goianas, já nos primeiros contatos, a lente geográfica focou e registrou a presença de elementos que impregnam as paisagens de cores, texturas, cheiros, sons e objetos modernos se relacionando com os tradicionais. Da mesma forma, novos costumes se relacionando com costumes antigos.

As sedes das fazendas visitadas são construções concebidas pela arquitetura tradicional. Dentro delas a tradição reside em todos os cômodos. Está estampada no desenho da mobília e nos seus adornos, nas fotografias esparramadas nas paredes, nas ferramentas e objetos antigos, nas práticas alimentares, no gosto pela música sertaneja raiz etc. Na sala de entrada de um dos lares visitados, os moradores assistiam atentamente a um programa televisivo bastante popular. Pouco tempo depois das apresentações, o convite para acompanhar os anfitriões até a cozinha das casas assinalou um importante dado cultural: visita na fazenda é recebida na cozinha, enquanto a refeição hospitaleira é preparada. É ali que aqueles que valorizam costumes da vivência tradicional alinhavam conversas mais demoradas.

Ora, as informações e símbolos que chegam às mentes das pessoas com formações e aspirações distintas, são os mesmos. Mas, visualizar os mesmos símbolos, até mesmo fazer uso deles, não basta para descaracterizar culturalmente um grupo social.

Já escrevemos que a identidade cultural possui uma historicidade, percurso no qual se constrói uma rede de relações, conseqüentemente um espírito de coletividade e

de vínculo com o lugar. É aí que se formam e se arraigam valores partilhados e defendidos pelo grupo. Mesmo considerando o caráter dinâmico e interativo da identidade, dadas as comunicações, os fluxos e as trocas simbólicas entre os grupos, haverá, como escreveu Santos (1998), citado na epígrafe, “o vigor da herança material e cultural” do espaço.

Prova disso é o interesse desses sertanejos de Corumbá de continuar morando no campo, apesar das suas transformações. Isto leva a concluir que a população sertaneja que não precisou, ou que não quis se deslocar para aos centros urbanos, assume valores e símbolos citadinos, sem desejar viver na cidade. Para esta população, o campo é a sua principal referência identitária.

Nos estudos realizados por Mendes (2008) e, também, por Borges (2008), os autores destacam que as transformações espaciais implicam em perda da identificação com o lugar. É certo que a globalização permitiu com que o campo se conectasse com o mundo, incorporasse elementos modernos ao seu modo de vida. Mas, estes elementos não alteram a base cultural construída coletivamente num lugar onde os sujeitos reconhecem sua identidade. O pronunciamento de B, cabe neste momento da reflexão:

A globalização permite isso: chegar a tv no campo, o celular, o computador, enfim, o modelo urbano. Mas esses objetos não anulam hábitos. Por exemplo, matar um porco e não colocar a carne na geladeira e sim na lata, ou, não tirar leite na semana santa, são práticas que muitos camponeses realizam ainda. Hábitos culturais ainda permanecem no campo. Ano passado, a chuva demorou a chegar e então fomos rezar em cruzeiros com cantigas (B em entrevista concedida em 18 de maio de 2008).

As palavras de B têm o sentido da permanência e do movimento que anunciamos no início da reflexão. Sua menção à relação entre a permanência de hábitos culturais e a globalização respalda a dialética espacial implícita no pensamento de Santos (1994) e, também, o papel atribuído à representação literária da cultura sertaneja, por Bernardo Élis. Por meio da interpretação geográfica dos contos do autor, tivemos a chance de adentrar a “consciência cultural dos outros”, Cosgrove (1995). Esta incursão no íntimo de uma cultura permite, agora, reconhecer o valor da memória de quem vivenciou o espaço sertanejo.

3.2 O sertão da memória e o sertão simbólico

Arruda (2000) entende que hoje o sertão está mais na memória do que em qualquer outro lugar. Almeida (2005) acredita que para muitos o sertão é simbólico, e o que é simbólico pode estar em todos os lugares.

O casal J e J reside em Abadiânia - Go numa casa modesta localizada no centro da cidade. O cenário onde se desenrola suas vidas lembra o ambiente rural. A casa possui um quintal cheio de plantas e de bichos. Uma parte do quintal abriga objetos típicos da fazenda. Fogão à lenha, forno de barro, moinho, panelas de ferro, além de uma prateleira que serve para guardar utensílios de cozinha e mantimentos para os bichos, foram cuidadosamente apresentados pela anfitriã.

A paisagem doméstica, salpiscada de ruralidade, pode ser interpretada como registro da subjetividade de quem viveu no campo e interiorizou sua cultura. Observou-se, pelos depoimentos do casal, que o modo de vida, os costumes, os hábitos construídos no espaço rural foram mantidos naquilo que é essencial e reformulados na sua moldura. Esta reformulação é resultado da adaptação urbana.

O motivo principal da troca do campo pela cidade foi o agravamento de um problema de saúde. Há dez anos, acompanhamento médico e diminuição do esforço físico tornaram-se imprescindíveis ao senhor de 81 anos e à senhora de 76 anos de idade e os fizeram viver na cidade. A fazenda onde viveram por muitos anos, hoje é freqüentada esporadicamente.

O casal vê muitas vantagens em morar na cidade. Além de garantirem os cuidados com a saúde, contam com outros serviços públicos e com muitas benesses da infra-estrutura urbana. Além disso, alegam que na cidade o trabalho doméstico é bem menos oneroso que na fazenda. Entendem, ainda, que as cidades interioranas permitem o cultivo de valores e de costumes adquiridos na fazenda. Por prezarem tais valores e costumes, o que mais lamentam é a confiança e a solidariedade que se perderam entre as pessoas.

Mas isso não os faz pensar em voltar a morar campo. Interrogados sobre um possível retorno, ou sobre algum tipo de nostalgia, a resposta é dada com segurança:

Não. Se a gente senti sodade, é só ir passeá lá. A fazenda fica bem ali e a vida aqui é muito mais fáci (J em entrevista concedia em 18/12/2007)

Para este casal, a prática de uma identidade cultural sertaneja é cotidiana. considerando que, além de morarem numa cidade interiorana, preservam a residência rural onde passaram a maior parte de suas vidas. Com o território sertanejo mantido fisicamente, ainda que sua vivência seja secundária, a cultura tradicional apresenta vigor na sua manifestação. Uma mostra disso, são os doces de goiaba e de cidra preparados com frutas colhidas no quintal e oferecidos pela anfitriã. Isso após ser servido, no almoço, cozido de frango; frango que minutos antes ciscava as folhas caídas no mesmo quintal.

A sociabilidade do casal em Abadiânia envolve a participação, assídua, em missas dominicais e, no caso de J, encontros com amigos no baile que frequenta, principalmente para dançar. Eles não passaram pela experiência de morar numa cidade grande e populosa como Goiânia. Estiveram por algumas vezes apenas na metrópole que para eles é lugar estrangeiro. Foi perguntado: _ “Morariam lá”? De forma contundente vem a resposta:

Não. Lá ninguém conversa com ninguém. Num se usa nem falá bom dia pro vizinho do lado (J em entrevista concedida em 18/12/2007)

A superficialidade das relações características do modo de vida urbano das grandes cidades também é rejeitada por A e L. Na cidade grande eles não desejam morar. Ele, hoje é marceneiro da prefeitura local de Corumbá de Goiás; ela, dona de casa. O casal compõe um duo sertanejo conhecido na sua cidade e região. Eles se identificam como intérpretes da música chamada “raiz”. A musicalidade presente em suas vidas é uma das formas de manifestar o orgulho que declaram sentir da sua origem rural.

Voz e violão⁸ ornamentaram a conversa mantida durante longas horas na residência deles. O casal propôs mostrar seu trabalho musical e, ao som de canções sertanejas⁹, lembraram passagens importantes e marcantes da sua vida no campo. As lembranças ruins estão relacionadas ao tempo em que trabalhavam muito em terras alheias. As lembranças boas os remetem à praticamente aos mesmos lugares em que passaram por muitas dificuldades. Porém, o que eles recobram é a expressão lúdica da vida: rodas de viola, solidariedade nos mutirões e nas traições, festas de Santos, namoros, casamentos ...

⁸ A declarou ter levado muitos anos para pagar o violão. O pagamento deu-se em troca do trabalho braçal realizado na fazenda de um coronel.

⁹ Cantaram aproximadamente vinte canções, em duo, durante os diálogos.

A narrativa deste segundo casal é mais emocionada do que a do casal J J. Talvez por terem dado voz à sua musicalidade no momento do diálogo, suas memórias alcançaram lugares muito íntimos da sua subjetividade. Os dois afirmam serem fortes os laços com a cultura do sertão. Realizam a leitura de que esta cultura lhes proporcionou valores, costumes e hábitos que compuseram seu modo de ser. Seus laços foram traduzidos assim:

O sertão não morre dentro da gente. Eu sou sertaneja, mesmo morando na cidade me considero sertaneja. (L em entrevista concedida em 21/02/2008)

A declaração de que o sertão não morre, no íntimo, comprova que, para essa pessoa, a identidade cultural se sustém na sua essencialidade. Ao mesmo tempo, se fora do sertão não se é mais o mesmo, significa que para sentir-se sertanejo não é preciso morar no meio rural. A identidade sertaneja pode ser praticada em qualquer lugar, porque a dimensão simbólico-cultural do território caminha junto com as pessoas (HAESBAERT, 2005). Esta assertiva nos auxiliará na leitura da prática da identidade sertaneja na região metropolitana de Goiânia.

3.3 O sertão da metrópole

É muito significativo, para entender a prática da identidade sertaneja, deparar com pessoas jovens que afirmam a cultura rural de origem, vivendo numa metrópole. Três estudantes de pós-graduação da Universidade Federal de Goiás, dois deles professores da Rede Estadual de Ensino, declaram sua identificação com o sertão.

O primeiro deles, aos 22 anos de idade discorre:

eu sou um sertanejo. Mesmo me vestindo como me visto, freqüentando ambientes propriamente urbanos, convivendo com pessoas que sempre moraram na cidade. O problema é que se construiu um estereótipo do sertanejo. E eu discordo dele (C em entrevista concedida em 15/03/2008).

O segundo, aos 33 anos de idade, conta que somente aos 18 anos deixou de plantar roça. Filho de uma família de camponeses, ele diz manter muitos dos hábitos de uma vida rural. Sua fala é de quem construiu laços afetivos com o luar vivido. Narrou que nos dias atuais, apesar de todas as mudanças no campo, as pessoas vizinhas da fazenda de seus pais ainda realizam o mutirão, prática da qual ele já participou muitas vezes.

O terceiro depoente oportunizou uma importante reflexão da identidade cultural sertaneja. Suas palavras corroboram as idéias que vimos desenvolvendo. Filho e neto de médios proprietários de terras situadas no município de Goiás Velho, o professor e geógrafo tem uma visão de quem absorveu valores da cultura sertaneja e, ao mesmo tempo, uma visão científica, geográfica dessa cultura e da sua dinâmica.

Ele narra a história familiar intercalando fatos político-econômicos às espacialidades vivenciadas pela família. Informa que a família de seu avô paterno, de origem mineira, veio para Goiás incentivada pelos programas de ocupação de terras nesta área do cerrado. Formaram fazenda de aproximadamente 150 alqueires de terras nas quais se dedicaram à lavoura e à criação de gado. As terras foram distribuídas em herança aos onze filhos que, dessa forma, tornaram-se pequenos proprietários.

Após narrar o modo de vida na fazenda, que em conteúdo, não se diferenciam das demais narrativas expostas no texto, ele opina que os principais elementos formadores da identidade cultural sertaneja são a relação próxima do homem com a natureza, a solidariedade e a vida simples que a temporalidade viabilizou no interior da fazenda tradicional. Ele com a sabedoria de quem viveu no campo, conhece seus

problemas e sua cultura e, hoje, dedica-se ao seu estudo, na perspectiva dos movimentos sociais. O contato direto mantido com trabalhadores sem terra no município de Goiás Velho o fez entender que, mais do que terras para produzir, muitos deles desejam retornar para o lugar onde construíram uma identidade cultural. Ao associar o problema da distribuição de terras com a temática da identidade sertaneja, ele defende que

É fundamental valorizar a cultura camponesa, retomar práticas perdidas: mutirão, traição, peregrinação, cruzeiros... elas são importantes pela sua expressão cultural e também, ou principalmente, porque constroem uma resistência política aos projetos das multinacionais e do Estado. Exemplo: deixar de plantar semente crioula e fazer uso de semente híbrida é perder a cultura. E pode ser diferente (B em entrevista concedida em 27/02/2008).

Outra observação pertinente foi a referência à educação rural enquanto importante meio de valorização da cultura sertaneja e de formação política da população. Ele lamenta que uma educação rural que valorize a cultura sertaneja ainda não exista. Para ele, há um lastimável equívoco na forma de se pensar e de praticar a educação formal no campo. Assim, ele se expressa:

Uma crítica que faço a respeito da educação no campo é que não se faz uma educação do campo para o campo, apenas uma educação no campo. Estudei na zona rural, mas não havia uma valorização da nossa cultura, das técnicas tradicionais dos camponeses. Se existisse esse modelo de educação, penso que multinacionais não teriam o monopólio que têm hoje no campo e, talvez, eu não estivesse aqui. A falta de uma educação no campo com a perspectiva de uma permanência no campo, acaba favorecendo a migração e fortalecendo a mão de obra no espaço urbano, o crescimento das periferias e de seus problemas socioambientais (B em entrevista concedida em 27/02/2008).

A consequência mais grave do êxodo rural - intenso na década de 1980, em Goiás - foi o aumento dos problemas socioambientais, a começar pela carência de infraestrutura e de serviços públicos de qualidade nos bairros que abrigam a antiga população rural. A população referida, hoje cidadina, é composta, principalmente, por ex-agregados, meeiros e pequenos produtores rurais. As famílias de grandes fazendeiros não trocaram o campo pela cidade em condições semelhantes às de famílias de seus ex-empregados. Isso lembra de, oportunamente, citar Zero (1982) citado por Estevam (1998). Numa comparação de formas de trabalho alienado, ele escreve:

O agregado em geral forma a fazenda assim como o pedreiro da construção civil participa da construção de uma casa sem chegar a morar nela (1998, p.152).

Grande parte dos operários da construção civil, os mais velhos em idade, é formada por ex-agregados e meeiros de fazenda. Eles substituíram a enxada pela pá. A força de trabalho que migrou junto com eles, agora se aplica a uma nova e pesada atividade braçal, com a desvantagem de não mais mediar diretamente a relação do homem com a natureza.

Além da força de trabalho, migraram com essas pessoas os conteúdos culturais do sertão. A presença marcante desses conteúdos no espaço urbano pode ser explicada pela atenção à sua representação na literatura de Bernardo Élis. A experiência da vivência rural nos ambientes de fazenda, a relação com a natureza do cerrado, até mesmo o movimento de vida herdado da cadência lenta do sertão goiano, de alguma maneira, enredam a cidade

As práticas sociais de famílias de imigrantes rurais mesclam os valores oriundos das suas raízes rurais com os valores adquiridos na cidade grande. Em muitos dos casos, principalmente quando se trata de pessoas mais idosas, o olhar e o agir sobre a cidade dão-se a partir das referências culturais mais arraigadas. Vem daí o espanto de grande número de pessoas face às relações impessoais desenvolvidas nos ambientes urbanos, e a falta que sentem da solidariedade e do companheirismo que praticavam no campo.

Mas isso não é regra. É preciso considerar que as vontades pessoais associadas às trocas simbólicas é que orientam as construções culturais dos indivíduos e dos grupos. E, estas construções são contínuas. As pessoas tanto podem reafirmar sua cultura rural na cidade como, também, podem assimilar e se identificar mais com a cultura citadina. Neste caso, sertanejos seriam aqueles que, mesmo ignorando esta definição, mantêm costumes e hábitos rurais. Em segunda hipótese, aqueles que se identificam com a cultura do sertão e declaram esta identificação.

É comum observar numa paisagem de periferia urbana elementos, objetos e costumes característicos do modo de vida rural: criação de aves (galinhas, patos, gansos), de carneiros, de bezerros, de porcos, assim como hortas e pequenas plantações de milho, mandioca, de frutas e variadas espécies medicinais do cerrado. Tudo isso se encontra em muitos quintais de Goiânia e de Aparecida de Goiânia. Este cenário confidencia: nesta casa reside uma família de imigrantes rurais.

Durante o diálogo estabelecido com três famílias residentes num bairro da periferia de Aparecida de Goiânia, foi possível indagar e entender os porquês de uma ambientação e de uma prática cultural que lembra o campo.

Da primeira família, o senhor A de 66 anos de idade cria algumas vacas na cidade e faz uso de um carro de boi. Da segunda família, M conhece praticamente todas as plantas medicinais do cerrado. O terceiro interlocutor, B, mora numa casa com quintal que mantém uma ambientação similar ao antigo quintal rural. Além disso, diz manter um hábito que interiorizou desde quando era meeiro de fazenda: acorda às cinco horas da manhã, faz o café e, mesmo já sendo trabalhador da construção civil aposentado, espera para ver “o dia nascer”, acompanhado pelo rádio de pilha, uma programação local voltada para a cultura sertaneja.

A presença do rural no urbano é bastante discutida pelos cientistas sociais. A presença de um contingente de pessoas com hábitos rurais na metrópole já foi analisada por alguns geógrafos, entre eles Chaveiro (2001), Barreira e Almeida (2007) e Souza e Almeida (2008).

Chaveiro (2001) explanou sobre a convivência do rural com o urbano na tese *Goiânia: uma metrópole em travessia*. Ele assinala o fato de Goiânia ter sido uma cidade planejada para o progresso, no entanto, construída sob os signos da tradição de um Estado agrário. Também, enfatiza o fato de a cidade ter crescido em função da migração de trabalhadores rurais, no período da tecnificação do campo. A tese de Chaveiro chama a atenção para o fato de que a urbanização de Goiás é recente e se deu de forma acelerada no processo histórico.

Considerar esta característica é relevante para entender as manifestações da cultura rural da metrópole. Uma dessas manifestações foi analisada por Barreira e Almeida (2007). Elas refletiram sobre as redes e os territórios dos raizeiros na cidade de Goiânia. Entre as conclusões está a de que os raizeiros de Goiânia valorizam o conhecimento popular sobre as espécies do cerrado e transferem este conhecimento para as gerações posteriores. Outra análise de manifestação da cultura rural na metrópole é da autoria de Souza e Almeida (2008). Eles se interessaram em estudar as práticas alimentares dos imigrantes rurais. Observaram a relação entre alimentação e cultura rural, apesar das mudanças nos hábitos alimentares proporcionadas pelo modo de vida urbano.

Estas modalidades de pesquisa endossam que o sertão representado por Bernardo Élis encontra-se na cultura da cidade: recriado, simbolizado,

ressignificado. A essência da cultura sertaneja é a herança que garante o vigor da sua manifestação no encontro com a cultura da metrópole.

À guisa de conclusão

Interpretar a vivência sertaneja no espaço contemporâneo de Goiás pela leitura cultural do passado, foi o objetivo direcionador da pesquisa para esta dissertação. Para alcançá-lo, implicou retomar o contexto socioespacial em que foi produzida a cultura sertaneja e acompanhar seu percurso histórico - geográfico. Esse propósito, com nuances de uma geografia histórica, foi cogitado com o recurso da literatura e, a conjugação entre Geografia e Literatura foi a principal via metodológica.

A intenção foi a de valorizar a dimensão mais subjetiva da realidade objetiva do sertão. Ou seja, equiparar, em importância para a compreensão da uma produção espacial, os aspectos materiais e imateriais de uma cultura. Tínhamos uma inquietação inicial e partimos do pressuposto de que há uma herança cultural sertaneja que ainda permeia, com vigor, o espaço goiano contemporâneo. Neste sentido, buscamos verificar a presença de elementos fulcrais de uma cultura, na sua reelaboração.

Contos dos livros “*Ermos e Gerais*”, “*Caminhos e descaminhos*”, e “*Veranico de Janeiro*”, de Bernardo Élis, possibilitaram a representação de Goiás, na primeira metade do século XX. Fragmentos dos contos perpassaram o texto construído para a dissertação. O diálogo entre eles e a geografia cultural possibilitou uma leitura mais significativa da ruralidade original do sertão goiano. Com este diálogo, versamos o olhar para a dinâmica socioespacial do sertão e obtivemos elementos para realizar uma análise da realidade contemporânea.

O resultado da incursão intelectual foi intitulado de *A identidade sertaneja em Goiás: um estudo a partir dos elos entre a geografia e a literatura de Bernardo Élis*. Concebemos a realidade de um Estado de economia agrária, como aquela propícia à construção da identidade territorial e cultural mestra da sociedade goiana. Com o desenrolar da história, das transformações da sociedade e do espaço geográfico, esta identidade passou por um processo de resignificação. Tal resignificação ocorreu pela aglutinação de elementos novos a elementos basilares da cultura.

A análise da reelaboração da cultura sertaneja goiana fundamentou-se na dialética espacial. O pensamento dialético permitiu aprofundar o entendimento de que a convivência do rural com o urbano, no campo e na cidade, responde pelas novas identificações da sociedade goiana com seu espaço cultural.

É o modo de viver e de representar o mundo que fortalece ou esmorece a ligação afetiva das pessoas com o seu território. Esta idéia foi extraída da leitura dos

contos de Bernardo Élis e reforçada quando investigamos o sertão na memória de pessoas que participaram da sua produção cultural. A fala, os gestos e o olhar de cada sujeito denotaram níveis diferenciados de interiorização da ruralidade. Esta diferenciação tem a ver com a intensidade da relação mantida com o cerrado de antanho.

O espaço sertanejo, nas suas características mais eminentes apresentadas na linguagem literária de Bernardo Élis - paisagem, sociabilidade, códigos culturais - encontra-se recriado. Ele acompanhou a modernização e a urbanização de Goiás: ou alterou-se na sua própria base física - o espaço das fazendas -, ou migrou e dispersou-se com a população rural para outra base física - o espaço das cidades.

O sertão descrito nos contos de Bernardo Élis, subsiste, na sua essência, em pessoas e lugares. A cultura rural está na materialização das paisagens e no registro das memórias. Do sertão aos sertões, o revés do *sertão goiano* são os *sertões goianos*, presentes nos diversos lugares onde as pessoas de origem rural ressignificam e praticam a identidade cultural sertaneja.

A identificação com a cultura sertaneja produz uma visão de mundo que fomenta a preservação da sociobiodiversidade do cerrado goiano. Esta idéia perpassa os textos de vários autores que se dedicam a esta temática, entre eles Almeida (2005;2008), Mendonça (2005), Chaveiro (2005;2008) e Rigonato (2006). Seus estudos esclarecem que participar de uma cultura não é uma prática social destituída de posturas político-ideológicas. Como prova disso, a vivência de muitas pessoas de origem rural contraria o projeto capitalista, seja no campo das representações seja no campo das ações sociais.

Representações e ações sociais fazem parte das reflexões de Chaveiro (2008). Em artigo intitulado *O cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas*, ele escreve que hoje em dia

O cerrado se coloca no centro de uma disputa de sentido, de uso e de filiações simbólicas, econômicas e políticas (...) por esse preceito descobre-se que o território cerradeiro, no contexto histórico deste período, se apresenta disputado em que se situam usineiros, agentes industriais, estrategistas financeiros, Estado e também vários setores do Movimento Social organizado, de Organizações não governamentais, do Movimento ambientalista (...) (2008,p.32)

O autor capta com propriedade o teor da disputa pelo cerrado goiano. Sua visão acadêmica tem respaldo no depoimento de uma ex- moradora do campo:

Hoje o sertão tá muito mudado. A televisão modifica a cultura sertaneja. Pra mim no campo num tinha que ter nem televisão. Mas o que me dá tristeza mesmo, é o que estão fazendo com o cerrado. Olha, menina, pra você vê, isso aqui tudo em Corumbá, nos tempo antigos, era mata de cerrado; agora o cerrado ta acabando, as pessoa só pensa em lucrar plantando soja (L. em entrevista concedida no dia 21 de janeiro de 2008)

As visões do geógrafo e da ex-camponesa, hoje moradora da zona urbana de Corumbá de Goiás, corroboram a idéia, já citada, de Almeida (2005,p.323) : a de que a valorização simbólica ou mercadológica do cerrado tem a ver com “a consciência que os homens têm de sua relação com a natureza”.

A relação homem - natureza mereceu a atenção de Rigonato (2006). Ele revelou a interrelação das populações tradicionais com as fitofisionomias do cerrado, ao estudar o município de Vila Borba – Go. Com os resultados apresentados em sua dissertação, o geógrafo apresentou propostas de manejo do cerrado na perspectiva de valorizar a cultura e a economia dos que moram naquela área particular do bioma.

As propostas de manejo do cerrado apresentadas por Rigonato (2006) evidenciam a relevância social da sua pesquisa. Elas, ao lado da dimensão política que também permeia os estudos de Chaveiro (2008), Almeida (2005), e ainda Mendonça (2005), comprovam que as discussões encabeçadas pelas ciências sociais e humanas já extrapolam o âmbito acadêmico. Elas acenam que Universidade e Estado, nas suas funções específicas, podem criar, orientar e viabilizar projetos sociais que contemplem a dimensão simbólico-cultural do território.

Nesta dissertação, a investigação da identidade cultural sertaneja também foi alimentada pela intenção de valorizar aquilo que os sujeitos produziram de substancial na sua cultura. Por isso, a literatura participou de toda a trajetória do estudo. Focalizar a construção da ressignificação da identidade cultural sertaneja goiana permitiu cogitar que é o legado daquela cultura rural que enseja, na contemporaneidade, um espaço sociocultural atravessado por temporalidades e territorialidades balizadas por valores da tradição e da modernidade.

Atentar para este dado, significa dimensionar a participação das referências culturais e das subjetividades na produção do espaço e na modelação das suas paisagens. Desse modo, a identidade cultural sertaneja possui um desdobramento político que encerra a discussão da sociobiodiversidade em áreas de remanescentes de

cerrado, onde se encontram as populações tradicionais goianas, e, também, em áreas urbanas.

Já expusemos que em pequenas e médias cidades goianas, bem como na metrópole Goiânia, há uma memória e uma simbologia do sertão cultivadas por famílias de imigrantes rurais. No entanto, não há registro mais evidente da força da cultura sertaneja no espaço urbano de Goiás e Goiânia do que as paisagens ruralizadas das suas periferias mais proletarizadas.

O terceiro capítulo foi inaugurado com as palavras de Bernardo Élis sobre as transformações do espaço sertanejo. A declaração dada pelo autor muito tempo depois de escrever “*Ermos e Gerais*”, “*Caminhos e descaminhos*” e “*Veranico de Janeiro*”, demonstra que ele soube não só traduzir o remoto universo rural, mas, também acompanhar e vislumbrar suas mudanças. Além de enxergar o modo de vida urbano no sertão, enxergou o sertão nas periferias e desejou fazer delas nova matéria da sua literatura.

Mais do que propiciar uma reflexão da construção do espaço pelos sujeitos, mormente ofuscados por discursos objetivados da existência de uma ordem social, cultural, econômica e política, o diálogo com Bernardo Élis permitiu conhecer características psicossociais dos sujeitos que produziram a cultura goiana da primeira metade do século XX. Permitiu, também, indagar como as pessoas de origem rural dialogam com o que é propriamente urbano.

A presença da cultura rural nas periferias urbanas, pensada a partir dos elos entre geografia e literatura, é um dado revelador da vivência espacial. O conhecimento desta vivência acena para concepções que recolocam e/ou reafirmam o sujeito nas inquietações dos geógrafos. Elas podem contribuir com a valorização do elemento humano nas reflexões sobre o território vivido fazendo valer as palavras de Amorim Filho (2007, p.16):

A presença de abordagens humanistas/culturais na Geografia não se torna desejável e necessária apenas pela riqueza em pluralidade que elas representam mas, sobretudo, pela humanização e beleza que elas trazem às atividades geográficas.

Referências

- ALMEIDA, Maria Geralda de. **A captura do cerrado e a precarização de territórios: Um olhar sobre sujeitos excluídos.** IN: ALMEIDA, M.G. de.(org). Tantos cerrados Múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e a singularidade sociocultural. Goiânia: Vieira, 2005, p.321-347.
- _____. 2005. **Fronteiras, territórios e territorialidades.** Revista da ANPEGE. Ano 2, N.2. Fortaleza: 103-114.
- _____.2003 **Em busca do poético do sertão: um estudo de representações.** In: ALMEIDA .M.G. de e RATTTS.A.J.P Geografia: Leituras culturais. Goiânia: Alternativa. 71-88.
- _____. 2008. (org et all) **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida.** Goiânia: Vieira.
- _____.2007 **Identidade Territorial e Cultural - Brasil Sertanejo (Mimio.)**
- ALMEIDA, Nelly Alves de. **Presença literária de Bernardo Élis.** Goiânia: Editora da UFG, 1970.
- _____.**Estudos sobre quatro regionalistas.**2 ed. Goiânia: Editora da UFG, 1985.
- ARRAIS, Tadeu .A. **Os discursos no urbano e as imagens da cidade.** (dissertação). Instituto de estudos sócio-Ambientais. Universidade federal de Goiás, 1999.
- _____. **Geografia Contemporânea de Goiás.** Goiânia: Editora Vieira, 2004.
- BENEDICT, Ruth. Padrões de cultura. Tradução: Alberto Candeias. In: GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas.** Lisboa, edição livros do Brasil, 1989. p. 13-56.
- BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás.** Goiânia: Oriente, 1978
- BOLETIM GOIANO de Geografia. Goiânia, UFG, v. 22. n.1, jul/dez. 2002.
- BOURDIE, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Diefel,1989
- BORGES, Barsanufô Gomides. **O Despertar dos Dormentes.** Goiânia: Cegraf, 1990.
- BORHEIN, Gerd A. **O conceito de Tradição.** In: Cultura Brasileira Tradição Contradição. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: LTDA, 1987.
- BOSI, Alfredo(org.). **Cultura brasileira: temas e situações.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. **Reflexões sobre a arte.** SP: Ática, 2004.
- BOSI, Eclea.(org). **Simone Weil, a condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Tradução de Therezinha G. G. Langlada. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**. Campinas: UNICAMP, 1999.
- BRAGA E CHAVEIRO. **Geografia de Goiás: Jurubatuba e a dinâmica das paisagens do sertão**. VI Congresso Brasileiro de Geografia/ AGB. Goiânia: 2004, p.1-6, 1CD-ROOMM.
- BRAGA E ALMEIDA. **Tradição e Modernidade goianas: Uma iniciação ao estudo da criação de novas territorialidades e representações simbólicas**. 2006(Mimio.)
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Teorias da interculturalidade e fracassos políticos**. In: **Diferentes, desiguais e desconectados**. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. RJ: UFRJ, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 4 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
_____. Os parceiros do Rio Bonito. 8º ed. SP: editora 34, 1997.
- CANETTI, Elias. **A consciência das palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, Iná. (Et all) org. **Geografia: conceitos e temas**. 8º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CASTILHO, Denis. **Tempo do espaço, tempo da vida: uma leitura socioespacial de Heitorai**. Goiânia: Ellos, 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Sousa - **Elementos para a produção do espaço urbano**. In: CAVALCANTI, Lana de Sousa (org). **Geografia da cidade**. Goiânia: Alternativa, 2001, p.11-32.
- CARNEIRO, Maria José. **Ruralidade: Novas identidades em construção**. Estudos Sociedade e Agricultura, 11, outubro, 1998:53-75.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução: Maria manuela Galhardo. Lisboa, Difel, 1990.
- CHAUL, Nars Fayad. **Os Caramujos Contemporâneos da Modernidade**. Goiânia: Nars Chaul, 1998.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Traços, Linhas e Matrizes Para a Compreensão de um Goiás Profundo**. In: CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). **A Captura do Território Goiano e Sua Múltipla Dimensão Socioespacial**. Goiânia: Modelo, 2005.p. 168-188.
- Goiânia, Uma metrópole em travessia**. Tese de doutoramento, São Paulo: USP, 2001.
- CLAVAL, Paul. **Campos e perspectivas da Geografia Cultural**. IN: CORRÊA, Lobato Roberto e ROSENDAHL, Zeni.(Orgs). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

COSGROVE, Denis E. **Em direção a uma geografia Cultural radical: problemas da teoria.** In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-134.

_____. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORREA, Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-121.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula.** A cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: editora Perspectiva, 1986.

ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.1944.

_____. **Caminhos e descaminhos.** Goiânia: Editora: livraria Brasil Central. 1965.

_____. **Veranico de Janeiro.** Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1966.

_____. **Onde canta a Seriema.** Goiânia: ReF, 2005.

_____. **A vida são as sombras.** Goiânia: Kelps, 200.

_____. **A vertente temática e estilística.** In: OLIVAL, Moema de Castro e Silva. O espaço da crítica panorama atual. Goiânia: UFG, 1998.

ESPÍNDOLA, H.S. 2004. **Um olhar sobre a paisagem mineira do século XIX: os sertões são vários.** Disponível em: <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/CMS/ccms/htm>.

ESTEVAM, Luis. **O Tempo da Transformação: Estrutura e Dinâmica da Formação Econômica de Goiás.** Ed. do autor, 1998.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das culturas. RJ, 1989. p. 13-41.

GÉOGRAPHIE et Cultures, Territoires littéraires. Paris, n.44, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Tradição.** In: **Mundo em Descontrole.** Tradução de Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro. Record, 2005. p.46-60.

_____. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. SP: UNESP, 1991.

GOMES, Paulo César da Costa. **A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos.** In: ROSENDAHL, Zeni e CORRÊA, Lobato (Orgs.). Religião, identidade e território. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001. p. 94-113.

- _____. 1999. **Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate.** In: ROSENDAHL, Zeni e CORRÊA, Lobato (Orgs.) Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj. P. 99-122.
- _____. 2003. **Geografia e modernidade.** 4ªed. RJ, Bertrand Brasil, 2003.
- GOMES, Horieste. **Geografia: Goiás - Tocantins/** Horieste Gomes, Antônio Teixeira Neto, Altair Sales Barbosa. – 2. ed.rev. e ampl.- Goiânia: Editora da UFG, 2005.
- GOMES, André Luís. Et all (orgs). **Entre textos: ensaios sobre Literatura, Cinema, Semiótica, Educação e Música.** SP: Antiqua, 2004.
- Gonçalves, Carlos Walter. **A invenção de novas geografias.** In: Território Territórios. AGB: Niterói, 2002.p. 258-284.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto.** SP: Àtica, 2001.
- GUILLEN, I.C.M. **O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu.** In: Burity, J.A. (org). **Cultura e identidade: Perspectivas interdisciplinares.** Rio de Janeiro: DP&A, 202, P.105-124.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos.** 2º ed. SP: Contexto, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 5º ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.
- HATZFELD, Henri. **As raízes da religião: tradição-ritual-valores.** Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1993, 284 p.
- JODELET, Denise. **As representações sociais: um domínio em expansão.** Tradução: Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-64.
- KOZEL, Salete; MENDONÇA, Francisco (org). **Elementos de epistemologia da geografia.** Paraná: UFPR, 2004.
- _____. (orgs et all) **Da percepção e cognição á representação.** SP: NEER, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MAIA, Carlos Eduardo Santos. **A tradição cavaleiresca em Pirenópolis.** In: CHAUL, Nasr Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues. (org) Goiânia: UCG, 2001.p. 143-157.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **A teoria funcional.** In: Antropologia. SP: Àtica, 1986. p.170-187.
- MARX, Karl e ENGELS. **“The Communist Manifesto”.** In Revolutions of 1948. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Os usos culturais da cultura contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais.** In: CRUZ, Rita de Cássia (et all). Turismo espaço, paisagem e cultura. 3ª edição. SP: Hucitec, 2002. p. 89-99.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a Trama – Ensaio sobre conteúdos geográficos em obras romanescas.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. 2002-2003. **O sertão: um “outro” geográfico.** Terra Brasilis. Rio de Janeiro: anos III – IV, n.4-5.
- MORAES, Robson de Sousa. **As formas contemporâneas da captura capitalista do território goiano.** In: CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). A Captura do Território Goiano e Sua Múltipla Dimensão Socioespacial. Goiânia: Modelo, 2005.
- OLANDA, Diva Aparecida Machado. **As representações de paisagens culturais do espaço goiano em obras carmobernadianas: Memórias do Vento e Jurubatuba.** Dissertação (Mestrado) Goiânia, UFG, 2006.
- ORTEGA Y GASSET. **A desumanização da arte.** São Paulo: Cortez, 1999.
- PALACIN, Luis. **O século do ouro em Goiás.** Goiânia: Oriente, 1982.
- PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina.** SP, Cortez, 1992. p.49-123.
- RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Tradução: Maria Cecília França. SP: Ática, 1993.
- RIGONATO, Valney Dias. **O modo de vida das populações tradicionais e a inter-relação com o Cerrado da microrregião da chapada dos veadeiros o distrito de Vila Borba.** Dissertação (mestrado) Goiânia, UFG, 2005.
- RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. **Sertão no plural: da linguagem geográfica ao território da diferença.** Tese (doutorado) USP/FFLCH. Universidade de São Paulo, 2001.
- ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Lobato. (orgs) **Literatura, música e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Rogério Santana. **O triunfo do conto: em Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis.** Tese (doutorado) São Paulo: 2004.
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** SP: Expressão popular, 2007.

SILVA, Edson Batista. **A contribuição do ensino não-formal para a reterritorialização nas terras do município de Goiás.** Monografia. Cidade de Goiás, UNCC (UEG), 2005.

SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro.** Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

TEIXEIRA NETO. A. **O território goiano: Formação e Processo de Povoamento e Urbanização.** In: ALMEIDA .M.G. **Abordagens geográficas de Goiás: O natural e o social na contemporaneidade.** Goiânia: IESA, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América a questão do ouro.** SP: Martins Fontes, 1993.